

# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO  
QUINTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS  
N.º 17 135 ANO 50.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo

em  
**MESA  
REDONDA**

suplemento das sextas-feiras

## Demissão provável de astronautas da NASA

HOUSTON, 3 — (R.) — Reduções drásticas no programa lunar norte-americano desanimaram e enfureceram os astronautas e cientistas do programa Apolo e põem o problema da demissão de alguns astronautas.

Agindo contra as recomendações de duas juntas científicas a NASA eliminou ontem duas das seis missões tripuladas à Lua: a Apolo-15 e a Apolo-19.

Segundo a NASA, esta medida é uma antecipação das reduções orçamentais para o presente ano financeiro

# ESTUPEFACIENTES: NOVO REGIME LEGAL

• Prisão maior de dois a oito anos e multas até 100 contos para os infractores

«O consumo de substâncias estupefacientes e em geral de drogas susceptíveis de provocar toxicomania assumiu neste século uma extensão e gravidade que o tornaram motivo de especial atenção e cuidado dos Estados e de organizações internacionais» — diz-se no preâmbulo de um decreto do Ministério

da Justiça e publicado no «Diário do Governo» de hoje. O diploma (que visa a actualização do Decreto de 24 de Agosto de 1926) é completado com uma lista de 107 produtos e drogas que devem considerar-se estupefacientes (indo desde Acetildi-hidrocodeína a Trimeperidina).

Condenações a prisão maior de dois a oito anos e multas de dez a cem contos são as penas previstas pela nova lei para quem «importe, exporte,

(Continua na página seguinte)

## WIGHT DEPOIS DO FESTIVAL



## O sorteio dos prémios efectua-se no dia 22

O sorteio dos prémios do concurso FÉRIAS NO MUNDO, que tanto interesse despertou em todo o País, realiza-se no próximo dia 22 do corrente. No dia seguinte ao do sorteio, o «Diário de Lisboa» publicará a lista dos leitores contemplados e dos prémios que lhes foram atribuídos, encerrando-se, assim, esta iniciativa que bem pode classificar-se de grandiosa.

Assim ficou o recinto onde, durante cinco dias, se realizou o Festival «Pop» da ilha de Wight com a presença de 250 a 300 mil jovens de ambos os sexos e de múltiplas nacionalidades. No último dia, centenas de «hippies» entregaram-se a uma «orgia de destruição», causando prejuízos avaliados em 30 mil libras. Armazéns e cantinas foram pilhados sistematicamente. Depois deste festival, os especialistas consideram que tal tipo de manifestações está condenado a não mais se realizar. Dizem eles que é extremamente difícil dominar as enormes multidões de jovens que a eles acorrem. Os inimigos da «sociedade da tolerância» não admitem alguns excessos a que eles se entregam, usando as drogas ou banhando-se completamente despidos

## NORMALIZADA A COTAÇÃO ESCUDO-PESETA?

A cotação do escudo em Espanha era, hoje, de 242 e 243 pesetas para cem escudos (respectivamente compra e venda), declarou ao «Diário de Lisboa» esta manhã um informador da Embaixada espanhola, que acrescentou: Esta é a cotação existente antes de terem surgido todos os incidentes dos últimos dias.

Desde anteontem que esta cotação do escudo no meu país está totalmente restabelecida, e assim deverá manter-se — acrescentou o nosso informador.

Esta cotação dá para a peseta, em escudos, respectivamente, os valores seguintes: \$413 e \$411. Entretanto, para a peseta, as cotações de ontem, em Lisboa, eram de

\$405 (compra) e de \$42 (venda).

Em Lisboa, porém, não foi possível obter confirmação oficial para a informação da Embaixada de Espanha.

Parece no entanto, em parte passada a crise peseta-escudo, provocada por uma

(Continua na 18.ª página)

HOJE 28 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

# ASSOCIAÇÃO EUROPEIA DE GRUPO-ANALISTAS

— um dos propósitos do I Simpósio Europeu de Grupo-Análise hoje inaugurado em Cascais

— Esta confrontação de opiniões e experiências vai permitir uma sólida aproximação dos grupos-analistas europeus, com vista à organização de futuras realizações similares e até de uma associação europeia de grupo-análise — disse, esta manhã, H. S. Foulkes, criador da terapêutica psicológica de grupo, na abertura do I Simpósio Europeu de Grupo-Análise.

Segundo o dr. Carlos Alcantara, assistente do Hospital Júlio de Matos, «a possibilidade de criação de uma

associação europeia de grupo-análise vai ser discutida no próximo sábado».

— Tudo leva a crer que a

possibilidade da fundação de uma associação europeia se concretize dentro de breve tempo — declarou o nosso interlocutor, um dos portugueses participantes no Simpósio.

O Simpósio, a decorrer até dia 5 no Hotel Estoril-Sol, conta com a presença de grupo-analistas portugueses, ingleses, franceses, alemães, austríacos, espanhóis e turcos.

## O Chefe do Estado inaugurou a estação automática telefónica do Estoril

O Chefe do Estado inaugurou, esta tarde, a nova estação automática telefónica do Estoril, instalada em edifício próprio, na Avenida dos Bombeiros, no Estoril.

Assistiram à cerimónia o presidente da Câmara Municipal de Cascais e o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol.

As 22 horas, o sr. almirante Américo Thomaz acompanhado dos srs. dr. César Moreira Baptista, dr. Afonso Marchueta e Serra e Moura, respectivamente, secretário de Estado da Informação e Turismo, governador civil de Lisboa, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, visita a Feira do Artesanato, em Cascais.

### SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

## DE ONTEM PARA HOJE

### DO JAPÃO E DA TAILÂNDIA

A «cordialidade que se estabelece sempre nas relações entre portugueses e japoneses» foi recordada ontem pelo ministro Rui Patrício no seu regresso do Japão e da Tailândia, países que visitou oficialmente, a convite do Governo japonês e do ministro dos Negócios Estrangeiros tailandês, respectivamente. No aeroporto de Lisboa, onde era esperado por numerosas individualidades, o dr. Rui Patrício fez o ponto das viagens e salientou alguns dos seus aspectos. A propósito do Japão, falou da Exposição de Osaka e disse que «o pavilhão português constitui naquela exposição uma representação condigna e atesta em primeiro lugar as muitas antigas relações históricas entre Portugal e o Japão». Aludindo a essas relações, o dr. Rui Patrício citou um facto que foi várias vezes recordado durante a sua visita: «Trata-se da introdução de armas de fogo pelos portugueses no Japão, no século XVI, introdução esta feita em termos pacíficos, como um acto de comércio mas que teve uma grande repercussão na vida política japonesa». O ministro dos Negócios Estrangeiros citou ainda as relações históricas que nos ligam à Tailândia e acentuou a grata recordação do seu contacto com o povo daquele país.

### ARRASTÃO APRESADO

A lança de fiscalização «Albufeira» apresou ao largo da Fuseta o arrastão espanhol «Gracioso», da praça de Huelva. Preparava-se para a faina do arrasto em águas territoriais portuguesas, infringindo, portanto, a legislação em vigor.

### ROSSELLINI EM LISBOA

A caminho de Roma e procedente de Santiago do Chile, passou ontem por Lisboa o realizador de cinema Roberto Rossellini. Não saiu do aeroporto, mas falou de cinema: dos seus projectos («estou apaixonado pelo chamado cinema dos pequenos ecrãs»), da crise do cinema («Como em todo o mundo, o cinema em Itália está em crise») e das causas da crise («Talvez seja a televisão, talvez... Mas quando o cinema é bom nada o pode prejudicar, nem mesmo a televisão»). A partida, Rossellini manifestou o desejo de passar umas «férias grandes» em Portugal: «Mas não posso. Tenho sessenta e... sessenta e tal anos e não posso dispor de mim».

### EMBAIXADOR DA ITÁLIA

No palácio da Embaixada da Itália, o embaixador Cerulli-Irelli e sua esposa ofereceram ontem uma recepção a numerosas individualidades portuguesas. A reunião assinalou a despedida do dr. Cerulli-Irelli, que cessa brevemente as suas funções em Portugal, devendo regressar a Itália no fim do mês.

### GOVERNADOR DE ANGOLA

O governador geral de Angola, tenente-coronel Rebcho Vaz, regressou ontem a Luanda, no avião da TAP. Acompanha a sua esposa e o chefe do seu gabinete, coronel Koch Fritz. Várias individualidades estiveram no aeroporto a despedir-se do governador-geral de Angola que, em Outubro, receberá a visita do ministro do Ultramar.

## PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

ORGULHA-SE DE TER PROJECTADO E FABRICADO O MODERNO EQUIPAMENTO TELEFÓNICO

GROSSBAR 5005

QUE FORNECEU PARA A ESTAÇÃO TELEFÓNICA AUTOMÁTICA DO

ESTORIL

5.000 ASSINANTES



25 Anos ao Serviço das Telecomunicações



SEDE E FÁBRICA EM LISBOA

DELEGAÇÕES NO PORTO, LOURENÇO MARQUES E LUANDA

## ESTUPEFACIENTES

(Continuação da pág. anterior)

compre, obtenha de qualquer modo, produza, prepare, cultive as plantas donde se possam extrair, prescreva, ministre, detenha, guarde, transporte, venda, exponha à venda ou de qualquer modo ofereça ou entregue ao consumo estupefacientes», estabelecendo ainda o decreto que, se aqueles actos se destinarem ao uso pessoal do agente, ou a uso alheio, mas sem intenção lucrativa, quando se não destinem à prática de crimes sexuais, a pena será de prisão até dois anos e multa de cinco a 50 contos.

No caso de as substâncias serem ilegalmente prescritas, ministradas ou fornecidas a menores de 18 anos, a pena prevista será aplicada em medida não inferior a metade da sua duração máxima.

### Penas também para os médicos

O decreto, que especifica não serem ilícitos os actos descritos «quando praticados com fins industriais, científicos ou terapêuticos» estipula ainda penas para os médicos que prescrevem estupefacientes sem que para tal haja necessidade superior a necessidades terapêuticas com intenção de favorecer o abuso de estupefacientes (prisão de dois a oito anos e multa de dez a cem contos).

O encerramento dos es-

tabelecimentos; a cassação das licenças ou autorizações relacionadas com o exercício da profissão e a suspensão do exercício dos direitos provenientes da inscrição no grémio respectivo são outras medidas previstas para qualquer comerciante ou industrial que pratique as infracções previstas no diploma.

O decreto inclui, finalmente, lista pormenorizada das preparações isentas do novo regime legal.

## EMISSORA NACIONAL

Pagamento de taxas

AVISO

Devem ser pagas até ao fim do corrente mês as taxas correspondentes às licenças de rádio e de televisão anual e de numeração terminada em 7 e semestrais com numeração terminada em 4 ou 5.

Também até final deste mês podem ainda ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças anuais com numeração terminada em 6, ou semestrais com numeração terminada em 2 ou 3, acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio devem mencionar o número da licença, sem o que serão recusados.

Administração de Propriedades BANCO DO ALENTEJO

# Como funciona o sistema americano de espionagem por satélites

WASHINGTON — No decurso do último briefing da Casa Branca de San Clemente, o Chefe de Redacção de uma agência de imprensa perguntou ao alto funcionário anónimo, encarregado de prestar informações, como funcionava o sistema americano de espionagem por satélites.

Parece — segundo disse esse funcionário — que os E. U. A. conhecem o número exacto de armas nucleares de que o Kremlin dispõe na U. R. S. S. Mas parece também que os americanos são incapazes de formular um juízo sobre a deslocação de mísseis soviéticos no Egipto, no momento do cessar-fogo.

Essa pergunta que referimos no primeiro parágrafo veio dar origem à declaração sobre a autorização feita até hoje sobre o sistema de observação por satélites: o programa top-secret «Samos».

O funcionário da Casa Branca começou por fazer notar que os problemas da observação do que se passa na U. R. S. S. e no Médio Oriente são diferentes.

— Até ao cessar-fogo — acrescentou — os E. U. A. tinham feito um esforço mais considerável acima da U. R. S. S. (a palavra acima foi a que a fonte utilizou) que acima do Médio Oriente. Kazim disse: o Médio Oriente não era uma ameaça tão

directa para os E. U. A. como a U. R. S. S.

Esta fonte descreveu assim a espionagem de que a U. R. S. S. é objecto:

— Dispomos de uma ótima base de informações, sabemos os locais que devemos observar e as datas em que devemos proceder a novas

Por  
Chalmers Roberts

(Exclusivo «The Washington Post»-(D. L.))

observações. Depois poderemos determinar se houve alterações. Nunca há dúvidas a este respeito.

Os E. U. A. nunca se preocupam com o que aconteceu nas últimas 24 horas na U. R. S. S. A mesma fonte acrescentou que foi essa uma das razões por que os americanos não observaram a invasão da Checoslováquia pela U. R. S. S.

— Em resumo — acrescentou o alto funcionário da Casa Branca — o que se passa, de semana a semana, na U. R. S. S. não tem grande importância, desde que saibamos o que se passa de 2 em 2 meses. Dado que descobrimos mísseis e torná-los operacionais requer muito tempo, regra geral, desenrola-se um ano entre o momento em que se observam os primeiros trabalhos e o momento em que os mísseis se tornam operacionais.

Este alto funcionário acrescentou que este sistema de observação por satélites é satisfatório: após 2 a 4 semanas de órbita em volta da Terra, o satélite ejecta por pára-que uma cápsula com um filme, sobre uma região do Hawaii.

Um avião dotado de um guindaste especial recolhe o filme, que depois é revelado e analisado. Então o secretário da Defesa, Melvin Laird, pode fazer, na devida altura, uma declaração pública sobre o número de mísseis soviéticos.

É igualmente possível colocar um satélite (dotado de câmaras) em órbita estacionária sobre a U. R. S. S. ou sobre qualquer outro ponto do Globo. Mas desde que os soviéticos seguissem a prática americana de utilizar satélites de reconhecimento em órbita, o emprego de satélites estacionários é considerado actualmente demasiado provocador.

Um satélite pode igualmente transmitir para Terra o que está a ver, no momento em que passa sobre uma estação terrestre americana. Mas esta técnica tem inconvenientes: as imagens são menos claras e o consumo de electricidade é demasiado grande.

Outro funcionário que participou no briefing de San Clemente declarou que os E. U. A. estavam agora em condições de detectar movimentos no Médio Oriente, dentro de um número muito limitado de horas: devido ao emprego de aviões-especiais U-2 ao longo da margem israelita do canal e também graças à retransmissão por raios laser das imagens obtidas. Segundo este sistema, actualmente utilizado no Sueste Asiático, os rolos dos filmes tirados pelos U-2 são colocados num aparelho de leitura por laser, cujos impulsos são dirigidos para um satélite, com retransmissão imediata para Washington aonde os filmes chegam em poucos minutos.

É de toda a evidência que as câmaras de Washington estavam no chão, quando foi decretado o cessar-fogo no Médio Oriente. Os E. U. A. estão agora a remediar este «defeito» de imagens. Mas o problema é diferente do da vigilância do número dos mísseis soviéticos na U. R. S. S.

O segredo que rodeia todas estas técnicas de detecção é geralmente justificado com os seguintes argumentos:

1 — os pormenores técnicos não devem ser revelados ao inimigo;

2 — qualquer revelação faz correr o risco de provocar uma reacção pública da U. R. S. S. capaz de comprometer o emprego dessas técnicas.

Pode opor-se a isto — usando de um argumento que até agora não teve qualquer êxito — que o público americano precisa de mais revelações para ficar convencido de que os acordos concluídos com os soviéticos, no Médio Oriente, na cidade de Viena ou em qualquer outro ponto não são mistificados.

## NOTA

### NA FRENTE CAMBIAL

DO MERCADO CAMBIAL o menos que se pode dizer é que se mostra sensível. Talvez não se saiba a quê, mas evidentemente sensível a circunstância cuja natureza, origem e fins parecem de difícil interpretação. Claro que é fácil introduzir na tentativa de esquema analítico a palavra «manobra», mas isso pouco adianta no entendimento que se procura, apenas transfere a dificuldade para um degrau diferente. Manobra de quem, por quê, para quê? Ataque ao escudo, do qual há pouco mais de oito dias o Governo assegurou que não lhe seria imposta a cirurgia da desvalorização? Ataque directo ou indirecto? Ou preparar algum ricochete para atingir outro alvo?

Claro que fica de pé a ideia de que está em curso manobra de sentido especulativo lançada à dimensão internacional. Mas, assinalando-se-lhe os primeiros efeitos em Espanha, aparentemente contra o escudo, não pode fugir-se à surpresa de que tal situação se tenha revelado precisamente quando estão em curso propósitos tomados públicos de uma estreita cooperação nos domínios da economia peninsular. E aqui, como é inevitável, aparecem a cavalo uma por outra as considerações de ordem política e as de ordem económica. Qual dos dois sectores, na hora que passa, tem força bastante para mostrar supremacia em relação ao outro?

Sempre o factor económico influenciou o factor político, exactamente como este sempre há-de condicionar aquele. Esta interdependência é por demais evidente para que se torne preciso sublinhá-la. E esse é, claro que é, o aspecto mais acessível à tentativa de interpretação do fenómeno pelas pessoas comuns, pouco dadas à possibilidade de uma análise técnica, que de momento se vê escapar mesmo aos entendidos, mas muito sensíveis a reacções por assim dizer de natureza epidémica. O fenómeno sente-se na pele, faz uma espécie de irritação cuja origem se não vê (às vezes nem os dermatologistas) mas cujos resultados é difícil deixar de sentir. E às vezes a cura vai por tentativas.

Claro que estamos a circunscrever, a limitar o fenómeno ao quadro peninsular, onde ele se desenhou e onde, para nós, os seus efeitos mais se fazem sentir. Mas estão já a identificar-se repercussões à distância, se é que de repercussões se trata e não, antes, de outros «empenhamentos» de uma batalha geral que esteja a travar-se, «acções de patrulhas», «operações de reconhecimento». A palavra desvalorização referida às moedas está a correr mundo. A Inglaterra e a França aplicaram-na parece que com oportunidade e êxito. O Brasil tem feito sucessivas desvalorizações, só este ano já por três vezes e nem por isso o esplendor da terra brasileira parece afectado, como se a riqueza brotasse espontânea.

A mais recente desvalorização foi a que se praticou, há cerca de um mês, na Turquia, aliás em proporções inabituais, nada menos que em sessenta por cento! O fenómeno foi encarado como tendo, se não o aval, ao menos o beneplácito dos Estados Unidos, onde a economia turca tem encontrado continuado e decidido amparo. Mas quantas vezes, desde há dois anos para cá, se tem considerado a hipótese da desvalorização do próprio dólar? É difícil, no mundo de hoje, tão interligado, tão interdependente e ao mesmo tempo tão concorrencial, pretender aplicar fórmulas que, noutras conjunturas, parecem indiscutíveis. Tudo é diferente, tudo cada dia é mais diferente que na véspera. Então e as lições do passado? Já de nada servem? Hão-de servir até, pelo menos, em muitos casos, para nos mostrar a necessidade de fazer diferente.

EXTERNATOS

PARA MAIORES  
DE 18 ANOS

CRISFAL

MANHÃ  
TARDE  
NOITE

AV. DA REPÚBLICA, 83 — TEL. 77 90 47 - 76 96 20

LICEU — CICLO PREPARATÓRIO

CONCURSO COMPRE GRUNDIG Candy FAGOR V PERPETUUM EBNER PROGRESS  
E HABILITE-SE A 1 AUTOMÓVEL POR SEMANA MORRIS 1000



Realizou-se na passada sexta-feira, dia 28, um dos Stands da firma A. M. ALMEIDA, S. A. R. L., e na presença de um representante desta firma, a entrega de um magnífico automóvel MORRIS 1000, ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor João Alfredo Charrua, do Entroncamento, feliz contemplado do 5.º sorteio semanal do já famoso PÓ PÓ CONCURSO, o qual adquiriu na firma GUILHERME A. R. COSTA, de Constância, um modelo musical GRUNDIG, modelo MANDELLO 4. Na fotografia, um delegado das firmas promotoras do concurso, NACIONAL RÁDIO, S. A. R. L. e Sociedade de Representações SANTOS, GUIMARAES & OLIVEIRA, S. A. R. L., entregando as chaves do carro ao premiado, na presença do Ex.<sup>mo</sup> Senhor GUILHERME A. R. COSTA, agente exclusivo, em Constância, das conhecidas marcas que habilitam ao sorteio semanal de um automóvel: GRUNDIG, CANDY, FAGOR, PROGRESS e PERPETUUM EBNER



Operações de Bolsa  
BANCO DO ALENTEJO

**NOVO CASINO ESTORIL**

SALA DE JOGOS  
TODOS OS DIAS  
DAS 19 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"  
ACESSO LIVRE  
MAIORES DE 21 ANOS

---

**Les Ballets de PIERRE FRANK**

em

**Folies Royales**

produção de  
PIERRE FRANK  
e PERRY McCANN

---

conjunto vocal inglês

**BROTHERLY LOVE**

**ILES ROSETTI**  
comediantes da acrobacia

com António Luis Gomes  
**NATALINA JOSE** e Raul Silva

---

**JIRINA'S COMBO**  
"FORMA 5" com Vítor e Paul  
**FERRER TRINDADE**  
e sua orquestra

---

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE  
AS 23.30 H MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR À 1,00 H  
MAIORES DE 21 ANOS

**RITA REAMUR**  
SO NO WONDER BAR

No Cinema  
às 17 e 21.30  
**A PERVERSA**  
(M. 17 anos)

# RUBINSTEIN FIEL A SI PRÓPRIO

Um recital de Artur Rubinstein é sempre um acontecimento — mundano, sem dúvida, mas também, e sobretudo, artístico. Momento quando, como ontem aconteceu no Auditório Gulbenkian, se trata de um programa preenchido com obras de Chopin. Já que Rubinstein é considerado, desde longa data (e com inteira justiça, acrescenta-se) um intérprete excepcional e particularmente convincente do mestre polaco. O halo poético, a elegância, a subtilidade de cambiantes sonoras de que se revestem as suas versões chopinianas continuam a impôr-se como padrões a considerar, nalguns casos ainda não ultrapassados ou dificilmente atingíveis em matéria de estilo ou de pura expressividade. O disco fixou para a posteridade muitas dessas versões paradigmáticas, que, para lá das modas e da variabilidade dos critérios, mantêm a sua validade artística.

O grande pianista já completou 81 anos. E, perante esta avançada idade, seria lícito recear, no caso do recital de ontem, uma quebra muito notória de qualidade, no duplo aspecto de execução e interpretação, comprometedor, afinal, para um passado tão brilhante e uma carreira invulgarmente preenchida.

Contudo, as aves de mau agouro não puderam saciar-se ainda desta vez. Claro que os anos já se fazem sentir num ou noutro pormenor. Mas encontramos um Rubinstein fiel a si próprio, nas suas concepções genéricas co-

mo no encanto de determinação inflexão, no fluir do discurso, na «atmosfera» sempre cativante e nunca elvada de mau gosto. Logo no lançamento da frase inicial da «Fantasia op. 48» tivemos uma prova concludente da classe do intérprete, embora a referida obra estivesse longe de ser a melhor realização da tarde, em meros termos de execução. No chamado «Prelúdio dos Gotas», Rubinstein provou, com admirável constância, a sua capacidade de diferenciação colorística, mediante uma grande subtilidade de nuances. E, depois, que soberbo triunfo da técnica e de sentido estético na «Pola-

ca em fá sustenido», na qual ficou exemplarmente realçado o motivo rítmico, quase de marcha, que obsessivamente atravessa a peça, e foram jogadas a primor determinadas transições de intensidade e colorido.

Grosso modo, a segunda parte do concerto decorreu mais homogênea quanto a interacção, digamos assim, dos aspectos de execução e interpretação. Iniciou-se com a «Balada em sol menor», não faltando os exemplos excelentes de envolvimento poético, em nível a que nenhum auditório resiste. Porém, no conjunto, a versão da «Balada em lá bemol maior» atraiu,

em confronto, o nosso interesse. Bem presente na realização dessas páginas um mestre estilista digno de ser meditado. Quanto ao «Nocturno em ré bemol», foi um prodígio de finura e de clima. E na «Polaca em lá bemol», um dos grandes triunfos apocalípticos de Rubinstein, o célebre pianista surpreendeu-nos verdadeiramente por uma energia e uma exaltação romântica (mas sempre controlada) que dir-se-iam já impossíveis aos 80 anos...

Os trechos tocados em extra, têm de contar-se entre os momentos mais altos do con-

(Continua na 6.ª página)

**Teatro MARIA MATOS** TEL. 717017

HOJE, AS 21.45 HORAS  
tal como nas tardes de sábados

**PREÇOS POPULARES**  
BALCÃO: 10\$, 15\$ e 30\$00  
PLATEIA: 30\$00 e 50\$00

ÚLTIMOS DIAS da divertidíssima sátira

**A RELÍQUIA DE QUEIROZ**  
TODAS AS NOITES AS 21.45 HORAS  
Sábados e domingos também às 16 horas  
AR REFRIGERADO  
(Maiores de 17 anos)

**TEATRO LAURA ALVES** 3.ª-FEIRA SENSACIONAL ESTREIA

Uma autêntica obra-prima do moderno Teatro americano saída da pena vigorosa do maior dramaturgo da actualidade

**ARTHUR MILLER**  
**O PREÇO**

Produção de VASCO MORGADO que marca o regresso aos palcos de  
**JOSÉ GAMBOA** (Adultos)

**Crédito Universitário**  
BANCO DO ALENTEJO

**SE TEM AUTOMÓVEL**  
realize dinheiro a/ hipotecar, ou a/ transferir, a/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D Estefânia, 81. 3.º Dt. — Telet 40049-563751. Aguardo sua visita ou telefonema

VASCO MORGADO apresenta  
AR CONDICIONADO  
**TEATRO VILLARET** (Adultos)  
o mais moderno e confortável do país

NOVAMENTE JUNTOS O **SÃO LUIZ** O **ALVALADE**  
e a COLUMBIA FILMES APRESENTAM UMA PRODUÇÃO CHARLES H. SCHNEER

De Londres para Atenas até à ilha de Corfú... para liquidar um traidor... porque cada dia que ele vive causa a morte de alguém!

**GEORGE PEPPARD**  
é... **O EXECUTOR**  
(THE EXECUTIONER)

JOAN COLLINS / JUDY GEESON / OSCAR HOMOLKA / CHARLES GRAY / KEITH MICHELL  
GEORGE BAKER • NIGEL PATRICK / legend de JACK PULMAN / Bas. de Gordon McDONELL / Music de ROY GOODWIN  
Prod. de CHARLES H. SCHNEER / Dir. de SAM WANAMAKER / PANAVISION / TECHNICOLOR

**SÃO LUIZ** AMANHÃ, ESTREIA **ALVALADE**

HOJE, AS 21 e AS 23 HORAS

**10.º MÊS**  
DE GARGALHADAS

**RAUL SOLNADO** EM

**O VISON VOADOR**  
COM MARIA PAULA, FERNANDA BORSATTI, YOLA, MARIA LAURENT, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES

**«O VISON VOADOR»**  
É O FIM DA GARGALHADA (e está prestes a aterrorizar...)

**CASA**

Precisa-se para escritório, com a área aproximada de 250 m2, na zona Rato — Príncipe Real — Camões. Resposta a este Jornal, ao N.º 577.

# As 20 canções brasileiras do Festival do Rio de Janeiro

Um ginásio pronto a estrear, o novo Maracanãzinho, vai (pela quinta vez) ser cenário do Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro, que se divide em duas competições (nacional e internacional) e é dirigido pelo dr. Augusto

Marzagão.

Enquanto não está decidida a lista dos intérpretes e melodias dos 48 países convidados, foi já tornado público o resultado da selecção de composições brasileiras que são vinte.

Titulos, autores e intérpretes:

«Sermão», de Baden Powell e Paulo César Pinheiro na voz de Elis Regina; «Deixa Ficar», de Ronnie Von, que será defendida pelo próprio autor e pelo conjunto «Coisas de Agora»; «Dulcinéia Popular Brasileira», de Tomzé, a interpretar por Vera Regina; «Feliz Feliz», de Hermes de Aquino, terá aos microfones o autor e mais o conjunto «O Bando»; «Ficar é Mais Morrer», de Tito Madi, com Marisa e o Grupo Mineiro; «Frases», de Nelson Ned Helena, será interpretada pelo próprio Nelson Ned; «Luísa Manequim», de Abílio Manuel, também será «defendida» pelo autor; «Nascente», de Fábio e Paulo Imperial, será cantada por Fábio acompanhado por Tony e Frank; «O Quarto» será defendida por

sua autora, Elizabeth; «Paixão Solar», de Rui e Cynara, será «defendida» pelo Quarteto Forma; «Quem Tem tempo para Ser meu Amigo», de Alberto Landi, terá como intérprete Talguara; «Universo do Teu Corpo» e de Adilson Godoy e Márcio Borges, são interpretadas por Silvia Maria; «Rio Paraná», de Ari Toledo e Chico de Assis, terá desempenho da dupla calpira Tonico e Tinoco; «Sabe Lá o que Vem por Ai?», de Luis Otávio Bonfá e Ronaldo Monteiro de Sousa, vai ser cantada por Clara Nunes; «Samba do Ficar», de Elisio Brasileiro e Toninho de Inema, terá a interpretação do conjunto Inema; «Sózinho Vagando», de Marisa Belmonte Fossa, com a autora em palco; «Tão Preso pela teu Olhar», de Valgêncio Rangel e Marco Antônio da Silva Ramos, será cantada pelos «Três

Morais»; «Vai e Vem», de Luis Mendes Jr. e Renato Terra, terá o próprio Luis Mendes Jr. e mais Quiko e Luis Henrique aos microfones; «Vivências», de Paulinho Tapajós, Chico Lessa e Edmundo Souto, terá os conjuntos «O Terço» e «Umas e Outras», como intérpretes e, por último, «Volta à Verdade», de William Prado, ainda não tem intérprete escolhido.

## Amigos da Costa

O Grupo Amigos da Costa fez-nos chegar a seguinte informação:

«Em virtude da controvérsia e preocupações causadas pelo Festival de Música Pop no Estoril, o Baile de Música Pop a realizar no Restaurante Ninho (Caparica) no próximo dia 5, dadas as exigências de garantias pelo proprietário do citado estabelecimento e ainda por se ter constatado que os conjuntos artísticos «Objectivo», «Chinchillas» e «Hara-Zenna» não executam música portuguesa, facto que se prestaria a protestos, foi resolvido cancelar a realização daquele baile, terminando aqui toda e qualquer responsabilidade do Grupo Amigos da Costa.

Deste modo lamenta-se não poder o Grupo Amigos da Costa colaborar nas iniciativas artísticas da Juventude, que constantemente pede incentivo para as suas realizações culturais e artísticas».

Jean Simmons John Forsythe Shirley Jones

adultos  
United Artists



...para  
uma mulher  
tudo é possível  
na vida  
quando  
o dinheiro  
não falta...

-até o encontro  
com a  
solidão!

AMAR sem AMOR

"The Happy Ending"

Um grande e merecido êxito!

Merece ser visto e meditado por todos  
os que acreditam na importância do AMOR...

2ª SEMANA

SÃO JORGE



MÚSICA Michel Legrand FOTOGRAFIA Conrad Hall, A.S.C.

Panavision® Technicolor®

2ª SEMANA  
UM ÊXITO QUE  
CONTINUA POR  
IMPOSIÇÃO DO  
PÚBLICO!



Este começa onde os outros grandes filmes acabam!

COLUMBIA FILMES apresenta a produção de LINO DE LAURENTIS

"BARABBAS"

com ANTHONY QUINN em Barabbas

Por ordem de apresentação

SILVANA MANGANO • ARTHUR KENNEDY

KATY JURADO • HARRY ANDREWS

VITTORIO GASSMAN • JACK PALANCE

ERNEST BORGNINE

Baseado na novela de PAR Lagerkvist

Argumento de CHRISTOPHER FRY

Produção de DINO DE LAURENTIS

Realização de RICHARD FLEISCHER

MAIORES DE 12 ANOS

TECHNICOLOR® • TECHNIRAMA®

ÀS 21.30 NO EDEN

ATENÇÃO AS HORAS DO ESPECTÁCULO

Conta Juventude  
BANCO DO ALENTEJO

NA  
FEIRA POPULAR  
DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL  
DE «O SÉCULO»

VALORIZANDO O SEU QUADRO DE DIVERSÃO  
HA INTERESSANTES EXPOSIÇÕES DOS  
MAIS VARIADOS ARTIGOS

UM ESPECTÁCULO QUE NÃO CANSA, QUE DIVERTE  
E DA ALEGRIA A TODOS OS VISITANTES  
TODAS AS ATRAÇÕES EM MOVIMENTO  
CONSTANTE

DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER  
ABERTURA ÀS 19 HORAS — ENTRADA 2 ESCUDOS



música nas férias

A melhor oportunidade, durante  
os meses de Julho, Agosto e  
Setembro, para comprar um  
Renault 8S, já equipado com  
um rádio Voxson.

RENAULT 8S

RENAULT CHEGOU, E... ULTRAPASSOU



EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRIAL  
MÁRIO GONZAGA RIBEIRO  
RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 15-C T. 767167



GATÃO

um  
VINHO VERDE  
afamado



TROVADOR

um vinho ROSE  
levemente macio  
sem ser adamado





## • NO MUNDIAL

**TÍTULO:** «Os Estrangeiros» (Les Etrangers).

**REALIZAÇÃO:** Jean-Pierre Desagnat, 1968 (França).

**ARGUMENTO:** André Lai, segundo romance de sua autoria.

**MUSICA:** François de Roubaix.

**PRODUÇÃO:** André Hunebelle (Eastman-color).

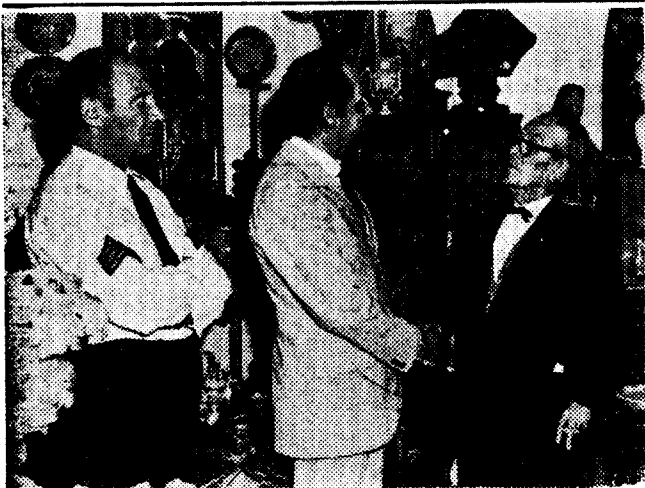
**INTERPRETES:** Michel Constantin, Senta Berger, Julian Mateos, Hans Meyer, etc.

**DISTRIBUIÇÃO:** Filmes Lusomundo.

Dois homens, uma mulher e uma mula — eis os intérpretes principais, com particular relevo para a mula. Diamantes escondidos na quinta trave da galeria principal de uma mina — eis o pomo da discórdia. Isto não falando também do comissário da polícia, um Blaise de ascendência alemã que sempre que entra em cena se começam a partir pratos na banda sonora (vá-se lá saber porquê!). De início, Kaine mata os habitantes (todos) de uma pequena aldeia perto de Socorro e foge com as pedras em bruto roubadas do banco. Esconde-as na mina e vai parar a casa

de Chamoun, onde este se refugia do sindicato por ter roubado a mulher a um «gangster» de alto coturno. E depois é um desfiar de idiotices que nunca mais acabam. Kaine, às tantas, como ninguém o acredita já (é bem feito!), jura pelo amor da mãe (a única pessoa de quem gostou na vida inteira, acrescenta). Mas depois de apanhar a espingarda (que era tudo quanto queria) afirma que elas são todas umas cabras (salvo seja!) e que nunca gostou de ninguém (bem feito, bem feito, bem feito). Leva com café a ferver na cara e além disso pregam-lhe um arraiá de tábua com cordas (que sádica é aquela Senta Berger!). Entretanto a mula vai e vem, entra em casa e sai e acaba por ser oferecida a um senhor guarda que por ali passou e como se havia portado bem a ganhou como prémio. Era justo. Como era justo também que o sadismo de Senta Berger fosse integralmente aplicado ao realizador — o senhor Jean-Pierre Desagnat que além de ostentar um mau gosto incomparável e de ter adaptado ao cinema uma novela policial de um ridículo perfeitamente insuspeitado, é certamente, seguramente, irremediavelmente um dos piores realizadores do cinema francês.

LAURO ANTÓNIO



Varela Silva, Jacinto Ramos e José Gamboa numa cena de «O Preço», de Arthur Miller, em últimos ensaios no Teatro Laura Alves. Na peça (encenada por Jacinto Ramos) participa também Glória de Matos

## VIDA MUSICAL

(Continuação da 4.ª página)

certo: um «Estudo» de Chopin numa execução plena de nitidez. Uma «Valsa em dó sustenido menor» inesquecível, e o único trecho que não levava a assinatura de Chopin: o «Scherzo-Valsa» de Chabrier, uma versão perfeitamente de antologia pela intensidade e pela verve.

NUNO BARREIROS

O «Concurso Beethoven» Terminou a primeira eliminatória do II Concurso Internacional da Costa do Sol, organizado pela Junta de Turismo local, dentro do plano dos IX Cursos Musicais Internacionais de Férias. Beethoven é a figura temática do concurso. Piano e violino são os instrumentos a utilizar pelos concertistas. O júri (onde se integra San-

dor Vegg) assistiu à audição no Pavilhão de Congressos do Estoril, e deliberou que passassem à eliminatória seguinte as duplas concorrentes: Jean Paul Garot e Richard Castelvi, Nibel Murray e David Ward, André Delcourt e António Mário Barbosa, Nina Martín e Rosaline Bevan, Albor Rosenfeld e Caio Pagano, Yuuky Chiharu e Jean Pierre Faber.

## O PROSCENIUM EM TOMAR

TOMAR, 3. — O grupo de teatro Proscenium, dirigido por Pedro Lemos, é aqui esperado no próximo dia 12 para um espectáculo com a «Silva Vicentina», montagem (em forma de revista) de textos do autor das «Barcas».

## MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO 6 DE SETEMBRO, AS 17 H.

M/ 6 ANOS

## A CORRIDA DA EMOÇÃO 6 TOIROS DE 500 KG

DA GANADARIA DE MANUEL CESAR RODRIGUES SERÃO LIDADOS PELOS FAMOSOS CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA — D. FRANCISCO AZARUJINHA — GUSTAVO ZENKL

FORCADOS: AMADORES DO RIBATEJO COMANDADOS POR JULIO PARENTE DE ALMEIDA E AMADORES CADEMICOS DE VILA FRANCA COMANDADOS POR MIGUEL PALHA VAN-ZELLER

BILHETEIRAS: AGENCIA ABEP-RESTAURADORES E EM CASCAIS NOS LOCAIS DO COSTUME



J. PIMENTA, S. A. R. L.

uma casa para qualquer caso

## Férias diferentes!

Comprando ou alugando um Apartamento Mobilado

Este ano, por um preço módico, pode utilizar todo o conforto dos novos Apartamentos, completamente equipados com louças, roupas, etc.

- Magnífica vista para o mar
- Localização: junto à praia



Aspecto de um dos nossos famosos Apartamentos Mobilados

A ORGANIZAÇÃO DO GÉNERO, MAIS EXPERIENTE  
14 ANOS DE ACTIVIDADE PRESTIGIOSA  
5000 CLIENTES SATISFEITOS

Seja o dono de um andar ou apartamento mobilado em: Lisboa, Amadora, Paço de Arcos ou Cascais

Apartamentos Mobilados desde  
**150 contos**

Informações e Apartamentos em exposição:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15.  
1.º — Telef. 4 58 43 / 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30  
Telef. 95 20 21 / 22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

FAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 243 35 11

CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 10, n.º 30 — Telef. 28 25 75

Conjunto Turístico da Pampilheira  
Telef. 28 39 88



Este edifício comporta 200 inquilinos distribuídos por 18 pisos e foi construído em dez meses por J. PIMENTA, S. A. R. L.



**ESTALAGEM DE LUSO**  
**TERMAS DO LUSO**  
TODOS OS QUARTOS COM BANHO  
Situação magnífica dentro do Jardim Privativo e a 2 km da maravilhosa floresta do Buçaco  
Para Reservas-Telef. 031-93114

## GALERIA REAL

RESTAURANTE — BAR — SALÃO DE CHÁ  
SÃO PEDRO DE SINTRA TELEF. 981661

Amanhã, sexta-feira, dia 4, as mesas usinas estão reservadas a uma distinta família, a partir das 17 horas, para um BANQUETE DE CASAMENTO.  
Pedimos desculpa aos nossos habituais clientes dos almoços e chás.

A DIRECÇÃO

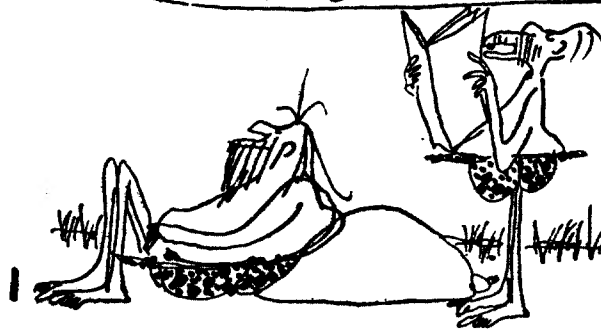
## Homenagem ao eng. Machado Vaz

PORTO, 3 — Amanhã, pelas 18 horas, haverá, na sede dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade, uma sessão de homenagem ao sr. eng. José Albino Machado Vaz que, nesse dia, deixa, por aposentação, o cargo de director dos serviços, onde se manteve durante 30 anos.

Assiste ao acto o presidente da Câmara e usarão da palavra o director-adjunto dos serviços, eng. Fritz Hoosen, em nome do funcionalismo, o antigo vereador sr. João dos Santos Ferreira e o dr. Paulo Pombo, actual presidente do conselho de administração. A um dos gabinetes centrais da sede daqueles serviços, que outrora foi moradia real, será dado o nome de «Sala eng. Machado Vaz», descerrando-se ali uma placa comemorativa. Um dos últimos actos do actual director, na sessão de amanhã, será descerrar uma outra placa, num gabinete contíguo, com o nome de «Sala eng. Ezequiel de Campos», em homenagem à memória do director que o precedeu e que foi também outra das grandes figuras da electrificação do Porto e do nosso País.

## koko

QUE TAL ACHAS ESTA NOVA APRESENTAÇÃO DO JORNAL COM O DESAPARECIMENTO DO 2.º CADERNO?



NÃO CONCORDO E NÃO GOSTO E DESAPROVO



PODEM-SE SABER AS TUAS RAZÕES?



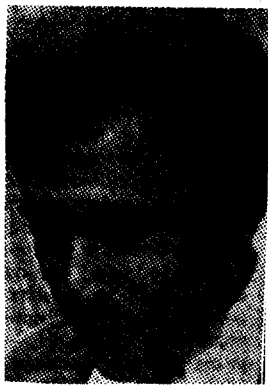
A MINHA SECÇÃO VEIO HOJE NA PÁGINA DA NECROLOGIA



## ora diga-nos...

### — Pensa comprar roupa de inverno?

Quem vai para o mar, avia-se em terra. No caso: antes do Inverno, preparemo-nos para ele.



— Se precisar comprar, se não precisar não compro — afirma, desconfiada com a nossa pergunta, a sr.ª D. Maria Correia Vicente.



— Uma gabardina, pelo menos — diz o sr. Albino do Carmo Felizardo.  
— Mais nada?  
— Bem, isso depende do rigor do tempo e... sobretudo do dinheiro.



— Pouca coisa. O que tenho do ano passado deve chegar — afirma o sr. António Fernandes.  
— Em especial, o que comprará?  
— Talvez roupas de agasalho...

## IV JORNADAS MÉDICAS LUSO-GALAICAS

COIMBRA, 3 — Com uma sessão inaugural realizada ao fim da tarde, na Sala de Anatomia Dr. Maximino Correia, começaram hoje os trabalhos das IV Jornadas Médico Luso-Galaicas, em que participam médicos de várias cidades da Galiza, alguns dos quais acompanhados de suas esposas.

A sessão é presidida pelo magnífico reitor e são oradores o director da Faculdade

de Medicina e presidente da comissão organizadora das Jornadas, prof. dr. Vaz Serra, prof. dr. Alejandro Novo, como presidente das Jornadas do lado espanhol e o presidente da Academia Médica Cirúrgica de Vigo, dr. José António Adrio.

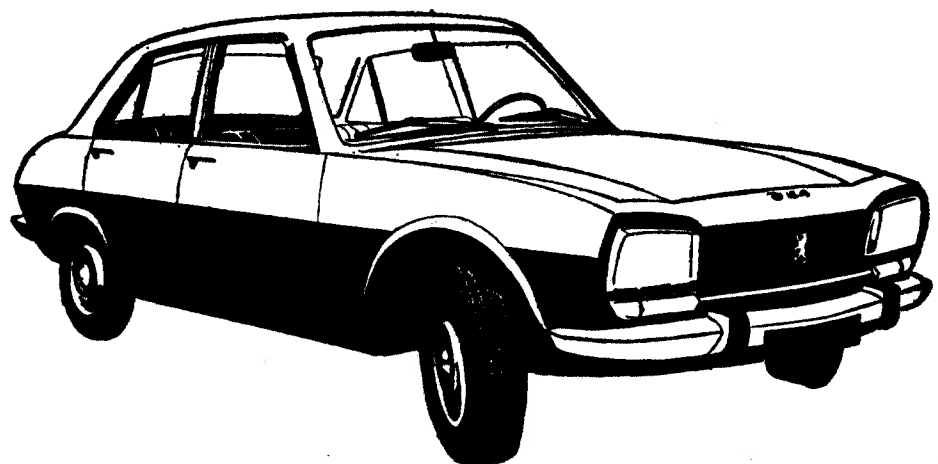
Após a sessão inaugural, o prof. dr. Ramon Dominguez proferiu a lição inaugural. À noite, pelas 20 horas, na Reitoria da Universidade haverá uma recepção.

## DOIS CHINESES NATURALIZAM-SE PORTUGUESES

Dois chineses residentes na Betra — Moçambique (os srs. Chen Pa Hao — ou Po How — e Hoi Siu) acabam de adquirir a nacionalidade portuguesa, por naturalização, conforme decretos hoje publicados no «Diário do Governo». Passam a chamar-se, respectivamente, Vicente Chen Pa Hao e Ricardo Hoi Siu.

## PEUGEOT

# 504

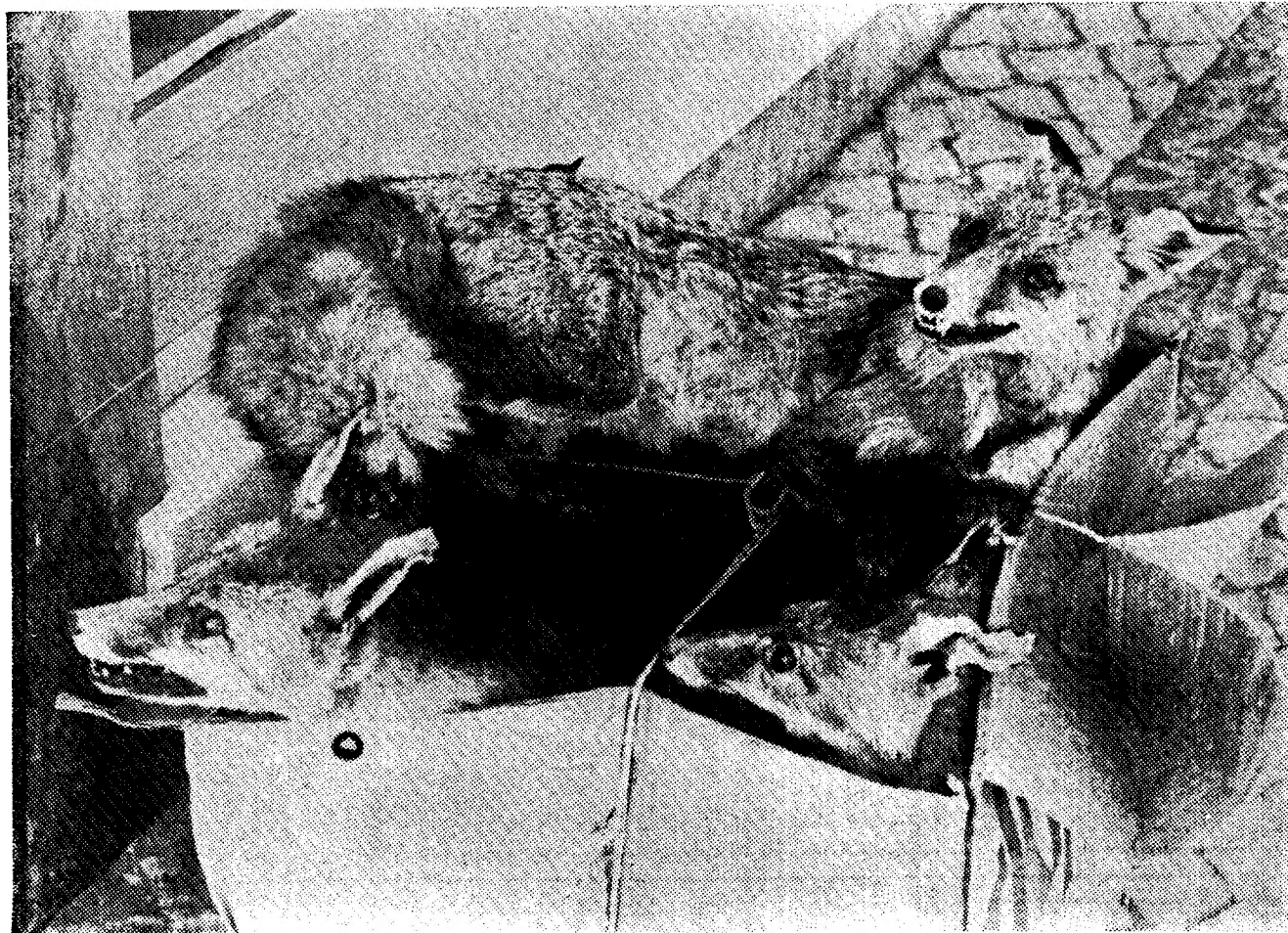


Motor — Super quadrado — 4 cilindros  
Cilindrada — 1776 cm.  
Taxa de compressão — 9,2/1  
Potência — 57 CV  
Regime — 5500 rpm.  
Cabeça com câmara de admissão comum.  
Válvulas à cabeça.  
Câmbio com 5 velocidades.  
Embragem — de comando Mérolles.  
Cabo de Velocidade — 4 velocidades sincronizadas alíquotas e marcha atrás.  
Suspensão — 4 rodas independentes — molas helicoidais e amortecedores Peugeot hidráulicos, telescópicos de efeito duplo.  
Direção — de servomecânica.  
Freios — de disco às quatro rodas, acionados com servo-freio e compensador de travagem.  
Pressão — 175 x 235.  
Velocidade Máxima — 156 km/h.

MOCAR Av. António Augusto de Aguiar, 19-A — LISBOA



# RAPOSAS EM CAIXOTE



O quotidiano da capital acaba sempre por oferecer imagens insólitas. Numa das ruas, deparou-se-nos este caixote de raposas, com o ar de estarem prontas a esgueirar-se nas direcções dos quatro pontos cardiais. E afinal, só não abalavam em correria porque, a despeito do seu ar vivo, se tratava de animais embalsamados, prontos a seguir, em transporte automóvel, para as secções de Zoologia de diversos estabelecimentos de ensino

\* aceite o nosso CONVITE \*

## PROSSEGUE COM ÊXITO A NOSSA INICIATIVA

Prossegue com êxito a iniciativa que estamos a promover, com a colaboração dos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol. Efectivamente, milhares de leitores participam no concurso, habilitando-se semanalmente à possibilidade de algumas horas agradáveis, jantando e ouvindo o fado ou a dançar numa elegante «boite», sem ser preciso gastar dinheiro.

Basta coleccionar os cupões que publicamos de segunda a sábado, juntar-lhes os boletins de

identificação (que publicamos também ao sábado e devem ser preenchidos com letra bem legível), remetendo-os para os nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 185, 1.º (em Lisboa). Nada mais é necessário para ficar habilitado ao sortelo que, semanalmente, contempla algumas dezenas de concorrentes. E lembremos que cada premiado pode fazer-se acompanhar por um parente ou amigo. É duplo, portanto, o prémio que lhe cabe em sorte.

Accepte também o nosso convite: divirta-se, sem gastar dinheiro.

## Novos prémios nos sorteios de certificados de aforro

O 34.º sorteio trimestral de certificados de aforro decorrerá na sede da Junta do Crédito Público, no dia 30, às 10 horas, e com ele se inicia um novo e mais amplo plano de prémios, que são: um 1.º prémio de 100 000\$00; dois 2.º prémios de 30 000\$00 cada um; três 3.º de 20 000\$00

cada; dez 4.º de 5000\$00 cada; e sessenta 5.º de 1000\$00 cada.

Estes prémios são constituídos por certificados de aforro, cujos valores de aquisição correspondem a 70 000\$, 21 000\$, 14 000\$, 3 500\$ e 700\$00.

## BOM APETITE

### CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168  
ESPECIALIDADES DIÁRIAS  
AOS SÁBADOS E DOMINGOS  
ORQUESTRA PRIVATIVA  
DESTE RESTAURANTE  
(Maiores de 15 anos)

### A COLMEIA

RESTAURANTE DIETÉTICO  
E MACROBIÓTICA  
(VIDA LONGA)  
SELF-SERVICE  
ENCERRADO AOS DOMINGOS  
RUA DA EMENDA, 110-2.  
T. 370500 (AO CAMÕES)

### Solar do Minho

Rua do Vigário, 60 — Alfama  
(St.º Estêvão) — Tel. 866811

### FADOS — FOLCLORE

Jantar COMPLETO  
50\$00 por pessoa  
M/ 17 anos

### CHURRASCO

ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.  
Rua das Portas St.º Antão, 83  
Telef. 323059

### RESTAURANTE

### QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144  
Telef. 790211

### JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(Maiores de 15 anos)  
Premiado pelo S. N. 1

## LÁ PARA MEIO DO MÊS

## VAMOS TER CHUVA (FRACA) — DIZ A METEOROLOGIA

Segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura» é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente para esta quinzena:

Até 10 de Setembro: Céu limpo ou pouco nublado, com períodos de muito nublado durante a manhã na orla costeira ocidental para norte do cabo Espichel; neblina

ou nevoeiro matinais nas regiões do interior; temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

De 11 a 15 de Setembro: Nas regiões do Norte e Centro, céu muito nublado alternando com abertas; períodos de chuva fraca ou chuvisco mais frequentes nas regiões do Norte; temperatura média do ar abaixo

dos valores normais da época; nas regiões do Sul, céu geralmente pouco nublado; temperatura média do ar abaixo dos valores normais da época.

Em todo o período: vento fraco a moderado do quadrante noroeste e regime de nortada, por vezes forte, durante a tarde, na orla costeira ocidental para sul do cabo Carvoeiro.

## UNIDADE DA ARMADA DOS E. U. A.

Entrou hoje de manhã no Tejo e atracou à doca da Marinha, o navio «Petrel» (ASR-14) da Armada dos Estados Unidos da América, do comando do capitão-tenente F. M. Richards e com uma guarnição constituída por 5 oficiais e 36 sargentos e praças. Desloca 2141 toneladas e veio ao nosso porto em visita de rotina, com a permanência de três dias.

Depois de ter recebido a

bordo os oficiais de cumprimentos do Comando Naval do Continente e de ligação e o adido naval americano, o comandante Richards, desembarcou e apresentou cumprimentos ao chefe da M. A. A. G., ao embaixador do seu

país e ao comandante naval do Continente, entidades que mais tarde retribuíram os cumprimentos. A tripulação tem a sexta-feira e o sábado livres. No domingo o barco deixará o Tejo, pelas 10 horas.

## APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

16.ª COLECÇÃO

## LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 2 de Setembro de 1970



## VIDA SOCIAL

### NASCIMENTOS

Deu à luz uma robusta menina a sr.ª D. Maria Leonor de Castro Sobral Blanco Limberte, esposa do sr. dr. Eduardo Limberte e filha do sr. dr. Sobral Blanco e da sr.ª D. Maria da Conceição de Castro Sobral Blanco. Mãe e filha encontram-se bem.

## SALDOS

GRANDE SORTIDO EM CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA, PARA DAR LUGAR AOS NOVOS MODELOS. TODO O RESTO DA COLECÇÃO DE VÉRO DE PRONTO A VESTIR E CAMISARIA

### ALFAIATARIA VERÍSSIMOS

AV GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

# DIÁ NOITE



9

## CIDÁLIA MOREIRA: CASAMENTO FOI APARTAMENTO



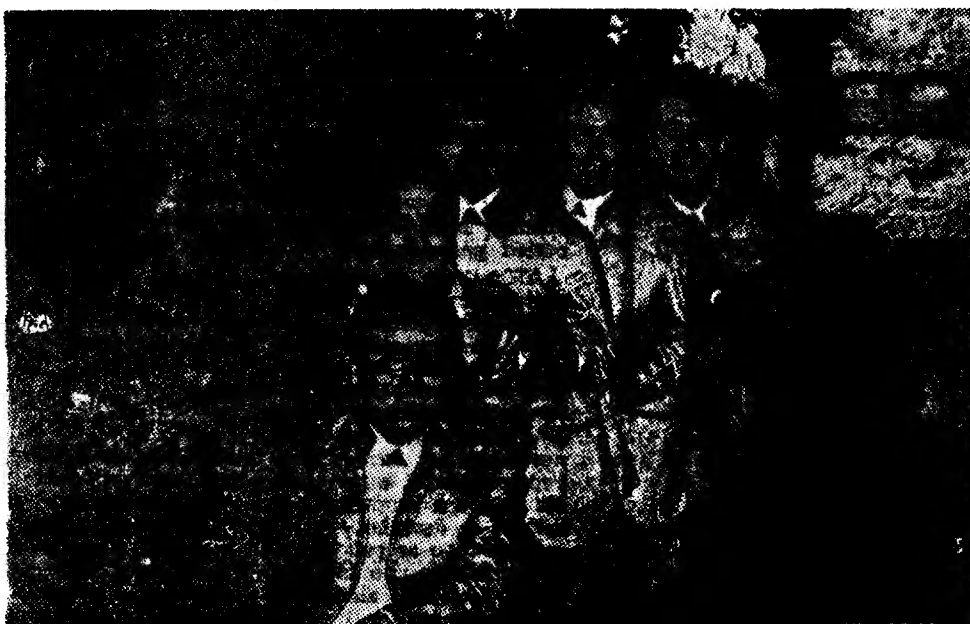
Cidália Moreira pertenceu ao elenco da «Taverna do Embucado», gravou um disco e, um dia, ela aí vai até ao Brasil, a convite do empresário Joaquim Saraiva. Foi atracção do êxito no «Lisboa à Noite», onde aplaudiram a sua voz e a expressão acenada daqueles olhos travessos. Cidália depressa ficou presa aos encantos do Rio de Janeiro e decidiu radicar-se ali. Veio apenas regularizar assuntos pessoais e teve curta demonstração. De Brasil chega depois a notícia: Cidália casou. E, agora, aí está de novo em Lisboa, em gozo de férias. O fado? Agora só canta para um grupo de amigos do seu círculo íntimo num restaurante típico (dito de luxo) onde vai de vez em quando.

## O ELENCO DA «BALEEIRA»

A «Baleeira», restaurante típico e recinto de fado inaugurado recentemente no Dafundo conta, a partir de hoje, com um excelente elenco: Arminda da Conceição, Filipe Duarte, Julieta Reis e Susana Alvim, Acácio Rocha (guitarra) e Amadeu Ramin (vola).

## ZÉ PEDRO REGRESSA À «TÁGIDE»

O Conjunto Zé Pedro (constituído pelo titular do agrupamento, Zeca, Manuel António, Pinto Loureiro e José António) prolonga o contrato no Casino Peninsular da Figueira da Foz até ao próximo dia 15. Depois, regressará ao palco da «Tágide». Entretanto, Zé Pedro (solista de guitarra eléctrica) e Zeca (bateria), continuam a fazer parte da Orquestra Ligeira da E. N. e a actuar, portanto, em programas de variedades promovidos pela estação oficial.



Em Fevereiro, as três simpáticas holandesas do «The Heartz of Soul» voltarão a Portugal. Contrato para dez actuações, incluindo uma passagem pelos estúdios da R. T. P.

## RÉCITA POPULAR DE «A RELÍQUIA»

Esta noite, o Teatro Maria Matos continua a oferecer ao público de Lisboa (e em especial a quantos têm menor capacidade económica), uma récita popular com «A Relíquia», de Eça de Queiroz, na originalíssima teatralização de Luís Sttau Monteiro e Artur Ramos.

Tal como nas tarde dos sábados, estas récitas populares têm permitido que muitos espectadores, dos que pre-

ferem o teatro de qualidade como forma de entretenimento, venham ao Maria Matos apreciar a crítica irónica e subtil de um dos maiores autores de língua portuguesa de todos os tempos.

«A Relíquia», que se encontra em últimas representações, será em breve substituída pela obra de Calvo Sotelo «O Inocente», encenada por José Osuna, com Igrejas Caeiro no protagonista.

## O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

### PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, João Peres, Lina Maria Alves, Natália Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos. Cons. mín. 50\$00. Beca do Espírito Santo. 1. Tel. 868299.

### TAVERNA DO EMBUCADO

Elenco: João Ferreira Rosa, V. Leite da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Melo-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leo. Encerra aos domingos. Consumo mín. 90\$00. Beca dos Cordeiros. 10. Tel. 860816.

### MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martins, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Juketa Maria. Tocam: Alberto Vitor e António Pessoa. 1. de Alegria, 58. Tel. 367099. Encerra à segunda-feira.

### GUIARRA DA MADRAGA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Pereira e José Inácio. Rua da Esperança, 174. Tel. 661915. Cons. mín. 50\$00.

### SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rosário Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Mendes. Rua da Vigária 60. Tel. 866811.

### FOLCLORE

Elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Mariana Rosa, Amélia Lima, António Charrinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avenida Rodrigues, Fernando Matos e «Os 3 de Portugal». Corpo de baile constituído por 9 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 120\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Tel. 35007-323406. Encerra ao domingo.

### TIMPANAS

cantam: Inc. Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benedita Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rala 24. Telefones 676655-67341.

### A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Tel. 34006. Encerra à quinta-feira.

### MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lucrinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto.

Cons. mín. 40\$00. Travessa da Espera, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada.

### LUSO

Elenco: Inês da Silva, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusta Emília, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Pedro Caldeira Cabral (guitarra), Fernando Alvim (vocal). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Trav. da Quelmeada, 10-16. Tel. 362889-328503.

### FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Mourão e Francisco Martins. Tocam: João Alberto e Manuel Martins. Cons. mín. 50\$00. Travessa de S. Miguel, 22. Alfama. Telefone 868552.

### VIELA

cantam: Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Junior. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale. Cons. mín. 50\$00. Rua das Taipas, 14. Tel. 327256.

### A KAVERNA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale. Cons. mín. 50\$00. Rua das Taipas, 14. Tel. 327256. cantam: «Os 3 de Portugal», Tina Santos e Celeste Maria. Tocam: Amândio Maia e José Maria Carvalhinho. Cons. mín. 90\$00. Travessa dos Filhos de Deus, 37. Tel. 35593.

### LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Falcão pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Cons. mín. 50\$00. Rua da Barraca, 133. Tel. 36960 e 30532. Encerra às Terças-feiras.

### SOLAR DA MADRAGA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 30\$00. Rua das Trinas, 67. Tel. 66 98 57. Encerra ao domingo.

### ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amadea, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Tocam: Coimbra por João Queiroz. Tina Melodia. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva. Cons. mín. 70\$00. Rua de Norte, 91. Tel. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

### O ARABITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos. Cons. mín. 40\$00. Rua da Adife, 9. Tel. 86345.

### O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariano Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobrinho. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. mín. 40\$00. Rua da Rosa, 219. Tel. 368579.

### GUIARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35\$00. Largo de Penafiel, 7 (Alfama). Tel. 868505.

## RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

### HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Tel. 48384. — Mário Simões e o seu conjunto. Encerra aos domingos.

### POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 58-BOT. 361949.

### MAXIME

Conjunto e a reacção e Madri-Bela. «Show» turístico. Varie-

dades internacionais. Preço de Alegria, 55. Tel. 55366.

### ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Villena,

### TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 78. Tel. 536171.

### SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Tel. 790177. Encerra às 3.30.

### BAIOÇA

R. da Barroca, 26. Tel. 34700.

### LORD

Rua Victor Cordes, 14-A. Tel. 323098.

### GALERIA REAL

Estado de São Paulo. SINTIA. Tel. 981661. Encerra à meia-noite.

### BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente das E. U. A. R. de S. Miguel, 70 (Alfama). Tel. 872761. 6-8.

### FLOR DE LIS

Bar M/17, Rua da Azeiteira, 18 (Barro Alto). Tel. 367136. Encerra às 3 horas.

### TAGIDE

Variedades internacionais. Largo

de Biblioteca, 18-22. Aberto ao domingo.

### SNOB

Rua de «O Século», 178. Tel. 38723.

### TAMILA

Conjunto e a/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

### ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo re-

partório. Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis, 51-A. Tel. 775695.

### CASINO DO ESTORIL

Variedades e variedades internacionais. Telef. 264521-264526-264596-264621-264946.

### FORTE VELHO

Peço. 1. João de Deus. Tel. 261337.

# «NOJO AOS CÃES»

(DE ANTÓNIO MACEDO)

## NO FESTIVAL DE BÉRGAMO

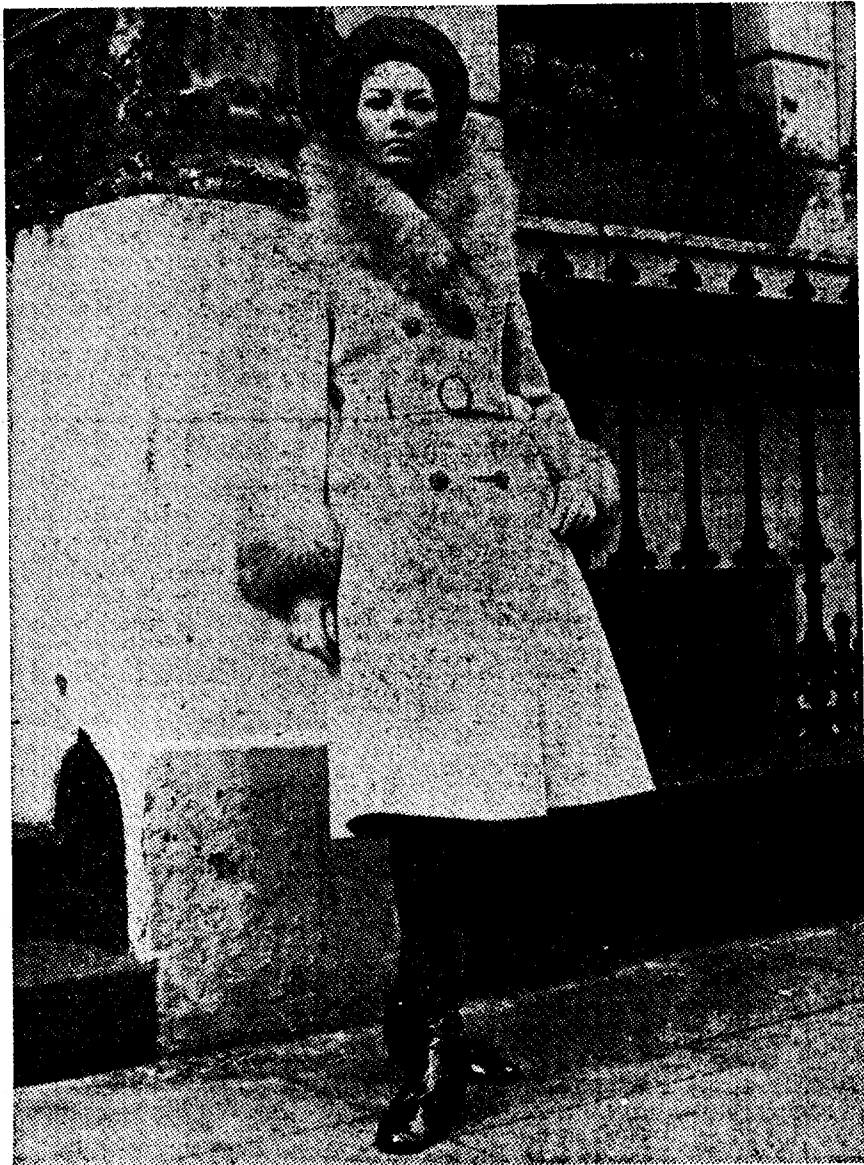
Pela primeira vez um filme de fundo português é escolhido por uma comissão internacional para participar no Festival de Cinema de Autor de Bergamo. Entre perto de uma centena de concorrentes foi rigorosamente limitado a 16 o número de filmes admitidos à competição. «Nojo aos Cães», de António de Macedo, filme de vanguarda interpretado pelo Grupo Cénico da Faculdade de Direito, está incluído nesse número.

A lista oficial dos filmes seleccionados, já anunciada pela direcção do festival, é a seguinte: «A Married Couple», de Allan King (Canadá); «Valeria», de Jaromil Hres (Checoslováquia);

«Deus Existe ao Domingo», de Henryk Stangerup (Dinamarca); «L'Homme de Désir», de Dominique Delouche (França); «La Décharge», de Jacques Barailler (França); «Jonathan», de Hans Geissendorfer (Alemanha Oc.); «A Rapariga Abandonada», de Kitaro Urayama (Japão); «Bronco Bullfrog», de Platts Mills (Inglaterra); «Lotte in Itälia», de Jean-Luc Godard (Itália); «Electra», de Mario (Itália); «Os Ciclistas», de Purisa Djordjevic (Jugoslávia); «O Sal da Terra Negra», de Kazimierz Kurz (Polónia); «Nojo aos Cães», de António de Macedo (Portugal); «Putney Swope», de Robert Downey (Estados Unidos); «Um Sonho de Liberdade», de Jan Halldoff (Suécia); «Desertores U. S. A.», de Las Lambert (Suécia).

É o 13.º ano consecutivo que se realiza o «Gran Premio Bergamo», festival de cinema de autor, com características de vanguarda e de preocupações renovadoras, procurando deliberadamente fugir ao tradicionalismo crescente de Veneza, de Cannes ou de Berlim. Uma das principais atracções da edição deste ano (a decorrer de 2 a 10 de Setembro) é uma retrospectiva com a obra completa de Jiri Trnka famoso autor checoslovaco de desenhos animados, recentemente falecido.

### Em dia com A MODA



ATRAENTE CASACO MIDI DE INVERNO, PERFEITAMENTE USAVEL À NOITE. A TOILETTE É COMPLETADA ATRAVÉS DAS BOTAS ALTAS, LEVES E ELEGANTES



Mesmo sem recurso a demos tranquilamente afirmadora maioria das gravatas, são fora de dúvida a cido.

Em Portugal os teares abastecem a confecção gizam-se, predominantemente País.

## NA INDÚSTRIA DO NÓ— NA INDÚSTRIA

O sr. Eurico Rosado, durante vinte e tal anos, fez milhares de gravatas, trabalhando para a «Santos e Lima, S. A. R. L.» Durante as duas ultimas décadas, esta fábrica vendeu cerca de 50 por cento da produção gravateira consumida pelo país. Todavia há quatro anos a secção de gravataria da «Santos e Lima» foi extinta. Motivo: 300 contos de prejuízo.

Entretanto toda uma série de gravateiros têm falido.

A concorrência do pequeno tear caseiro (sem os encargos da fábrica mas com a possibilidade de certa rentabilidade imediata; a incapacidade de lançar o produto para espaços económicos mais vastos e de dimensionar os favores de produção em níveis verdadeiramente empresariais, terão sido alguns dos principais nós estranguladores da produção de tecido de gravatas naquela grande fábrica bem como para outros gravateiros.

Além disso o mercado nacional está aberto à produção estrangeira.

Os países que lançam a moda (Austria, Itália, Suíça e Alemanha) têm efectivamente as infra-estruturas que lhes permitem criar novidades e expandi-las. Pendularmente, esses países impõem a mudança de cores e de desenho.

Estudando as palavras o sr. Eurico Rosado fala-nos do «métier» que ainda hoje o apaixonava:

— Gosto do assunto. Estudei-o. A gravata é uma necessidade social na medida em que vivemos numa sociedade que impõe uma certa ética. É um símbolo da civilização ocidental.

E acrescenta: — Veja os indianos. Ou os chineses. Ou os grupos étnicos da América do Sul: nenhuns deles utilizam a gravata, tradicionalmente.

Fazendo uma breve pausa o sr. Eurico Rosado, que não esconde ao repórter a aparência de quem já investiu imensas horas em «gravatas», sublinha:

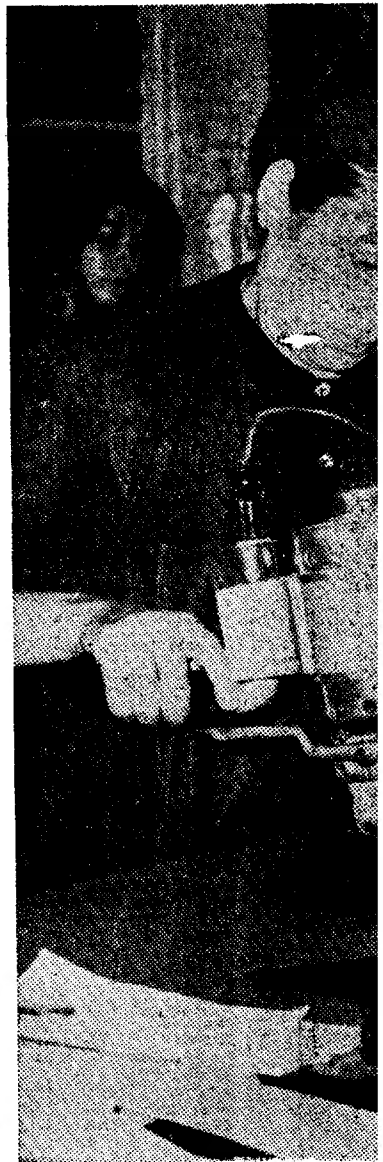
— Ultimamente registam-se novas tendências

no seio do Ocidente. Uma filosofia popular prega a comodidade no trabalho. Daí que a gravata seja entendida como o qualquer coisa que nos sujeita o pescoço e nos impede de trabalhar à vontade. Depois apareceram os «hippies», primeiro contra a gravata e depois recorrendo a gravatas enormes e ostensivas...

Depois de se referir à gravata como «o objecto de oferta mais comum feito a um homem», o sr. Eurico Rosado observou, com certo humor:

— Não sei quem foi que disse que, no nosso País, se em vez de gravatas se oferecessem livros às pessoas, o nível de cultura e instrução do nosso povo seria outro bem diverso. Só resta saber se as pessoas leriam os livros que lhes oferecessem...

O nosso entrevistado falou ainda longamente so-



Na indústria do

## O Teatro Experimental do Porto actuará pe

PORTO, 3

Na efectivação de um plano de renovação, traçado na altura da posse dos novos dirigentes, o círculo de Cultura Teatral conta, a partir de agora, como dissemos, com o concurso do mestre de mimo argentino Julio Castronuovo que dirigirá um novo curso, com aulas práticas, de expressão cultural e de arte dramática.

No decorrer de uma con-

ferência de Imprensa, no Teatro António Pedro, Castronuovo referiu-se, pormenorizadamente, à maneira como orientará aquele curso, com a duração de três a quatro meses, com aulas de hora e meia por dia. Assim, declara-

rou basear os seus métodos me o (Cár rito ner tiv Tei tro de arte dramática nos exercícios de Stanislwky e Dullin, e o de expressão corporal na linha defendida por Jean-Louis Barrault e Marcel Marceau. Foi dado, ainda, conh-

## Pasta Medicinal Co

DA NOSSA LEITORA SRA. D. MARIA EMILIA R. COSTA,  
RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA:

## Dificuldades nas matrículas no Ciclo Preparatório

• Fez tentativas infrutíferas em duas escolas

«Depois de uma terceira tentativa, infrutífera, para matricular o meu filho mais velho no 1.º ano do ciclo preparatório oficial, venho recorrer a V., na esperança de que através da divulgação das dificuldades que se apresentam para levar a cabo tão elementar e necessária tarefa, consiga alertar escolas mais altas dos responsáveis pela educação no nosso País e concorrer assim para uma maior eficiência no futuro. Tenho quatro filhos, todos estudando em escolas da Câmara e até aqui nunca tive problemas, tanto durante a minha permanência em Moçambique como depois cá. Pensava eu que continuaria a ser do mesmo modo, agora que o mais velho ia passar para o 1.º ano.

Logo que o miúdo obteve o seu diploma corri a comprar os respectivos impressos na Escola Preparatória de Eugénio dos Santos, que eu suponha ser a pertencente à minha área (moro em Olivais-Sul). Lá me informaram do dia da matrícula e dos documentos necessários para apresentar na altura. No dia marcado tratei de me colocar na bicha com tudo pronto. Ao fim de cerca de duas horas de espera chegou a minha vez e a primeira desilusão: o meu filho não podia

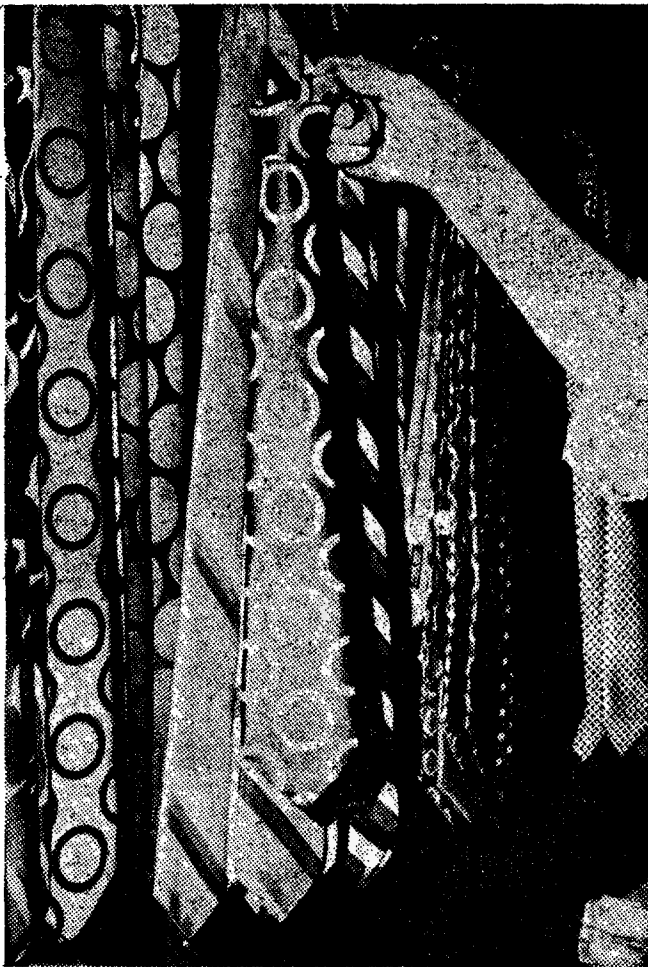
ir para aquela Escola pois não era da zona!!! Protestei, não porque tivesse especial preferência pela referida Escola, mas porque me haviam vendido os impressos (25\$00) sem sequer indagarem a minha morada, nem haver qualquer aviso esclarecedor, o que já se sabe evitaria aquela despesa e o tempo perdido. Diante a minha desilusão disseram-me que tentasse falar com o director mas nem aí tive sorte pois o senhor director naquela não recebia ninguém.

Antes que voltar lá resultasse novamente em tempo perdido dirigi-me então para a Escola de Luís António Verney, que me indicaram pertencer à minha zona. Novos papéis, mais tempo na bicha e lá inscrevi o miúdo, ficando à espera do dia da matrícula, que foi marcado para o dia 27 de Agosto das 9 às 12 horas. As nove lá estava eu novamente de senar na mão, disposta a esperar mais umas tantas horas, que suponha serem as últimas. Ao fim de uma hora, a pessoa encarregada das matrículas chamou as pessoas moradoras nos Olivais e Moscatas e então, muito amavelmente (devo frisar isto sem ironia) e, pedindo desculpa pelo atraso da informação, disse-nos que afinal os mora-

dores naquelas duas áreas teriam que matricular os filhos numa Escola Preparatória prefabricada a acabar de construir (!?) nos Olivais e que as respectivas matrículas seriam numa data ainda por determinar. Embora me dissessem que não precisava de me preocupar pois a inscrição continuava válida e, se os papéis não servissem, ser-me-ia devolvido o dinheiro, eu (sou uma pessoa paciente) quase dei uma gargalhada e disse que estava bem pois que já começava a estar habituada a correr escolas.

Ainda se ao menos tudo isto me desse a vantagem da experiência não seria tempo totalmente perdido, mas é certo que para o ano que vem vou certamente ter outros problemas diferentes para colocar o meu segundo filho que este ano vai frequentar a 4.ª classe.

Agora pergunto eu, porque é que nas Escolas não estão devidamente afixadas as zonas que estas abrangem? Porque é que não se fez já uma Escola de pedra e cal num bairro que já conta com um número elevado de crianças em idade escolar? Quando será que no nosso País o ensino oficial acaba com as improvisações?».



...Um nó na indústria?

bre outros aspectos, em redor do assunto. A certa altura referiu o seguinte:

— Li há tempo que na U. R. S. S. os gravateiros tinham feito 70 desenhos para todas as gravatas dos três anos subsequentes. Para se poder avaliar do que isto significa em pouca diversidade posso dizer-lhe que só para uma estação nos países da ocidente chegam a fazer mais de 100 desenhos... Daí que os diplomatas russos, ao irem para o Ocidente corressem o risco de exteriorizar ideias ocidentais, isto é, parecessem saloios.

Segundo nos quis parecer as coordenadas dilemáticas em que se debate o fabricante de tecido para gravatas nacional é, por um lado, a necessidade de produzir um número mínimo de metros para o qual não há mercado e por outro lado diversificar os desenhos e as cores o que não é industrialmente rentável dentro de estreitos limites do mercado nacional.

Os países, como por exemplo a Itália e a Austria, têm o seu mercado alargado para fora das próprias fronteiras geopolíticas: daí que possam recriar continuamente novos padrões e lançar a moda geral e vender o produto no estrangeiro.

É claro que a gravata é um artigo de luxo de características muito particulares dado que o seu preço

pode não constituir um obstáculo à sua compra. Uma gravata que custe 10 ou 20 escudos só encontrará dificuldades à sua expansão no mercado popular por razões inteiramente alheias ao próprio preço da oferta. Como se torna claro há certos desenhos ou cores que vão mais ao encontro do imaginário popular (porque evocam a gravata do herói de um filme ou um movimento social popularizado pelos meios de informação) e então o consumo maciço surge. De um dia para o outro uma «moda» nasce (e, certo padrão de gravatas vende-se) para que, sem razão evidente, se extinga tal como surgiu dando lugar a outra. É nsete frenesi de tira e põe que, modas antigas (como as gravatas á Al Capone) regressam ao convívio dos anos 70, para grande espanto de que já esqueceu os seus 20 anos...

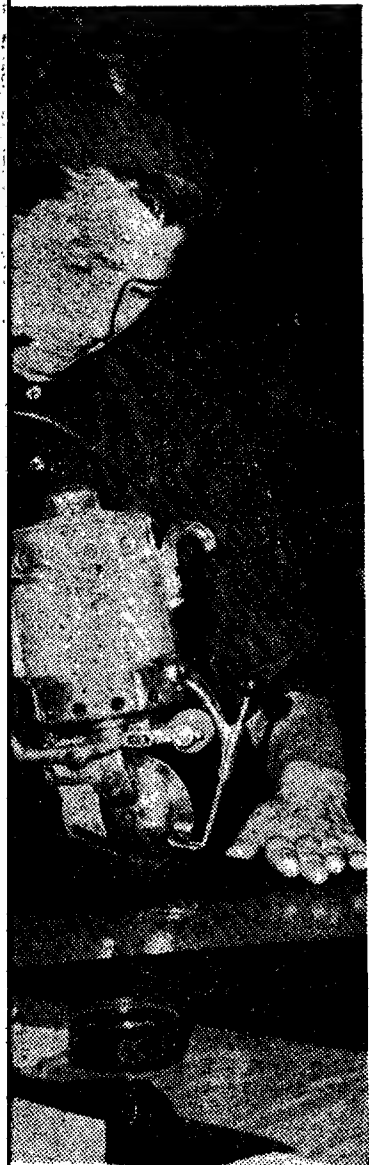
Todavia, há que realçar a gravata, enquanto produto de uma oferta e de uma procura em mercado capitalista.

E, quem não joga em termos de mercado capitalista, aceitando todavia as premissas fundamentais do sistema não tarda a ser superado. Então são as falências e os olhos espantados de quem tarde demais se apercebe, que para a indústria do nó (como para todas) não pode haver nós na indústria.

# tas

so e um plebiscito, po-  
nte afirmar que a esma-  
gravatas (quer se pre-  
antes de serem grava-  
vida a fabricação do te-  
reares dos fabricantes que  
ção gravateira centrali-  
ntemente, no Norte do

## DÚSTRIA — UM NÓ DÚSTRIA



ria do nó...

## permanentemente na próxima temporada

mento aos jornalistas de que  
o C. C. T., com o apoio da  
Câmara Municipal e o espi-  
rito esclarecido dos compo-  
nentes da mesa administra-  
tiva do Asilo Profissional do  
Terço, a companhia do Tea-  
tro Experimental do Porto

passará a actuar permanen-  
temente, na temporada artís-  
tica que começa em Outu-  
bro, no cinema daquela ins-  
tituição, devidamente adapta-  
do para tal fim, de forma a  
dar teatro popular, a preços  
acessíveis, à população por-  
tuense.

Aguarda-se, pois, que ao T.  
E. P. sejam concedidos os in-  
dispensáveis subsídios, para  
que possa prosseguir na obra  
notável que há algumas déca-  
das vem desenvolvendo no  
campo cultural.

Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

O muito é feito de pou-  
cos. Ganhando menos con-  
segue-se mais  
**GRANDE OURIYESARIA**  
DA MODA  
RUA DA PRATA, 257

**mini lanche**  
**CHOCOLATES TAGIDES**

**PARA COMPRAR  
OU VENDER**  
AS SUAS JOIAS  
**BARBOSA, ESTEVES  
& C., LD.**  
293 - Rua da Prata - 295

**Feira  
do  
Artesanato**  
**CASCAIS**  
★  
TODOS OS DIAS  
das 16 à 1 da ma-  
drugada  
★  
**ORGANIZAÇÃO  
DA JUNTA  
DE TURISMO  
DA COSTA DO SOL**

**RELÓGIOS OMEGA**  
TODOS OS MODELOS  
AGÊNCIA OFICIAL  
ESPECIALIZADA  
**OURIYESARIA PIMENTA**  
Rua Augusta, 255 - LISBOA

**Cofres de aluguel**  
Av. República, 3  
**BANCO DO ALENTEJO**

A TRADIÇÃO DA OURIYESARIA  
NACIONAL É DE PROBIIDADE  
E DE COMPETÊNCIA  
A

**Ouriyesaria da  
GUIA** FUNDADA  
EM 1875  
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA  
AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER  
ESTA TRADIÇÃO

**RUA D. DUARTE, 4-B**  
(Edifício do Hotel Mundial)

**MADEIRA e CANÁRIAS**  
A bordo do moderno M.T. "FUNCHAL"  
Partidas: 7 e 21-7; 11 e 25-8; 8 e 15-9; 5 e 16-10; 2, 14 e 30-11  
e 12-12 8 dias de viagem  
Partidas especiais de **LEIXÕES:**  
17-10 - 11 dias - incluindo **MARROCOS**  
16-11 - 9 dias - **abreu** - desde 1840  
Inscrições e programas: **abreu** - desde 1840  
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - R. São, 2

**COLÉGIO MODERNO**  
Rua de Malpique, 19 e 22 (AO CAMPO GRANDE)  
Lisboa-4 - Telef. 77 50 38 - 76 12 39 - 77 50 72  
**FUNDADO EM 1936 PELO PROF. JOAO SOARES**  
Internato - Semi-Internato - Externato  
Sexo masculino  
Ensino Infantil (para os dois sexos), Primário, Ciclo  
Preparatório e Liceal (para rapazes e nocturno para  
adultos)  
**ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS**



HOJE PODE VER...



## AS JOVENS FEITICEIRAS

Endora, (Agnes Moorhead), avó-feiticeira, continua a ser o «pivot» dos episódios de «Casei com uma feiticeira», dirigidos por William Asher. Mas, Elizabeth Montgomery (aqui retratada com o «bebê» que também participa na série) sempre leva a melhor sobre a tenaz «mã», franzindo o nariz nos momentos mais oportunos. Dick York (o «marido») é outra figura em foco durante os vinte e tal minutos que dura o episódio desta noite (denominado «O palhaço»), que não recomendamos a ninguém, como se calcula.



David Mourão-Ferreira: o mérito de um poeta

## POESIA

### NO II CANAL

No «segundo canal» continuam a repetir-se programas já vistos. Esta noite, antes das cavalgadas de James Drury (em «O Malorai») há mais hora vinda. O dr. David Mourão-Ferreira continua a falar-nos de poesia europeia, o que dá calma e tranquilidade para assistir à «cowboyada» que vem a seguir.

## «TV JUVENIL»

Coordenado por Maria do Sameiro Souto, com texto de Judite Sousa Cruz e locução de Nunes Forte, o programa «TV Juvenil» apresenta hoje (das 19 às 19 e 30) «Juventude no Mundo» e «Aeromodelismo».



FLORBELA: o improviso defendeu a viagem

### PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Expedição; 20 e 10: Desenhos animados; 20 e 30: Em foco; 20 e 50: «Casei com uma Feiticeira»; 2 e 30: Telejornal; e Boletim Meteorológico; 22: Noite de teatro — «Vamos Contar Mentiras», de Alfonso Paso, com Raul Solnado, Florbela Queirós, Armando Cortês e Manuel Santos Carvalho; 23 e 50: Marcha do Mundo; 0: Meditação e fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Imagens da poesia europeia; 22 e 20: Série do Oeste «O Maioral»; 23 e 35: Fecho.

SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme da série «Julia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 14 e 10: Logo à noite; 14 e 15: Convite para jantar; e 14 e 30: Fecho. As 19: Reabertura e TV Juvenil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Nós as mulheres; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 25: Ponto de vista; 21: Cinema sem estrelas; 21 e 30: Telejornal e boletim meteorológico; 22: Série do Oeste, «Shones», «O Dia em que o Lobo Ri»; 23: Concerto, pela orquestra sinfónica juvenil de Portland, no Cinema Tivoli; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema «A Minha Espinha Dorsal»; 23 e 35: Fecho.

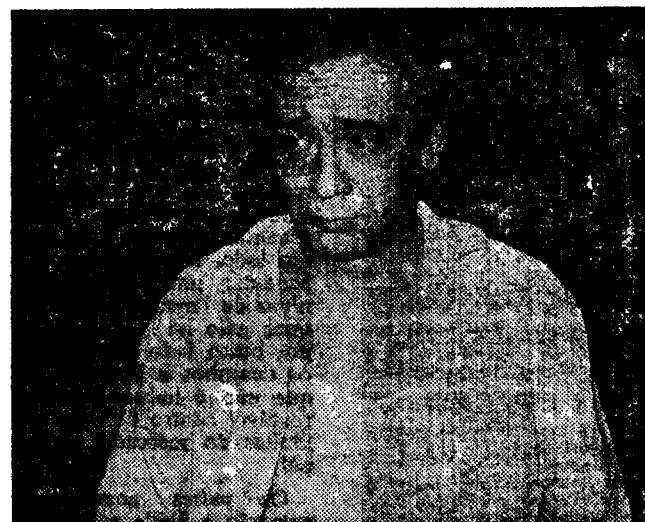


## NOITE DE TEATRO

### (MAS SERÁ MESMO?)

Embora a publicidade da RTP insista em garantir que esta noite (das 22 às 23 e 45) os telespectadores vão assistir a um subproduto do subcomediógrafo espanhol Alfonso Paso — uma «coisa» denominada «Vamos Contar Mentiras...» — nós

No pino do calor. Vasco Morgado vendeu o espectáculo à RTP: ainda Fernando Frazão era realizador, ainda Manuel Santos Carvalho representava, ainda Raul Solnado não ganhava com o seu Teatro. Foi, para muitos, uma tábua de sal-



Há cinco anos Solnado remendou o «texto» de Paso

## Rádio

### PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 5: «Falas», programa infantil, por Ana Maria; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde: Canções do nosso tempo; A orquestra de...; Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Malo; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Música; 20 e 45: Rádio sonoro; 20 e 20: Sinfonias ligeiras; 20 e 40: Apresentação do Folhetim

«A Pedra de David», original de Judite Navarro; 21 e 5: Espectáculo: Magazine de teatro, por Jorge F. de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Orquestras e conjuntos — Boletim meteorológico — Programa da noite; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: Prólogo e 1.º acto da ópera «Simão Bocanegra» (Verdi); 18: Música do século XX; 9: Tempo literário; 19 e 25: Folclore Português; Música da Beira Alta e da Beira Baixa; 19 e 40: Música de tecla; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, dir. de Friedrich Wilhelm Verner, em que colabora o pianista Fernando Fidalgo de Matos Simões; 20 e 51: O Conjunto Instrumental VALOIS; 21: A Orquestra «El Musico»; 21 e 30: Panorama da História, pelo dr. João Azeiteiro; 21 e 50: Recital de piano, por Jorge Peixinho, precedido com obras de Filipe Pires e Jorge Peixinho; 22 e 12: Quarteto de Cordas «Stradivari»; 22 e 20: Poesias sinfónicas; 22 e 58: Fecho.

3.º Programa (cultural) — MF 2 — 94.3 Mc/s — As 23: Música de tecla; 23 e 30: Variedades da arte vocal italiana — em

gravações cedidas pela Rádio Sulis italiana; 0 e 9: Quarteto n.º 80, em mi bemol maior, op. 76, n.º 6 (Haydn) pelo Quarteto Dinamarquês; 0 e 33: «Nocturnos» Suite Sinfónica (Debussy); 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Música West Coast; 19 e 30: Radioscópio; 19 e 45: Hino Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu Mundo; 18 e 21: Música portuguesa; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Radiojornal; 20 e 7: Música para o seu jantar; 20 e 30: Sessão 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 12: Tempo-novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 5: Mensagens bíblicas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário notal; 7 e 3: Tchau.

Modulação de frequência — 97,4 m — As 16 e 4: Programa ODC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-2; 1 e 02: Banda

Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Robbitalac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Noite dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O anjo da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

Rádio Renascença — 233,2 m — 1284 kc/s — 18: Canções da Europa; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Esquema; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Conjuntos de ritmo; 22 e 30: Telefone toca; 22 e 30: Ponto de vista; 22 e 45: Música cantada; 23: A 23ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 168 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Península — Das 7 às 8 e das 12 e 14 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.

# Fiat

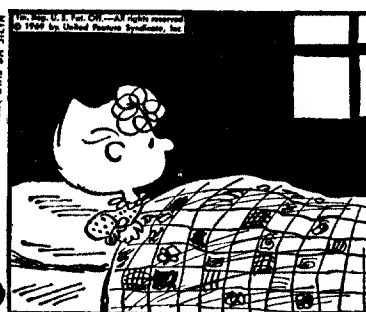
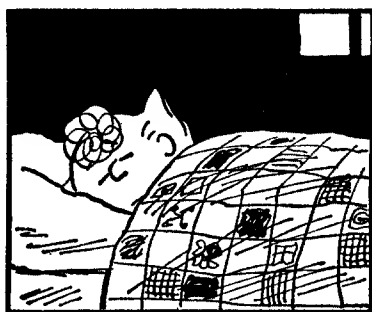
Precisa de repará-lo ou fazer estação de serviço? Dirija-se a Av. Marconi, S-A (junto a Praça de Londres). Tel. 77 73 62.

## HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 3 de Setembro de 1940 publicava:

«MUNICH, 3 — A 1 e 35 da madrugada de hoje, foi dado o sinal de alarme aéreo nesta cidade. Em Munich ouviu-se o ruído produzido pelo deflagrar das bombas lançadas pelos aeroplanos britânicos e o produzido pelo intenso fogo feito pelas baterias antiaéreas.

«Afirma-se que os aviões britânicos não lançaram bombas na cidade propriamente dita, mas apenas nos subúrbios.»



## Os Peanuts

## Carol Day



## CARTÃO DIPLOMATA

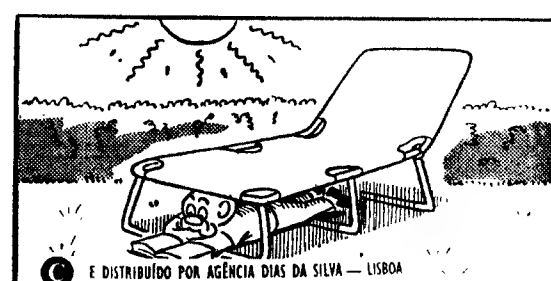
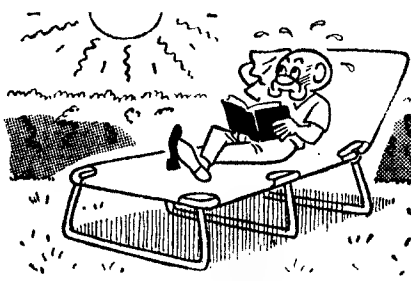
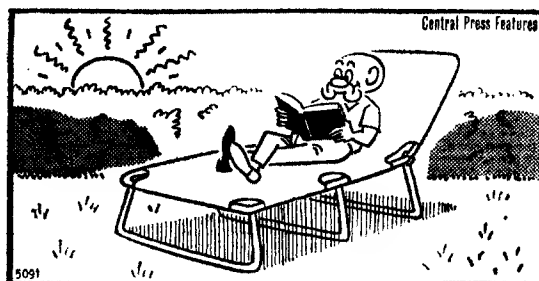
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

### ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha  
Rua Nova do Almada, 64  
LISBOA

CAMISAS P/ MEDIDA  
**HIRONDELLE**  
R. Pedro Nunes, 39  
(ao Saldanha)

## Aventuras do Tio Carlos



## Palavras cruzadas

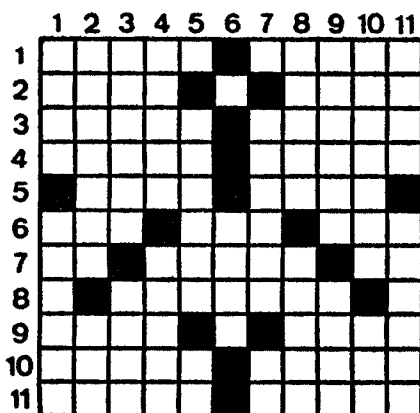
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5645

**HORIZONTAIS:** 1 — Ave trepadora. Nome de frutos. 2 — O essencial. Régulo. 3 — Alçada. Arvoredo frutífero. 4 — Roer. Asa do nariz. 5 — Involgar. Ate. 6 — Botegum. Possui. Agora. 7 — Campeão. Sumptuoso. Antigo definido. 8 — Curasse. 9 — Vassourar o fimo depois de aquecido. Lavar. 10 — Combinou. Charrua. 11 — Molestam. Alburnos.

**VERTICAIS:** 1 — Prender. O mesmo que barreira. 2 — Puseram em rumo uma embarcação. Ice. 3 — Fazer ditoso. Numeral. 4 — Suplicar. Chuvisco. (Bras). 5 — Roera (Inv.). Antigo indefinido. 6 — Aves pernaltas. 7 — Vitorias. Campeão. 8 — Cidade de Itália. Rio de França. 9 — Origem. Estavam. 10 — Arruinara. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. 11 — Cura. Corpos celestes.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo possetempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5644

**HORIZONTAIS:** 1 — Carpa. Costa. 2 — Ameia. Orais. 3 — Samarra. Ira. 4 — Adio. Onar. 5 — Lás. Eco. Ara. 6 — Amuro. 7 — Cão. Aso. DAR. 8 — Airre. Aira. 9 — Nua. Prontar. 10 — TARDE. Acama. 11 — Asais. Moras.

**VERTICAIS:** 1 — Casal. Conta. 2 — Amado. Arruás. 3 — Remis. Orara. 4 — Pão. É. Di. 5 — Aor. Ema. Pés. 6 — RECUSAR. 7 — Goa. Oro. Am. 8 — Or. Anco. 9 — Saira. Ditar. 10 — Tira. Arama. 11 — Asara. Raras.

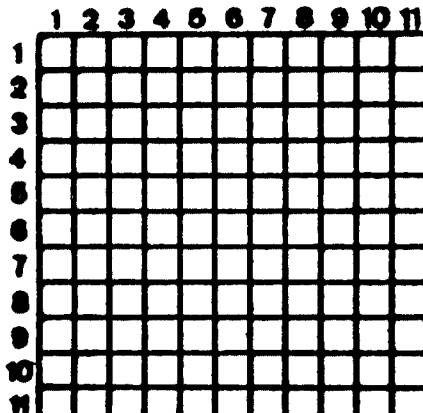
Provérbio: DAR TARDE, É RECUSAR.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9488

**HORIZONTAIS:** 1 — Vila e sede de concelho do distrito de Vila Real. Acandia. 2 — Igar. Lavar. 3 — Em as. Pronome pessoal. Empregue. 4 — Cento e um em romano. Vila e concelho do distrito de Portalegre. Basta. 5 — Molusco acéfalo. Naípe das cartas de jogar. 6 — Nota musical. Isolado. 7 — Acrescente. Composição poética. Pêlos de certos animais. 8 — Solitário. Conselho. Estrépite de desmoronamento. 9 — Delitosa. Tabique. 10 — Indicar a data de. Encolizar. 11 — Tribo indígena brasileira. Ecoara.

**VERTICAIS:** 1 — Velharia (fig.) Guarnecida de asas. 2 — Prendeis com eles. Domesticar. 3 — Fluido aeriforme. Prefixo que designa três. Letra grega. 4 — Cidade da antiga Caldeia. Greda branca. Homem de baixa estatura. 5 — Estava. Do feito de ovos. 6 — Olá. Acrescente. 7 — Prendo. Pronome demonstrativo. 8 — Nota musical. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Rio dos Estados Unidos. 9 — Sapo do Amazonas. Lista. Cálculo. 10 — Cansado. Arpoar. 11 — Superfícies planas delimitadas. Transpirar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9487

**HORIZONTAIS:** 1 — Tropeçariam. 2 — Oiro. Empa. 3 — São. Cri. Aer. 4 — An. Ladra. At. 5 — Ras. São. Grã. 6 — Sem. Boa. 7 — Lis. Sal. 8 — Amora. Alapa. 9 — Ri. Risca. 10 — Calar. Adiar. 11 — Arara. Marra.

**VERTICAIS:** 1 — Tosar. Marca. 2 — Rianas. Miar. 3 — Oro. Selo. Lã. 4 — Pó. Mirrar. 5 — Cás. Saira. 6 — Cardar. 7 — Irá. Sacam. 8 — Re. Balada. 9 — Imã. Gola. 10 — Apear. 11 — Marta. Cairra.



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS

SAIDAS

PORTOS DE DESTINO

«INDIA»

4 de Setembro

Luanda, Lobito, Moçamedes, L. Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

«ROVUMA» \*

6 de Setembro

Príncipe, S. Tomé, Luanda, P. Amboim, Lobito, Moçamedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.

«ANGOLA» \*

10 de Setembro

Punchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cabo, Durban, L. Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

«LEIXÕES» \*

13 de Setembro

Directo a: Luanda, Lobito, Moçamedes, L. Marques, Beira, Nacala e Porto Amélia (se necessário).

«QUELIMANE» \*

19 de Setembro

Directo a: Lobito, L. Marques, Beira e Nacala.

«P. PERFEITO»

20 de Setembro

Punchal, Luanda, Lobito, Durban, L. Marques e Beira.

\* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telef. 34764 e 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021.  
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

## PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos  
**VALENTIM DE CARVALHO**  
Comércio e Indústria, S. A.  
R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena, Gonçalves).

## ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

RUA DE D. ESTEFANIA, 126 (à Av. Duque de Avila)

TELEFONES 4 47 30 - 55 35 75

## CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

PREPARAÇÃO PARA SECRETARIAS E  
CORRESPONDENTES ESTENODACTILÓGRAFAS  
EM PORTUGUÊS, FRANCÊS E INGLÊS

## «RECEITA» INESPERADA

VARSOVIA, 3 — (R.) — Uma loura escultural foi ao médico, que a examinou, dando-lhe uma receita, que a jovem levou à farmácia mais próxima.

O farmacêutico observou o pequeno pedaço de papel durante longos minutos, coçou a cabeça e levou-o à doente, lamentando muito não poder enviar a receita.

Quando a paciente olhou com mais atenção para o papel descobriu que a receita era a seguinte: «Gostaria muito de me encontrar consigo esta noite».

## Actualidade internacional

# Os chilenos vão amanhã às urnas para eleger novo presidente

SANTIAGO DO CHILE, 3. — (F. P.) — Três milhões e meio de cidadãos chilenos vão amanhã às urnas para designar o sucessor do presidente Eduardo Frei (cristão-democrata) por um período de seis anos. Há três candidatos em liza: Radomiro Tomić (cristão-democrata), Jorge Alessandri (apoiado pelos conservadores e pela direita) e o senador Salvador Allende, candidato da União Po-

pular (Comunistas, Socialistas, Radicais e elementos da esquerda).

Se nenhum dos candidatos obtiver a maioria absoluta, competirá ao Congresso designar, entre os dois primeiros, o novo chefe do Estado.

### PROIBIDA A ENTRADA DE UM JORNALISTA NORTE-AMERICANO

SANTIAGO DO CHILE, 3. — (R.) — As autoridades chilenas proibiram a entrada no Chile do correspondente do «New York Times», Malcolm Brown, porque os seus artigos constituíam «acções contra o país», segundo afirmou o ministro do Interior, Patricio Rojas.

Rojas declarou a noite passada que o Governo negará autorização para a entrada do correspondente de acordo com as leis vigentes no país quanto a estrangeiros.

«Não é autorizada a entrada em território chileno de uma pessoa que comete acções contra o país. Este jornalista (Malcolm Brown) cometeu essas acções por meio dos seus artigos no «New York Times», disse o ministro.

Rojas não forneceu mais detalhes, mas fontes afectas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros declararam que fora proibida a entrada de Brown no país, ao chegar na terça-feira, à noite, ao aeroporto de Santiago do Chile e dito ao correspondente para seguir num avião para Lima.

## ALARGUE OS HORIZONTES DO SEU CAPITAL!

Fomente as suas economias, colocando-as ao serviço do progresso do País. Movimente o seu dinheiro dentro das vastas perspectivas da Economia Nacional.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro de 5,5% ao ano os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos. Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

**BANCO DE FOMENTO NACIONAL**



IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

### Heath procurará pôr termo às sanções contra a Rodésia

WASHINGTON, 3. — (A. N. I.) — O primeiro-ministro britânico, Edward Heath, anunciou a um deputado norte-americano que o seu Governo procurará estabelecer um novo acordo com a Rodésia, para se pôr termo às sanções económicas contra aquele país africano.

Odin Langen, representante republicano do Minnesota, deu conhecimento público da carta em que Heath responde a uma mensagem assinada por Langen e mais 51 representantes, que pretendem que se acabe com as sanções. Diziam os deputados que a boicotagem à Rodésia tem privado os Estados Unidos e o mundo livre de um valioso associado comercial e de um fornecedor de minério de cromo para fins estratégicos.

Os Estados Unidos não reconheceram a independência da Rodésia, declarada há quase cinco anos, nem voltaram a negociar com a Rodésia.

### ESTUDANTES

Ensino liceal, Dactilografia e Curso de Correspondente c/ Diploma. Termos pouco numerosos. Praças acessíveis. Abertas as inscrições nas SALAS DE ESTUDO LABOR. Av. Guerra Junqueiro, 15-1.º. Telef. 723773



REGRESSO AS AULAS EM PEQUIM: Estudantes, de saco às costas, preparam-se para entrar na Universidade de Tecnologia

## Chu En Lai diz-se convencido de que o «imperialismo» americano será derrotado na Indochina

PEQUIM, 3 — (F. P.) — O primeiro-ministro chinês, Chu En Lai, o príncipe Si-hanoyk e Penh Nouth, primeiro-ministro do Governo real de união nacional do Camboja, assistiram ontem a uma recepção oferecida pelo embaixador Ngo Thu En para comemorar o vigésimo quinto aniversário da proclamação da independência da República Democrática do Vietnam. Tomando a palavra, o chefe do governo chinês acusou os Estados Uni-

dos de estarem a tentar forçar uma aliança contra-revolucionária servindo-se do militarismo japonês. «Mas o imperialismo americano, que nunca esteve em situação tão difícil na Indochina, debate-se desesperadamente e continua a agarrar-se ao Vietnam do Sul, empurrando as tropas do governo fantoche sul-vietnamita e tailandês a invadirem o Camboja e o Laos. Felizmente, os três povos da Indochina estão endurecidos por uma luta revolucionária prolongada. Estamos convencidos de que o imperialismo americano está condenado a uma derrota ignominiosa, sejam quais forem as aventuras militares em que se venha a meter» — concluiu Chu En Lai.

Estas declarações, notam os observadores, retomam a posição constante dos chineses perante o conflito indochinês: inutilidade das negociações e prosseguimento da luta armada, que conduzirá inexoravelmente à vitória final.

## SAIGÃO: REVOLTA DE MUTILADOS

SAIGÃO, 3 — (F. P.) — Uma dezena de mutilados de guerra sul-vietnamitas revoltaram-se hoje em pleno centro de Cholon — o bairro chinês de Saigão — abrindo fogo e lançando granadas contra os «jeeps» da Polícia militar americana e sul-vietnamita. Houve vários feridos.

## Esteve cinco dias sozinho com o cadáver da mãe

ESTOCOLMO, 3 — (A. N. I.) — Esteve cinco dias sozinho com o cadáver da mãe um garoto de 4 anos.

Margareta Andersson, que tem 17 anos, viu várias vezes o garoto, por trás dos vidros das janelas, a roer bocados de pão. Acabou por se decidir a tocar a campainha

da casa e o garoto sem poder abrir a porta, disse-lhe que tinha fome e medo, acrescentando: «A mãezinha está deitada na cama e não fala».

Margareta ensinou ao garoto a forma de lhe passar a chave da porta pelo postigo do correio, entrou e encontrou morta a dona da casa.

# Cinquenta mortos em Amã desde sexta-feira

AMÃ, 3. — (R.) — Amã continua hoje meio paralisada sem trânsito e com as lojas fechadas nas zonas dominadas pelos «comandos» após mais uma noite de tiroteio esporádico. Segundo os testemunhos houve várias baixas durante a noite devido aos atracadores tanto das forças de segurança como dos «comandos» da Palestina. O tiroteio concentrou-se nas zonas de Al Qalaa, Al Hashemi e An Nasr.

Segundo cálculos dos «comandos» os recontros que

atingiram o auge na sexta-feira causaram cerca de 50 mortos até ontem. Até agora o Governo não publicou o número de baixas.

Os observadores dizem que o aspecto mais grave da presente crise é o facto de ambas as partes não terem até agora tentado uma reunião para resolver as divergências e de terem falhado nas medidas para aliviar a tensão.

Na sua opinião as relações entre o Governo e os «comandos» chegaram a tal ponto que parecem ser inúteis novas soluções de compromisso.

## REUNIÃO DO CONSELHO DA LIGA ARÁBE

CAIRO, 3. — (F. P.) — O Conselho da Liga Árabe reúne-se no sábado em sessão extraordinária a fim de examinar a evolução da crise na Jordânia e possíveis recontros que se venham a registar até lá entre o Exército real e as organizações da resistência palestina, anunciou a Agência do Médio Oriente.

## Dayan detém a chave da questão no Médio Oriente

LONDRES, 3 — (R.) — O general Moshe Dayan e os seus amigos partidários da linha dura parecem ter hoje em mãos a chave da continuação das conversações de paz com os árabes.

O ministro da Defesa israelita teria dito que está resolvido a forçar uma reunião organizada para hoje em Tel-Aviv para tomar uma decisão sobre a colocação de mísseis egípcios relacionada com a violação do acordo de cessar-fogo ao longo do Canal de Suez.

Segundo círculos políticos de Tel-Aviv, o general teria afirmado que está pronto a demitir-se se não for adoptada uma política de acordo com a sua ideia de declarar nulos o cessar-fogo e as conversações se não forem tomadas medidas para rectificar as referidas violações.

## ALLON ENUMEROU OS TERRITÓRIOS QUE ISRAEL NÃO RESTITUIRÁ

JERUSALÉM, 3 — (A. N. I.) — O vice-primeiro-ministro, Yigal Allon, enumerou os territórios árabes que Israel recusará restituir em qualquer acordo de paz. Declarou que Israel manterá o domínio no Vale do Jordão, na cadeia de montanhas que se desdobra ao longo da margem ocidental do Jordão e do Mar Morto, as imediações da faixa de Gaza e a fortaleza de Sharm El-Sheih, que assegura o acesso ao Mar Vermelho.

Durante uma visita feita às instalações logísticas do Exército e da Ma-

rinha ao longo do rio Jordão, Allon declarou que, seja qual for a solução política, a área da Judeia e da Samaria (margem ocidental), o rio Jordão, e a alta cadeia de montanhas que se desdobra ao longo daquele vale, desde o monte Gilboa, ao Norte, até à região de Arad, ao Sul, incluindo o deserto da Judeia, até às proximidades de Hebron, a Oriente — tudo isso terá de ficar na posse de Israel, para formar uma zona de segurança em que os ataques vindos de Leste possam ser repelidos.

## SÃO CALÚNIAS DA OMS — AFIRMA UM MINISTRO DE CONAKRY ACERCA DAS AFIRMAÇÕES RELATIVAS À EPIDEMIA DE CÓLERA

DAKAR, 3 — (F. P.) — «As afirmações da Organização Mundial de Saúde de que grassa uma epidemia lúnia», declarou, na tarde de ontem, Leon Maka, presidente da Assembleia Nacional da Guiné e ministro do Interior, quando dum escala técnica no aeroporto de Dakar.

O ministro, que vai a Lusaka apresentar o presidente Seku Touré na conferência dos não-alinhados, acrescentou que o jornal senegalês «Le Soleil», que se referiu às alegações da OMS, se está a prestar a uma «campanha de calúnia

contra a Guiné. «Trata-se de um gesto inamistoso», frisou, «pois pode conduzir ao isolamento da Guiné. A Guiné tem muitos inimigos, e em primeiro lugar o imperialismo. E toda esta campanha contra ela só pode servir os objectivos do imperialismo».

Instado a que fosse mais concreto, Maka recusou-se a confirmar ou desmentir a existência de uma epidemia de cólera na Guiné, limitando-se a dizer aos jornalistas: «Vão lá ver os senhores mesmos». Preciso que foram, no entanto, tomadas medidas para enfrentar qualquer eventualidade, mas, voltando ao seu pensamento, concluiu: «Tenho a impressão de que haveria quem ficasse satisfeito se desabasse uma calamidade sobre a Guiné».

## ACUSAÇÕES DE NEGLIGÊNCIA EM ISRAEL

JERUSALÉM, 3 — (F. P.) — A comissão do Knesset para os serviços públicos reuniu-se na próxima segunda-feira para discutir a questão da epidemia da cólera, que desde o dia 20 de Agosto último atingiu 42 pessoas e causou uma morte.

O dr. Rafael, antigo vice-ministro da Saúde, publicou ontem uma declaração em que acusa o Ministério da Saúde de não ter tomado as medidas necessárias para travar a epidemia.

## APROVEITE os nossos SALDOS

CARPETES, PASSADEIRAS, TAPETES — E — TECIDOS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES

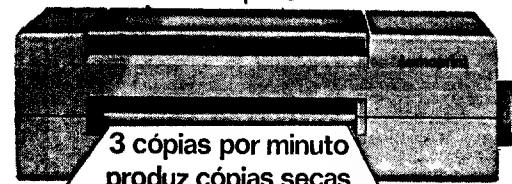
Vendas a partir de 2.ª-feira

Tecidos em peça desde 25\$00  
RETALHOS, DAMASCOS, VELUDOS, GORGORÕES, ETC. / desde 5\$00

**RAUL NETO, LDA.**

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º, C/ ELEVADOR  
(esquina da Rua da Prata)

## MÁQUINAS DE FOTOCÓPIA 4.074\$00



3 cópias por minuto  
produz cópias secas  
reproduz todas as cores  
peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso  
**Serticportuguesa**  
rua buenos aires, 7 1º tel. 667928 e 667772

Se v.ex.ª lava automaticamente porque não seca automaticamente?

# Miele

Primeiro secador electrónico

AGENTE OFICIAL

## OLIVEIRA

Electrodomésticos  
Av. Almirante Reis, 91-A

## Boite CHARLÔT

DISCO — BAR

4 — 20 hrs. TARDE  
22 — 3.30 — NOITE

RUA NOVA DA ESTAÇÃO, 4 — S. JOAO DO ESTORIL  
Atrás da Garagem Mobil Next to the railway-station  
Junto à estação de caminho de ferro Behind the Mobil Garage

# DESPORTO

BÉTIS, 3-BELENENSES, 0

## AQUILO QUE OS «AZUIS» QUISERAM QUINO NÃO DEIXOU...

A desforra, tão desejada, não surgiu. Derrotado no Restelo por 4-0, o Belenenses voltou a perder com o Bétis — agora em Sevilha — e novamente por números concludentes: 3-0.

Diga-se, no entanto, que a despeito do resultado, uma vez mais negativo o futebol produzido pelo «onze» de Meirim foi de muito melhor qualidade que o patençado no encontro de Lisboa. Efectivamente, sem perda do arreganho, que — tudo o leva a crer — permanece como uma constante nas equipas freinadas pelo discutido técnico, o Belenenses mostrou-se já muito mais consciencializado e, sobretudo, portador de esquemas de jogo perfeitamente nítidos.

É evidente que isso não bastou. Frente a um Bétis cujo futebol «não vem de ontem», o Belenenses mostrou-se, de facto, inferior no que respeita a jogo-jogado e a eficiência. Certo que dois dos golos espanhóis resultaram de outros tantos lances chamados felizes — mas de certo modo todos os golos são felizes; certo ainda que

os «azuis» tiveram as suas ocasiões de marcar — mas os resultados fazem-se com golos e não com falhanços. Ainda assim (insista-se neste aspecto porque estes

### Torneio de Caracas O F. C. PORTO ENTROU COM O PÉ DIREITO

CARACAS, 3 — (F. P.) — O F. C. Porto venceu o Celta de Vigo, por 3-2, no encontro inaugural do Torneo Triangular disputado ontem à noite em Caracas. Ao intervalo, o resultado era de 1-0 a favor dos espanhóis.

As duas equipas alinharam:

F. C. PORTO — Armando; Wanter, Armando II, Vieira Nunes e Helder; Pavão e Bene; Chico, Abel, Pinto e Ricardo.

CELTA DE VIGO — Gost; Pedrito (Hermínio), Rivas, Riera e Hidalgo; Manolo e Almagro; Lescano, Joan, Rodilla e Suco.

encontros independentemente da sua maior ou menor repercussão, constituem basicamente jogos de e para «rodagem» — ainda assim, dizíamos, a turma do Restelo apresenta, de partida para partida uma melhor entrosagem, mais futebol, melhor técnica e, sobretudo, uma evolução em campo a traduzir raciocínio, noção de esquemas adaptáveis às contingências, consciência do próprio opositor. Já não são onze homens impregnados de força física e anímica que a nada olham, nada medem, nada ponderam, na busca frenética do ultimo reduto contrário. Não. O onze começa a tomar consciência de si mesmo e dos adversários começa a pensar, começa a melhorar. Até onde a melhoria poderá chegar... só o futuro dirá. Entretanto... bom, entretanto há que não esquecer que Roma e Pavia...

#### As equipas e os golos

Campo «Benito Villamarín», em Sevilha.

Árbitro: Peres Quintas.

BÉTIS—Campos (Lucho); Ezequiel, Frijols, Tellechia e Irizar; Gonzalez (Diaz) e Rogelio (Pachon); Macario (Barba), Isaura (Mallado), Quino e Benitez (Macario).

BELENENSES — Mourinho (Vitor Cabral); Gomes, Quaresma «capitão», Freitas e Murça; Carlos Serafim (Camolas), Quinho e Estêvão; Arlindo (Carro Pais), Ernesto (Laurindo) e Godinho.

Aos 24 minutos, Rogelio abriu o activo na sequência de um canto. Aos 65, o Bétis aumentou a vantagem para 2-0, na marcação de novo canto transformado por Quino. No penúltimo minuto, o mesmo jogador numa jogada individual de grande categoria, bateu a defesa «azul» pela segunda vez, fixando o resultado em 3-0.

Aos 67 minutos, por haver discutido uma decisão do juiz da partida, Quaresma «capitão» dos «azuis», foi expulso do terreno.

O trabalho do sr. Peres Quintas, caracterizou-se pela isenção e pelo acerto. A expulsão de Quaresma... só eles saberão porque: o diálogo foi entre ambos.

### UNIVERSÍADA 70

## Para os Estados Unidos o saco mais cheio...

TURIM, 3 — Após realizadas oito jornadas dos Campeonatos Mundiais Universitários, as medalhas atribuídas até agora têm a seguinte distribuição:

|                         | Ouro | Prata | Bronze |
|-------------------------|------|-------|--------|
| E. U. A. ....           | 19   | 15    | 9      |
| Rússia ....             | 14   | 10    | 9      |
| Itália ....             | 2    | 3     | 0      |
| Hungria ....            | 2    | 1     | 5      |
| Japão ....              | 1    | 4     | 3      |
| Jugoslávia ....         | 1    | 2     | 1      |
| Holanda ....            | 1    | 0     | 0      |
| Roménia ....            | 0    | 2     | 0      |
| Inglaterra ....         | 0    | 1     | 6      |
| Polónia ....            | 0    | 1     | 5      |
| Austrália ....          | 0    | 1     | 0      |
| Alemanha Ocidental .... | 0    | 0     | 1      |
| Canadá ....             | 0    | 0     | 1      |

## OS CLUBES ARGENTINOS DEBATERAM PROBLEMAS ECONÓMICOS COM O CHEFE DO GOVERNO

Dezanove presidentes de clubes da I Divisão Argentina reuniram-se na última semana com o presidente da nação, general Rober, Marcelo Levingston, a fim de apreciar a crise financeira que atravessam presentemente os clubes de futebol da Argentina.

No final da audiência Alberto J. Armando (Boca Juniors), Eduardo Sacconi (Racing) e William Kent (River Plate), falando em nome dos colegas, revelaram que na entrevista com o general Levingston, foram tratados três pontos fundamentais: o problema desportivo, a orienta-

ção do desporto e o aspecto económico, salientando que este último é o mais premente.

Manifestaram também que não solicitaram quaisquer subsídios nem os aceitarão, porque — disseram — «seria um suicídio», pois a experiência veio demonstrar que tais soluções é que determinaram as graves dificuldades actuais.

Afirmaram, por último, que o general Levingston lhes havia manifestado que desejava «diálogo e não discórdia» e que lhes dará a máxima colaboração logo que se normalize a situação directiva da A. F. A.

## cintos de segurança

de dois e três pontos de fixação para todos os modelos e marcas de automóveis.



**S A F E**

Submetidos aos mais rigorosos testes. Afinação do comprimento, fechar, e abrir em segundos com uma só mão, sem largar o volante. Fixação simples e rápida montagem por meio de peças apropriadas. Elasticidade rigorosamente calculada, baseada na resistência do corpo humano e em verdadeiras condições de acidentes.



**SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.**  
FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS VW EM TODO O PAÍS

## INTRAMUROS

# Escalada para os «Nacionais» através de competições associativas

Embora os «Nacionais» da I e da II Divisão só principiem no próximo dia 13, o futebol entre nós já é notícia com sabor oficial. Estão a disputar-se, entre outros, as Taças de Honra de Setúbal e de Santarém e o Torneio Início, no Porto.

No Montijo, realizou-se a 2.ª jornada da 1.ª série da prova a cargo da A. F. Setúbal. Dos jogos disputados há a destacar a vitória do Montijo sobre o Vitória de Setúbal — equipa que, embora constituída por «reservas», não deixa de ser uma turma de primeiro plano. Os «donos da casa» venceram por 2-1, com 2-0 ao intervalo.

Marcadores: Vieira Dias e Portinho, aos quatro e dezoito minutos, respectivamente; e na segunda parte, Amandio, aos quinze.

Em Sesimbra, a turma local defrontou o Paio Pires, e venceu por 3-2, com 2-1 ao intervalo.

O Sesimbra jogou mal, pois tem uma equipa para fazer melhor. Por sua vez, o Paio Pires, devido à excelente exibição que fez, merecia pelo menos o empate.

## HOJE À NOITE

FUTEBOL — Torneio Início do Porto: Leixões-Varzim, às 21 e 30, no Campo Vidal Pinheiro, às 21 e 30.

Jogos-treino: C. U. F. Atlético, às 18, no Estádio Alfredo da Silva, no Barreiro; e Marinhense-União de Tomar, na Marinha Grande, às 18.

Marcadores: Hercúlo, Canário e Julião, aos trinta segundos, trinta e quatro e trinta e oito minutos, respectivamente. No segundo tempo, Piedade, aos cinco, e Plácido, aos vinte e um.

Nos encontros da 2.ª série, cujos jogos se disputaram no Campo da Medicina, na Amora, o Barreirense venceu o Amora por 1-0, resultado feito no primeiro tempo. O Barreirense venceu... mas não venceu como equipa da I Divisão.

Entretanto, o Luso do Barreiro derrotou o Cova da Piedade por 2-1, com 1-0 ao fim da primeira parte. Vitória merecida do Luso, embora o Cova da Piedade desse boa réplica.

A final desta exibição da Taça de Honra de Setúbal será, assim, disputada entre o Barreirense e o Montijo.

Os 5.º e 6.º lugares serão disputados entre o Luso e o Sesimbra, enquanto o Paio Pires e o Cova da Piedade, disputarão os 7.º e 8.º. Os encontros realizam-se no próximo domingo, em campos a designar.

## EM SANTARÉM

Torres novas  
e União de Tomar  
finalistas

No Estádio Municipal de Torres Novas, disputou-se o encontro Torres Novas-Tramagal, a contar para a Taça de Honra da Associação de Futebol de Santarém.

O jogo terminou com a vi-

tória dos donos da casa, por 4-0.

Os golos foram marcados por Garrido, Leal e Pedro.

Com oito vitórias, o Torres Novas conquistou o acesso à «final» da prova, frente ao União de Tomar, que, por sua vez, bateu o União de Santarém por 3-0.

## NO PORTO

A contar para o Torneio

Início, do Porto, encontraram-se, no campo Eng.º Vidal Pinheiro, as turmas do Boavista e do Penafiel, para definição dos 5.º e 6.º lugares. O encontro terminou com a vitória dos primeiros, por 1-0.

Seguidamente, efectuou-se o primeiro encontro das «meias-finais», passando à «final» o Salgueiros, que bateu o Tirsense, por 1-0.

## HIPISMO

# NÍVEL COMPETITIVO NO CONCURSO DA PENINA

Começou brilhantemente o V Concurso Hípico Internacional da Penina, numa organização do Clube de Golfe da Penina com o patrocínio da Federação Equestre Portuguesa e colaboração da Comissão Regional do Turismo do Algarve.

De manhã disputou-se a prova «Capitão José Beltrão», para juniores, dividida em duas séries.

Na série A para juniores de 14 e 15 anos venceu Luís Lupi, com o 1.º e 2.º lugares, montando, respectivamente, «Konaka» e «Tagmon». Na série B, para juniores de 16 e 17 anos, venceu a amazona Maria da Graça Carvalho, ficando em segundo lugar, ex aequo, A. Leal da Silva, J. Duarte Silva e Bento do Amaral, que montaram «Cossaco», «Armada» e «Daniel».

A tarde houve apresentação de cavaleiros internacionais, escutando-se os hinos de Portugal e da Espanha.

Disputaram-se as provas interacionais «Socool-Franko» e «Hotel Alvor Praia». Na primeira, inscreveram-se 30 concorrentes, saindo vencedor, depois de duas animadas «barragens», António Caldeira em «Gitana» e ficando em segundo lugar apenas com 1/5 de diferença o tenente Pimenta da Gama com «Penny Stall».

A segunda prova teve a inscrição de 14 concorrentes e a vitória coube ao tenente

## EXCURSÃO DA C. P.

LAGOAS DE MELIDES  
E SANTO ANDRÉ  
— SINES

DOMINGO, 13 de Setembro

Comunica-se a C. P. que realiza no dia 13 de Setembro, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa às Lagoas de Melides e Santo André, Santiago de Cacém, Sines e Porto Covo, incluindo viagens de comboio em 1.ª classe entre Lisboa e Grândola e, ainda, um percurso turístico rodoviário às citadas localidades. Almoço no Restaurante GABRIEL, em Santiago de Cacém.

PREÇO DA EXCURSÃO  
COMPLETA ..... 210\$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124), nas Agências de Viagens autorizadas e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

## ZAGALO PROMETEU DIZER «COISAS»

Para uma breve visita de pouco mais de 24 horas, encontra-se em Lisboa o treinador da selecção de futebol do Brasil, Mário Zagalo, que veio até nós acompanhado de sua esposa.

O discutido seleccionador que esteve em Londres, onde tomou parte numa reunião da F. I. F. A., seguirá amanhã, no avião das 14 e 45, para o Brasil.

Procurado hoje, disse-nos:

— Amanhã, na hora da partida eu falo. Digo coisas. Hoje, não. Vou visitar a vossa linda Lisboa e mostrá-la a minha mulher... A minha sogra é portuguesa.

## TIRO AOS PRATOS

Integrado no programa das festas do Troviscal (Castanheira de Pera), vai disputar-se naquela localidade, no próximo dia 12, um torneio de Tiro aos Pratos. Os prémios são os seguintes:

1.º — 30 % das inscrições;  
2.º — 20 %; e 3.º — 10 %

## CICLISMO

### IV GRANDE PROVA DE INICIAÇÃO

A Federação Portuguesa de Ciclismo em colaboração com o Sport Clube Borbenense leva a efeito, no próximo dia 13, a IV Grande Prova de Iniciação competição que mais uma vez se organiza com o propósito de apurar valores em todo o País, para o ciclismo nacional.

As inscrições estão abertas até 6 do corrente

## PARA HOJE

— Jogo internacional: Seleção da Coreia-Benfica, em Seul (Coreia), à noite.

— Torneio de Gijón: Vitória de Setúbal-Belenenses, às 20 e 30, em Gijón (Espanha).

— Torneio Internacional de San Sebastian: Honved (Hungria) Sporting, às 19 e 30.

— Torneio de Murcia: Lenarossi (Itália)-Académica, às 19 e 30, em Murcia.

— Torneio Início do Porto: Leixões-Varzim, às 21 e 30, no Campo Vidal Pinheiro, às 21 e 30.

— Jogos-treino: C. U. F. Atlético, às 18, no Estádio Alfredo da Silva, no Barreiro; e Marinhense-União de Tomar, na Marinha Grande, às 18.

# TOTOBOLA

## HORAS NOVAS E PRÉMIOS MAIORES PARA A NOVA ÉPOCA



EM LISBOA  
E NO PORTO

AOS SÁBADOS  
AS 12 HORAS

SERVIÇOS

DE ÚLTIMA HORA

ATÉ ÀS 17h

NA PROVÍNCIA

AS AGÊNCIAS ENCERRAM 24 HORAS MAIS CEDO DO QUE ANTIGAMENTE

Conta Infantil  
BANCO DO ALENTEJO

**O NORTE  
DESPORTIVO**

NA EDIÇÃO DE HOJE À VENDA  
EM LISBOA DEPOIS DAS 14 HORAS

- ★ O Benfica tem fama e um «best-seller» de grande categoria — por Alves Teixeira
- ★ Adeus Japão (a viagem do Benfica)
- ★ Da Espanha à Coreia do Sul passando pela Venezuela (com o relato do jogo do F. C. P.)
- ★ Uma jogadora portuguesa de futebol no Roma
- ★ E um artigo-reportagem sobre o novo GS da Citroën apresentado na Irlanda

AR LIVRE

COMÉRCIO DE CAMPISMO  
E CARAVANISMO LIMITADA

APRESENTA CARAVANAS INGLESA:

ASTRAL — BAILEY — BESSACAR  
THOMSON E VIKING (Fibra de vidro)

VISITE A NOSSA CASA, ESCOLHA QUALIDADE  
ENTRE OS NOSSOS 39 MODELOS DE 3 A 7 METROS  
DE 2 A 4 RODAS

BARCOS — TENDAS — ATRELADOS INGLESES

LARGO HINTZE RIBEIRO F. A.

(S. BENTO — RATO)

TELEFONE 65 09 67

O MAIOR «STAND» DE LISBOA  
(ESTACIONAMENTO PRIVADO)

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS  
R. DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259



VENDAS - SERVIÇO - PEÇAS





# CARTAZ DOS CINEMAS



## \* SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54154-54153  
As 15.15, 18.15 e 21.30  
EM 2.ª SEMANA  
Um filme oportuno  
**AMAR SEM AMOR**  
com Jean Simmons, John Forsythe e Shirley Jones

## \* EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768  
As 15.15, 18.30 e 21.30  
Uma história dos tempos de Cristo  
Anthony Quinn e Silvana Mangano em  
**BARRABAS**

## \* ESTÚDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095  
As 15.30, 18.30 e 21.45  
7.ª SEMANA  
A fantasia musical dos prodigiosos beatles  
**O SUBMARINO AMARELO**  
com os «BEATLES»

## \* IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933  
As 21 horas  
**PORTO MASSACRE**  
NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE

## \* LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560  
As 21 horas  
**DOIS HOMENS DOIS DESTINOS**  
NAO INCOMODE

## \* LIDO

As 21 e 30 (M. 12 anos)  
Um filme de aventuras!  
Uma história do Oeste  
**OS CINCO BANDOZEIROS**  
com Peter Graves

## \* MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743  
As 15.15, 18.30 e 21.45  
Michel Constantin, Senta Berger e Julian Mateos num filme do mais empolgante interesse!  
**OS ESTRANGEIROS**  
Fotografia em eastmancolor  
Ar condicionado

## \* RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375  
As 21.30 horas  
O maravilhoso filme que resultou no melhor «western» até hoje realizado  
**OS 7 MAGNÍFICOS**  
com Yul Brynner

## \* IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 555134/5  
As 15.00 e 21.30  
EASTMANCOLOR  
Jacqueline Maillan  
Guy Bedos e Michel Serrault  
**O RAPTO DE MATILDE**

## \* ESTÚDIO

As 15.30, 18.30 e 21.45  
(Adultos)  
14.ª SEMANA  
**A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD**  
com Jean Louis Trintignant e Françoise Fabian

## \* ROMA

(M. 17 anos) Tel. 727778  
As 15.30 e 21.45  
Uma comédia dos diabos  
**O DIABO ENAMORADO**  
a Vittorio Gassman e Claudine Auger

## \* ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037  
As 21 horas  
**SHALAKO**  
O SARGENTO RIKER

## \* ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283  
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30  
2.ª SEMANA TRIUNFAL  
A história do terrível segredo de uma brutal vingança...  
**O SINAL DE DJANGO**  
com Anthony Steffen e Rada Haimov  
(SCOPE-COL.)

## \* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595  
As 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite  
O filme de Jacques Deray em  
12.ª SEMANA  
**A PISCINA**  
com Alain Delon

## \* EUROPA

(Adultos) Telef. 661016  
As 15.15 e 21.30  
3.ª SEMANA  
Ela teve tudo, tudo, até uma morte horrível...  
Barry Newman e Diana Nuevas em  
**O ADVOGADO**

## \* LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 795296  
As 21 horas  
**O SINAL DE DRÁCUA**  
A ILHA DO AMOR

## \* AVIS

(Adultos) Tel. 47103  
As 15.15 e 21.30  
Uma comédia dos diabos  
**O DIABO ENAMORADO**  
com Vittorio Gassman e Claudine Auger

## \* CHIADO TERRASSE

As 15 e 21 (M. 17 anos)  
**BEIJOS ROUBADOS**  
**BOA NOITE**  
**SENHORA CAMPBELL**

## \* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305  
HOJE, 15.15 (p. r.) e às 21.30  
UM FILME DE EXCEPCIONAL ENVERGADURA ESPECTACULAR  
**AGUIA NEGRA, O COSSACO**  
com Dick Palmer, Edwige Fenech e centenas de figurantes  
...Era adorado na Corte do Czar e temido nas batalhas

## \* CASINO ESTORIL

As 17 e 21.30 (M. 17 anos)  
**A PERVERSA**  
com Ryan O'Neal

## \* CONDES

(Adultos) Tel. 322523  
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45  
5.ª SEMANA  
um excepcional filme  
**MUNDO MULHER**  
um filme de G. JACOPETTI

## \* VOX

As 18.30 e 21.30  
5.ª SEMANA TRIUNFAL  
Oliver Reed, Carol White e O. Welles  
numa história sofisticada, satírica e imensamente divertida  
**O FALHADO**  
Um sugestivo filme magnífico  
Tecnicolor  
AR CONDICIONADO

## \* MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131  
As 15 e 21.30  
A mais bela história de amor.  
A mais bela música.  
O mais belo filme do ano.  
**«GOODBYE, MR. CHIPS»**  
com Peter O'Toole e Petula Clark

## \* ALVALADE

(M. 6 anos) (Tel. 717480)  
As 15.45 e 21.45  
Para a pequenada um filme de balbúrdia total, com a assinatura de Walt Disney  
**AS DIABRURAS DE SAMMY**

## \* outros espectáculos

### ● LISBOA

**TEATROS**  
VILLARET — As 21 e às 23: «O vision voador» (17 anos).  
MARIA MATOS — As 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).  
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).

### CINEMAS

CINEARTE — As 15 e às 21: «Chove no meu coração» (17 anos).  
OLÍMPIA — As 14 e às 19: «Comissário X» (12 anos).  
ARCO-ÍRIS — As 15 e às 21: «Os dias da ira» (12 anos).  
JARDIM — As 21: «Um golpe em Itália» (17 anos).  
SALÃO LISBOA — As 14 e às 19: «O Santo em acção» (12 anos).  
PARIS — As 21: «Charada» (17 anos).  
IDEAL — As 5 e 15 e às 21: «Uma viúva de ouro» (17 anos).  
MOSCAVIDE — As 21: «O Barnse» (17 anos).  
PROMOTORA — As 21: «Lindas encrenhas as garotas» (12 anos).

### ● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «O Barão de Frankenstein» (17 anos).  
OIRAS — OIRAS-CINE — As 21: «Uma ingénua muito especial» (17 anos).  
FAREJAS — ROYAL-CINE — As 21: «Boeing» (17 anos).  
ESTORIL — CASINO — 17 e às 21 e 30: «A Perversa» (17 anos); CINE-ESPLANADA — As 21 e 30: «Um homem para a eternidade» (12 anos).  
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Romance em Acapulco» (12 anos).

### ● Outra Bando

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «O homem a quem chamaram cavalo» (12 anos).  
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — As 21: «Hércules e a Rainha» e «Prova quem a Rita» (12 anos).  
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «Sylvia» (17 anos).  
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — As 21 e 30: «Livres como o vento» (6 anos).

### ● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «A sangue frio» (17 anos).  
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Antes do inverno chegar» (17 anos).  
MEM MARTINS — CINE-CHAIBY — As 21 e 30: «Resgate humano» (17 anos).

### ● PORTO

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «A lei dos deuses» (12 anos).  
COLISEU — As 21 e 30: «Músicas no coração» (12 anos).  
RIVOLI — As 21 e 30: «Noite de Angústia» (12 anos).  
BATALHA — As 21 e 30: «Dilema de uma mulher» (17 anos).  
TRINDADE — As 2 e 30: «Spartacus» (12 anos).  
ESTÚDIO — As 21 e 30: «O Homem de Kiev» (17 anos).  
OLÍMPIA — As 21 e 30: «A Pirâmide» (17 anos).  
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Um assassino para Sua Majestade» (12 anos).  
CARLOS ALBERTO — As 21: «As aventuras do Santo» e «3 sargentes de bengalas» (12 anos).  
JULIO DINIS — As 2 e 30: «Gungahla - A virgem da Selva» (17 anos).  
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «Noite de Violência» (12 anos).  
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).  
CINE-TERÇO — As 21 e 30: «Flor Amarga» (17 anos).

### ● COIMBRA

AVENIDA — As 21 e 30: «Mulheres, música... e a noite» (17 anos).  
TIVOLI — As 21 e 30: «Como roubar milhões... sem fazer fôrça» (12 anos).  
ESPLANADA DOS BOMBEIROS — As 21 e 45: «Nevada Smith» (17 anos).

## VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

### ● LISBOA

ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (Tel. 776905) \* Aeroporto, Av. Gago Coutinho, 101-D (4.ª Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) \* Rio de Janeiro, Av. Est. Unidos da América (721409).  
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373).  
ALTO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa 235-A (4.ª Alameda) (728277).  
ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187).  
AVENIDA NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D-E (771661) \* Figueiros, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) \* Naveis, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).  
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Róvisco Pais, 52-A-B (534027).  
AREIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478).  
ARROIOS — Bastos, Rua Moraes Soares, 91-E (844350).  
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).  
BAIXA — Silve Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (326575).  
BELEM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (44454).

BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 31-A (704828) \* Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) \* J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (780969).  
CAMÕES — Sonitas, Pr. Luis de Camões, 24 (Tel. 322798).  
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) \* Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) \* Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838).  
CAMPO SANTANA — Silmer, Rua de S. Lázaro, 128 (42829).  
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Moraes, 1 (771469).  
ESTRELA E LAPA — Teagus, Praceta da R. Possidónio da Silva, 162-A (Tel. 669485) \* Mata Capitão, Rua de São Félix, 45-A (660720).  
CAMPO GRANDE — Carbita, C. Grande, 220-222 (772397) \* Curie, Av. Madame Curie, 115-A (Tel. 778439).  
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Golinheiras (790969).  
GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 16 (862074) \* Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725).  
ESTEFÂNIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (Tel. 433401).

JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. dos Janelas Verdes, 90 (662327).  
LUMIAR — Central de Lumiar, R. do Lumiar, 17 (790480).  
MARQUES DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 219 (43641).  
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Alferes Barroso, 7-C, Olivais-Norte (315539) \* Antunes Rosas, R. C. I. para o Praga Cidade do Luso, Olivais-Sul (313610).  
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (Tels. 728395-720709).  
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).  
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (761035).  
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (4.ª Encosta do Restelo) (612248).  
SANTO AMARO — Gomes, Suc., Rua da Junqueira, 326 (638193) \* Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) \* Dileno, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620).  
DE SANTA APOLÓNIA — CO. BEATO — Conceição, Calç. D. Gastão, 30-32 (Tel. 381279).  
S. BENTO — Fenix, Rua da Cruz dos Poais, 52 (Tel. 678531).

### ● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953).  
CAXIAS — Nave, Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839).  
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2482039).  
OIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões 18 (Tel. 2430058).  
PAREDE — Alis, Av. Gago Coutinho, 8.ª das Caixas de Previdência (T. 2472948).  
ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, 1 (Tel. 260391); S. João — (Tel. 261186).  
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, (Tel. 280170) \* Nave, Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044).

### ● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco, R. Elias Garcia, 209 (Telefone 930019) \* Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485) \* Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 115-A (Tel. 938149).  
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (T. 971023).  
QUELUZ — Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950045) \* Correia — Lg. do Mercado, 3 (T. 950905).

### ● CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (294034).  
MEM MARTINS — Quilma, Est. Mem Martins 285 (Tel. 2910012).  
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (Tel. 980456).  
SINTRA — Marrazes, L. Afonso de Albuquerque (T. 980058).  
COLARES — Colares, Abreia, (Telefone 299088).

### ● Outra Bando

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).  
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).  
ALMADA — Central — R. de Olivença, 11-B (Tel. 270504).  
BAIXA DA BANHEIRA — Nave Fátima, Estrada Nacional, 221-B (224141).  
BARREIRO — St.º Martinho, R. do Lavradio, 17-C (Tel. 2272141).  
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, Lg. 5 de Outubro, 62 (T. 270121).  
MOITA — Silve Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).  
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis 42 (Tel. 230082).  
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).  
SETÚBAL — Normal do Sul, P. do Bocage (Tel. 22216).

### SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 221850).

### ● PORTO

AMEAL, R. do Ameal, 1227 (T. 43550) \* BIRRA, P. da Liberdade, 25 (Tel. 20463) \* COSTA LIMA, Av. da Boavista, 885 (T. 60606) \* FALCÃO, R. de Santo Ildefonso, 61 (Tel. 21566) \* INVICTA, R. do Bantim, 330 (Tel. 51212).  
LAPA, R. Antero de Quental, 211 (Tel. 40697) \* MARTINHO SUCR. P. Marques de Pombal, 122 (Tel. 40747) \* ORDEM DA TRINDADE, R. da Trindade, 19 (Tel. 27420) \* RAMOS, P. Esdras Liberto, 91 (Tel. 64935) \* SANTA TERESA, P. G. Gomes Fernandes, 10 (Tel. 35718) \* TERREIRO, R. do Reboreira, 21 (Tel. 23576) \* VAZ, TEIXEIRA, SUC., R. do Heroísmo, 56 (T. 52891) \* VILARINHA, R. da Vilarinha, 161 (Tel. 682014) \* NACIONAL, R. Senhora do Luz, 156-Foz (T. 680838).

### ● COIMBRA

Nazaré, R. Ferreira Borges (Tel. 22605) \* Figueiredo, Rua da Sofia (Tel. 22657) \* Estádio, Rua do Brasil (Tel. 24410) \* Mendes Gleras, Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.  
Administração e Publicidade  
Rua Castilho, 185-1.  
Telef 65 45 31-2-4-4  
Redacção e Serviços Técnicos:  
Rua Luz Soriano, 44  
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5  
Ed. Tel DIBOA. Telex 1363  
Lisboa — Portugal



## O tempo

### INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL EM 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava pouco nublado, com excepção das regiões do litoral a norte do rio Tejo; o vento era fraco, soprando moderado no litoral para sul do Cabo Carvoeiro; havia nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Elvas 34°; mínima, Viseu, 3°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto e Penhas Douradas, 18°; Coimbra, 21°; Portalegre, 22°; Lisboa, 21°; Faro, 26° e Funchal, 23°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 20°-9; na água do mar, 15°-8.

### PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Amanhã  
Nascer às 7 e 07  
Ocaso às 20 e 04

Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado nas regiões do litoral para norte do Cabo Espichel; vento fraco ou moderado do quadrante Norte soprando, a partir da tarde, em regime de nordesta para sul do Cabo Carvoeiro; neblina ou nevoeiro matinal.



Dia 3 Dia 15 Dia 22 Dia 30

#### MARES:

PREIA-MAR: Hoje — 5 e 30 (3,8 m); 17 e 40 (4 m). Dia 4 — 5 e 56 (3,9 m); 18 e 08 (3,9 m). Dia 5 — 6 e 23 (3,8 m); 18 e 38 (3,8 m). BAIXA-MAR: Hoje — 11 e 05 (1 m); 23 e 28 (1 m). Dia 4 — 11 e 35 (1 m); 23 e 05 (1 m). Dia 5 — 12 e 08 (1,1 m).

## As precauções contra a cólera na Guiné Portuguesa

BISSAU, 3 — (A. N. I.) — Continua a processar-se a vacinação de toda a população de Bissau e do interior da província da Guiné contra a cólera, de acordo com o programa há dias estabelecido. Na capital, a vacinação é feita na delegação de Saúde, na missão de combate às tripanossomias e no dispensário antituberculoso. A rádio anuncia todos os dias os departamentos que devem enviar os seus funcionários à vacina. E continua a não se registar qualquer caso de cólera.

### MARAVILHOSA EXCURSAO ACOMPANHADA, VISITANDO:

## TERRA SANTA

GRÉCIA e ITÁLIA  
PARTIDA:  
20 DE SETEMBRO  
15 dias de viagem em hotéis de 1.ª classe  
TUDO INCLUIDO  
ESC. 14.600\$00

Excelente oportunidade para visitar tranquilamente os lugares santos, enquanto vigora o tratado de tréguas

Programa e inscrições:

### AGÊNCIA ABREU

Lisboa: Av. Liberdade, 160  
Porto: Av. dos Aliados, 207  
Coimbra: Rua da Sota, 2

# Eunice Muñoz e Barahona da Fonseca (Mina e Abdul Rashid) casaram pelo rito islâmico

Durante 5 meses a actriz Eunice Muñoz e o poeta António Barahona da Fonseca esconderam da curiosidade pública o seu casamento, segundo o rito islâmico, numa mesquita de Lourenço Marques.

— Não estou, realmente, interessada na divulgação desse importante acto das nossas vidas — disse-nos, esta manhã, a prestigiosa actriz, acrescentando que «só a circunstância de não poder ser ocultado por mais

seca realizou-se no decorrer da digressão ultramarina da actriz e de José de Castro, durante a qual interpretaram quatro peças: «Dois num baloiço», «Os dactilógrafos», «A voz humana» e «O homem da flor na boca».

— Foi uma «tournée» em que conseguimos grande êxito artístico — diz-nos Eunice (Mina), que regressou de África há cerca de

um mês e tem estado a repousar na Costa do Sol.

O reaparecimento de Eunice perante as platéias de Lisboa deve processar-se numa produção de Artur Ramos (para o Teatro Villaret) e num cartaz que inclui, igualmente, Lurdes Norberto, Glicínia Quartín, José de Castro e Síndes Filipe.

— Não tenho outros projectos artísticos — afirma Eunice (Mina) Muñoz. — Para a TV não há nada. Para a rádio também ainda ninguém me falou. Estou a descansar. E isso é importantíssimo para o meu espírito.

Por seu lado, o poeta António Barahona da Fonseca (Abdul Rashid) declarou-nos:

— Dentro de 15 dias publicarei um poema de amor em 10 cantos, que intitulei de «Eunice».

— Porque não lhe chamou «Mina»?

Barahona (Abdul Rashid) da Fonseca não ouviu a pergunta. E disse:

— Planeava uma viagem ao Egipto, mas como a cólera anda perto, estou muito hesitante...

Bara choramingou. E Eunice (Mina) passou a preocupar-se apenas com o seu bebé.



Eunice Muñoz, aliás Mina

tempo autorizava a confirmação do facto.

Com efeito, na mesquita islâmica da capital laurentina, Eunice e Barahona uniram os destinos, adoptando os nomes de Mina e Abdul Rashid, respectivamente. Por seu lado, a filha do casal (actualmente com 22 meses de idade) passou a chamar-se Bara.

— Levaria muito tempo a explicar os motivos que nos impeliram para o Islâmismo — afirmou-nos Eunice (Mina) Muñoz. — Mas posso garantir que seguimos o caminho da nossa própria consciência.

O casamento islâmico de Eunice e Barahona da Fon-

## XV CIRCUITO DE VILA DO CONDE O ÚLTIMO DOS NOSSOS CIRCUITOS

Sensacional reportagem do circuito mais bem organizado do calendário metropolitano. Reportagem de AVELÁS COELHO, AUGUSTO VILELA, BANDEIRA DE LIMA, ADRIANO CERQUEIRA e MARIA DO CÉU.

**motor**

## SAIU HOJE

AINDA NESTE NÚMERO:

- PÁGINA DE KARTING (Herlander Garcia)
- PÁGINA DE AVIAÇÃO (Alves Saraiva)
- NOTICIÁRIO
- AS HABITUAIS SECÇÕES
- «ZÉ MOTOR» REAPARECE

EM MOTOR-ENSAIO

O NSU RO 80 — 1970

## VÁ COM O motor

### AO RALLYE DOS MONTES ALENTEJANOS

Um SUPLEMENTO ESPECIAL sobre o «Safari Metropolitano»

32 PÁGINAS

PREÇO 2\$50



## EXTERNATO JOÃO XXIII

INFANTIL E PRIMÁRIO — AMBOS OS SEXOS  
Francês, Inglês, Ginástica, Iniciação musical, Ballet e Piano

Telefones: 310363 e 313109 — Bairro da Encarnação  
Transportes em autocarros privados

## CAMPO PEQUENO

HOJE, AS 22 HORAS

um cartaz para a história

## M. BAPTISTA L.M. da VEIGA

#### MATADORES

JOSÉ FALCÃO  
DAMASO GONZÁLEZ

FORCADOS AMADORES DE ALCOCHETE

8 TOIROS  
dos Herdeiros de JOSÉ INFANTE DA CÂMARA



# SUPLEMENTO LITERÁRIO

«...A experimentação e a investigação no romance são tão necessárias como na arte e na ciência. Destroem velhos moldes, que lá não podem exprimir novas visões.» (A. Nin), «O Romance do Futuro».

## LITERATURA EXPERIMENTAL

NÃO VAMOS FALAR do romance *experimental* (pseudocientífico) que Zola supunha ter inventado. Deixaremos de lado não só o romance naturalista, mas também a literatura realista, regionalista e histórica tradicional. Eliminaremos a maioria dos *best sellers* actuais e as obras que são apenas pornográficas, políticas, religiosas ou psicológicas. Passaremos em silêncio a obra de alguns dos romancistas mais conhecidos de hoje (Wilder, Nabokov, Bellows, Styron, Malamud, Roth, Updike, Friedman, Purdy, Salinger), alguns dos quais serão também os melhores romancistas do momento. Apesar de tudo, ficaremos com um vasto campo de experiência para explorar: a palavra de passe será, aqui, a preocupação presente no romancista de se afastar, seja por que meio for, dos atalhos batidos da literatura americana e, mais particularmente, dos caminhos deformados do realismo.

A reacção mais evidente contra o realismo é o surrealismo. Não é exagero dizer que esta via foi muito explorada há 30 anos e continua a sê-lo por escritores tão diversos como Burroughs, Henry Miller, Anaïs Nin, William Goyen, John Hawkes, Djuna Barnes (*Nightwood*), Maud Hutchins, Susan Sontag, Gil Orlowitz (*Milkbottle H*, 1968), etc.

Sob a influência do surrealismo, numerosos escritores «experimentais» decidiram «escapar à razão», abandonar as vias da lógica e da análise, tomar no sonho o seu ponto de partida, socorrer-se, para contar histórias sem *happy ending* e mesmo sem fim propriamente dito, dos numerosos recursos da imagem e do símbolo (a água que corre, símbolo do inconsciente, a neve ou o gelo, símbolo da adolescência, o labirinto, os espelhos, etc.).

Mas os romancistas americanos seguiram igualmente outros caminhos. Podemos notar, entre as tendências, as escolas ou os movimentos adoptados, adaptados ou *afflorados* pelos escritores de vanguarda, o freudismo, as diversas teorias psicanalíticas, o existencialismo, as filosofias do «absurdo», a ideologia do *Nouveau Roman*, o estruturalismo (que, não devemos esquecerlo, tem raízes americanas), o romance-verdade, etc. Estas influências, em parte contraditórias, por vezes instintiva ou sabiamente combinadas, deram, a par de alguns malogros inegáveis, um notável florescimento de obras, se não originais, ao menos muito interessantes.

O anti-realismo exprime-se frequentemente pela procura de um *estilo*. Os romancistas que vamos citar escrevem todos em reacção contra os apóstolos da preponderância do Fundo sobre a Forma. Procuram ter uma linguagem própria, criar uma linguagem, se tanto for necessário. Alguns deles, na procura de um *estilo*, apelaram para os processos utilizados por outras artes: pintura, dança, cinema, música... Os domínios em que a América se assinalou particularmente (os espirituais, o jazz) foram fonte de inspiração para um certo número de romancistas, alguns dos quais (como Bowles Whitmore) são músicos de talento. O elemento comum aqui é uma espécie de *ritmo*, que tanto se encontra em Kerouac (*Pela estrada fora*) como em Stanford Whitmore (*Solo*), Daniel Stern (*After the War*, 1967; *The suicide Academy*, 1968), Anaïs Nin (filha de um célebre pianista, fortemente influenciado pela música e a dança).

A maioria dos romancistas «experimentais», como rejeitam, no todo ou em parte, as técnicas convencionais, inaptas para exprimir o que pretendem dizer, tentam encontrar outras. Alguns para «despalear» o leitor, utilizam diversos processos tipográficos

(U. Molinaro, G. Orlowitz, R. Horn); outros, para aligeirarem a frase, vão pesquisar os tesouros escondidos da linguagem, entregando-se a jogos de palavras ou acrobacias verbais que, por vezes, nos fazem pensar ora em Rabelais ora em R. Du-neau ou em Marcel Aymé (Burroughs, Pynchon, U. Molinaro, etc.); outros ainda, mais ambiciosos, mais radicais, propõem-se deslocar ou destruir os instrumentos tradicionais da língua ou do pensamento (Burroughs).

Dal ao anti-romance, poderia haver apenas um passo. Mas o anti-romance, a bem dizer, não tem adeptos nos E. U. A., porque, por mais prontos que estejam para o experimentalismo, os escritores americanos dificilmente renunciaram à intriga e às personagens tradicionais.

Um deles dizia-nos recentemente: «Os partidários do Novo Romance rejeitaram, talvez com razão, os artifícios da antiga ficção. Mas não têm razão quando pensam que podem fazer-se *omelettes* sem ovos». As ousadias dos experimentalistas, segundo me parece, têm sempre deparado com limites que talvez não possam encontrar-se tão acusados noutras literaturas contemporâneas.

Mencionamos de passagem, outro limite: as dificuldades que a maioria dos verdadeiros romancistas experimentais têm encontrado para publicar a sua obra. A crítica americana, com raras excepções, (Edmundo Wilson «descobre» Anaïs Nin, em 1944) recusa-se a falar dos escritores não conformistas. Alguns géneros dificilmente se têm feito aceitar.

O escritor experimentalista americano mais conhecido de hoje, o mais célebre, fora dos E. U. A. e na América, nos meios de vanguarda, é incontestavelmente William Burroughs. Este vê no escritor um «aparelho de registo» (um «gravador»). O autor ilustra esta tese num livro como o *Festim Nu*, fazendo desfilar ante os nossos olhos «bandas físicas». Procurando libertar o sistema nervoso do leitor das forças verbais, representadas pela linguagem tradicional, Burroughs corta, reordena, sobrepõe estas «bandas»: «É preciso redigir a máquina. Registrar durante dez minutos — cortar ao acaso, introduzir palavras novas nesses cortes — apagar os velhos moldes de pensamento... substituí-los por outros padrões...». Noutros termos, o romancista deve deslocar o leitor das suas rotinas. Dal uma técnica de *colagem*, *dobragem*, *montagem*, que deve permitir uma destruição das articulações, uma decapitação da lógica. Por outro lado, Burroughs, para fazer tomar consciência da incoerência e da «criminalidade» da sua época, dá livre curso à imaginação dos drogados e dos depravados de toda a ordem, que povoam a sua obra.



JOHN HAWKES



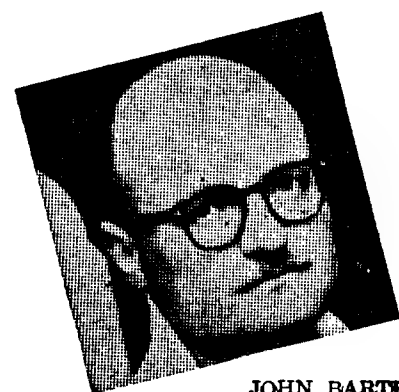
BURROUGHS



ANAIS NIN



TOM WOLFE



JOHN BARTH

por Pierre Brodin

As suas ideias e as aplicações destas suscitaram, como era de esperar, resistências. Para retomarmos as palavras do romancista Brion Glanville (*The Olympian*), «O sr. William Burroughs, que perdeu não sem razão, todo o afecto pelo conceito de tempo, tal como nos é imposto, produziu um romance disperso, um caleidoscópio que podemos fazer girar e voltar a fazer girar a nosso bel-prazer mas não nos libertamos do tempo fazendo-nos amorfos: A Arte exige uma forma».

Burroughs não tem discípulos, propriamente ditos, isso talvez seja melhor para a saúde da literatura americana. Grande número dos seus admiradores lamentam que ele tenha desviado o seu poder de alquimista para fora da criação do Belo. O seu «catálogo de detritos» (declarou-nos um dos confrades de W. Burroughs) «faz perder o apetite pela vida».

Muito afastado de Burroughs pelo *estilo*, John Hawkes poderia ser aproximado dele por uma lucidez cruel que alguns têm classificado de sádica. Mas a violência é contida aqui e os pesadelos são mais subtils que os de Burroughs. Hawkes é pouco conhecido do grande público, e, se bem que escreva desde o início da década de 40, só agora começa timidamente a fazer-se notar. A originalidade deste escritor reside no som ameaçador que ele faz assumir a coisas perfeitamente vulgares (uma perna de carneiro, um *cocktail party*). O terror está, diz-se, mais que o amor, no centro da sua obra. O crítico e romancista Albert Joseph Guerard, falando do *Canibal* (*The Cannibal*), o romance mais célebre de Hawkes, mostrava já em 1948 que, nas narrativas do escritor, a intriga, como aliás acontece nalguns dos seus ilustres predecessores (Conrad e Faulkner, por exemplo) nunca é visível: está oculta por «pormenores brilhantes, por uma submersão nas obsessões de vários espíritos, por uma total visão de horror, por uma repugnância muito clara em contar directamente uma história... De todos os verdadeiros ingredientes do surrealismo — recusa de lógica, horror, humor macabro — o *Canibal* tem uma participação integral...»

Outra obra de Hawkes, publicada mais recentemente (mas retomando certos textos escritos entre 1949 e 1960) chama-se *Paisagens Lunares* (*Lunar Landscapes*,



PHILIP ROTH

1963). Não se trata, bem entendido, daquilo que os astronautas possam ter visto, mas de obsessões simbólicas e de alegorias de pesadelo que se desenrolam num meio pseudo-realista, como a Itália de *The Owl* (A Coruja), onde o real e o imaginário se combinam criando uma espécie de ritual mágico destinado a enfeitiçar o leitor, a fazer-lhe ver bruscamente, por entre cenários aparentemente tranquilizadores, o terrífico deserto de certas vidas interiores.

O surrealismo integrado no simbolismo em Hawkes, surge, em estado mais puro, nos «romances poéticos» de William Goyen e Anaïs Nin, dois autores que se esforçam por dissolver o realismo e a análise na poesia, por «fundir consciente e subconsciente», por sincronizar o sonho e a experiência humana, a carne, a emoção, por soldar o mundo físico e o mundo da sensibilidade. As personagens evanescentes de *In Father Country* (Num país longínquo, 1955), disseminadas numa «confusão de silvas e sementes» são extraordinários fantasmas oníricos. Poeta e artista maravilhoso, Goyen sabe compor um contraponto inimitável de confissões, de sonhos e de música. É difícil não admirar as passagens onde, por exemplo, ele evoca o bandolinista Chalmers Engstrom, cujo instrumento tem cordas feitas de cabelos de mulher e canta sozinho quando a brisa se ergue... O uso mágico da palavra, em Goyen, fez apelo aos sentidos, à imaginação, dá ao leitor aquilo que Anaïs Nin, escritora de sensibilidade e de imaginação, chama «uma experiência emocional».

Cont. na pág. 2

# DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 627

3 • SETEMBRO • 1970



## Os Iluminados

SE EXISTE alguma coisa suficientemente poderosa para me extasiar é a capacidade de milagre de que os nossos literatos e artistas dão provas

De profundezas de uma provincia pouco menos que ignorada da capital (centro da expansão do génio lusitano) surge, subitamente, o mentor de nova corrente estética. O sucesso não é frequente, mas desde há alguns decénios tem resultado. Com a vantagem de se não mesclar com qualquer «ismo» de origem estrangeira. Ou se assim é, com características típicas que os escritores se entretêm em transformar em patuscas.

Os poetas, por aqui, felizmente, são as catadupas. Os partidários do D. Sebastião das Névoas e outros baladistas também. Como os maniacos das invenções mecânicas os nossos iluminados «descobrem» o que já foi ultra-repetido em revistas, cadernos, jornais de democracia divulgação cultural.

Se bem me lembro, assisti a uma conferência na florescente Sociedade

rária portuguesa num congresso internacional qualquer, algures em Itália.

Não tarda um fósforo e teremos um Camões marxista, um Camilo Pessanha reaccionário, um Cesário Verde percursor de movimentos proletários E ainda — quem sabe — tudo findará em grande família e bambuchata geral.



Os Iluminados vão encarregar-se de nos explicar tudo, principalmente aqueles, hebdomadários, que descorrtinam clarões nas obras dos nossos contemporâneos

Não se sabe bem que língua falam eles. Provavelmente um português de chavões que seria melhor aplicado nos folhetins do cozinho e da céguinha que mantém em estado de transe grande parte da população. Tanto talento desperdiçado! Quanta imaginação prós baldes do lixo!

Se afirmo que a democratização da cultura corresponde a degradação dessa mesma cultura — provooco a indignação geral. Mas se traduzo em versos de pé quebrado (ou similares) poemas de Heinrich Heine, não só sou aplaudido como proposto a fitinhas e penduricalhos honoríficos.

O ILUMINADO, poeta, escritor, músico, qualquer coisa, inspira-se. É inspirado. Cai em inspiração. Todo ele é estremecimento infatigável. Dai sai a OBRA, única, incomparrável. Quanto mais regionalista, tanto mais universal. Ou quanto mais cosmopolita, tanto mais reveladora de um «espírito aberto a todas as correntes.» No que respeita ao chocho «é no meio que se encontram todas as virtudes.»

A paciência dos consumidores de detergentes é infundável. Particularmente a dos consumidores de detergentes mentais.

MANUEL DE CASTRO

Cont. da pág. 1

Anais Nin conheceu, em França e na América, os surrealistas franceses, escreveu uma novela inspirada por Artaud e intitulada «Sou o surrealista mais doente», aproximou-se de Henry Miller — que na sua obra *Black Spring*, tem certos capítulos autenticamente surrealistas — por causa da sua admiração mútua por Breton e Buñuel. Ela reconhece a sua dívida para com os surrealistas, mas entende que ela e Miller foram mais longe. No terceiro volume do seu extraordinário *Diário*, que foi agora publicado nos E. U. A. (pouco tempo depois da publicação em França da tradução do tomo I), Anais Nin escreve: «...eu sentia, tanto em Joyce como nos surrealistas, uma imitação do inconsciente, aqui intelectual e sábia, além dirigida por uma voluntária perturbação dos sentidos... Não tinham realmente penetrado no inconsciente, mas tinham encontrado um equivalente literário... Henry (Miller) aproxima-se mais do verdadeiro surrealismo, nos seus arrebatamentos. O sonho passa para a realidade, continua a fabricar uma cadeia ininterrupta que contém o misterioso labirinto que temos de desvendar... Não podemos limitar-nos a contemplá-lo e a registá-lo...»

Anais Nin procura — e muitas vezes consegue — «criar o maravilhoso por contágio».

Colagens: tal é o título de uma das mais recentes (1964) recolhas das suas novelas. Nestas narrativas-retratos cuja unidade reside no facto de as personagens serem todas sonhadoras, que vivem os seus sonhos e os concretizam, o autor experimenta com uma subtil mistura de realidade e de fantasia, um câmbio constante entre o sonho e a acção. Uma das suas personagens mais sedutoras é, sem dúvida, a da filha do pintor-macho Vanda, criatura imaginária mas verdadeira que vemos sair, pouco a pouco, do seu casulo de adolescente para vir a ser tão luminosa como as pinturas de seu pai...

No seu último ensaio, *The Novel of the Future* (o romance do futuro, 1968), Anais Nin faz-nos penetrar nos arcanos da sua arte. Revela-se ao leitor como um escritor que leu muito, mas poucas influências literárias sofreu. Comparou-se de boa mente a certos artistas — pintores, músicos, cineastas — contemporâneos. *Coffees* representa, para ela, o mesmo género de associações espontâneas, de ideias improváveis, de liberdade, que o filme de Fellini, *Oito e meio*. Fazendo do seu romance *Ladders of Fire* e da libertação, através do amor de uma das suas personagens, evoca um quadro de Picasso, que representa dois seres a respirarem pelo mesmo pulmão.

Poético ainda, o «Roman-Neuve» de Margaret Young, *miss Metutosh, my Darling* (1965) que é marcado também pela influência surrealista. Mas esta não é exclusiva. A autora utiliza também, com efeito, certos processos do romance picaresco, do conto de fadas e do exotismo rebelde ou talismânico para descrever aquilo a que se chamou «a interconsciência do séc. XX americano». Miss Young é uma virtuosa da linguagem: eloquente, imaginativa, sensível, utiliza um estilo extremamente musical, feito de imagens muito ricas, metáforas, símbolos, reflexões, iluminções. A obra abunda em páginas de um lirismo extraordinário e de uma intensidade obsidiana. Pensamos em Rimbaud, nos românticos alemães, em Dylan Thomas, mas um Dylan Thomas mais expansivo, menos obliquo, menos carregado de relâmpagos — e, mais ainda, em certos pintores antigos e modernos — Brueghel, Hogarth, Goya, Chagall, Rouault, Dalí...

Com uma dosagem variada, o surrealismo aparece igualmente na obra, ainda escassa, de Peter Israel e na de Susan Sontag, nitidamente mais substancial.

Peter Israel até agora só publicou um romance, *O Galinhelo* (*The Hen's House*, 1967) mas esta obra, reflectida, ambigua, basta para a caracterizar entre as mais promissoras da sua geração. A influência mais importante



Anais Nin: uma voz grande da vanguarda

aqui parece ser a de Kafka. O «herói» anónimo, conhecido apenas pela carta Y ou pelo «caso 24 M06» e encerrado num quarto-célula, é interrogado de tempos a tempos por uma espécie de confessor-peicanalista. Passa o tempo, *handicap* por uma memória imprecisa, por alucinações angustiantes, e talvez pelas sugestões insidiosas do seu «médico», tentando «fazer o ponto» sobre si próprio, ou sonhar com o seu passado. Parece bem que a autora nos sugere, afinal de contas, que Y é «culpado» por ser incapaz de viver ao vácuo ético e metafísico dos contornistas.

Por seu lado, Susan Sontag, célebre sobretudo pelos seus ensaios (particularmente por *Notes on Camp*) e pelo seu livro *Against Interpretation* (A Obra Falsa, 1965) procurou também exprimir-se em romances «experimentais». Em epígrafe ao seu primeiro livro (*The Benefactor*, 1960) lê-se este novo cogito muito significativo: ««Sonho, logo existo». Este primeiro romance de S. Sontag, dominado pelos sonhos, poderia parecer à primeira vista (tal como o seu primeiro filme, recentemente apresentado em Nova York) influenciado por Freud. A autora nega essa influência, declarando que «não tem nada a ver com Freud, cujas teorias estão gastas e são banais» (1966). Em todo o caso, utiliza largamente o sonho (pesadelo ou sonho acordado) para melhor apreender a realidade, e os sonhos de Hicótho em *The Benefactor* e os de Diddy em *Death Kit* (1967) são a própria trama dos romances. Sontag, na sua recusa de pintar ou, pelo menos, de imitar a realidade, escreve obras ambíguas, que, como algumas narrativas de Robbe-Grillet, tem alguma coisa do romance policial e do romance metafísico.

Susan Sontag conhece bem a arte e o cinema modernos e falou muito inteligentemente de Godard e da pintura de vanguarda dos Anos 60. Aceita o «falso» e o «borrado» como um recurso fundamental da pintura e está pronta a aceitar o aborrecimento como uma «técnica» indispensável da

literatura: é talvez neste último traço que reside a fraqueza do seu entendimento... Contudo, Sontag aia-se, até certo ponto, a Burroughs no seu esforço para «descolar o leitor» das suas rotinas. Para ela, trata-se de «desenhebrar os canais», de libertar a inteligência, remergulhando nas fontes de intuição. Se a sua teoria é interessante, aplicação que desta fez é, talvez, menos conclusiva.

Falou-se de «alegoria» a propósito dos romances que acima mencionámos. Mas a alegoria é, com toda a certeza, mais fácil de detectar e analisar nas obras de John Barth e de Thomas Pynchon.

*The Sot Weed Factor* (1960) de Barth é uma alegoria moral durante a qual um «ingénuo» do fim do século XVII está exposto a diversas aventuras. Quanto a *Giles Goat Boy* (1966), história da progenitura de um computador e de uma virgem, é evidentemente também uma alegoria satírica, símbolo do absurdo do nosso mundo. Pynchon em *V* (1963) e *The Crying of Lot 49* (1966) pratica a arte da alegoria criptogramática.

Barth e Pynchon utilizam, muitas vezes com felicidade, certos artifícios antigos relativos ao gosto actual, tais como o jogo de palavras (pun) e a paródia. Barth introduz longas tiradas de versos pseudo-épicas no meio de uma narrativa dita realista. Utiliza igualmente as «bobinas sonoras». Pynchon parodia os hinos universitários, as «serenatas» cantadas pelos imitadores dos «Beatles», os argumentos estúpidos dos filmes de grande espectáculo de Hollywood: tem «trouvailles» linguísticas bastante extraordinárias, mistifica os leitores com inesperadas combinações de palavras: joga com as iniciais de duplo sentido, com as justaposições heterodinas. O efeito produzido é, muitas vezes, particularmente feliz, mas estas obras são, evidentemente muito difíceis de traduzir...

A originalidade, podemos dizer a virtuosidade marcam igualmente a obra de Ursule Molinari. Conhecida em princípio pelos seus contos e, sobretudo, pelas suas interessantes peças de teatro experimentais (*The Abstract Wits*, 1961; *The Tagageme*, 1964) esta romancista trouxe para os seus romances a mesma qualidade que já estava presente no seu teatro.

O seu primeiro romance, *Um por Outro* (*The Borrower*, 1959), parecia escrito sob o triplo signo de Poe, Kafka e Raymond Roussel. A partir de uma trama de romance policial, a sr. Molinari construiu uma aventura que, «pelo meandro exacto de uma alienação literal, levava o herói a uma identidade». O jogo de espelhos apoiava-se, é certo, na escrita, mas o aspecto filosófico do romance fazia esquecer um pouco a técnica. Contudo a procura da forma, o emprego de processos originais tocaram-nos muito mais em *Green Lights are blue* (*Luz Verde, Vidro Azul*, 1967) e *Sound for a Drunken Summer* (*Ecos de um Verão Afogado*, 1969). A sr. Molinari utiliza uma sintaxe despidida das suas convenções, um vocabulário rico, livre, inventivo. A sua arte é alimentada por uma notável flexibilidade linguística, que não recua ante os jogos das palavras bilíneas, as notas fantásticas em rodapé, as charadas integradas no corpo da narrativa; utiliza com felicidade a aproximação etimológica («raízes das palavras e raízes que estrangulam as árvores...»), os parenteses, as reticências, o anagrama (*Salem-Selma*), a reatificação, o verso, a aliteração. As *United Nations* (Nações Unidas), passam a ser, sob a sua pena *United Nations* (Nações desligadas); põe no mesmo parágrafo palavras como *public* (público) e *public* (relativo a pub, taberna), transforma o famoso *Advised and Consent* (Informação e Consentimento) em *Vice and Consent* (Vício e Consentimento), faz monologar um papagaio, chamado por uns *Mondrian*, por outros *Mon Adrian*, que, por momentos nos faz lembrar *Le Jument Verte*, de Marcel Aymé.

Richard Horn, em *Encyclopaedia* (1969) utiliza também o *pin*, paródia, humor e deforma com felicidade as



de Nacional de Belas-Artes em que Fernando Pessoa acabava (ó sorte!) por ser considerado neo-realista. E isto levado a efeito por um indivíduo que foi representante da crítica lite-

**VIAGENS**

**it**

65 itinerários — incluindo viagens aéreas, 6 noites em hotel (c/banho) e excursão de cidade

De LISBOA preços a partir de

|            |           |
|------------|-----------|
| PARIS      | 6.230\$00 |
| BERLIM     | 4.770\$00 |
| BRUXELAS   | 4.495\$00 |
| CASABLANCA | 4.020\$00 |
| LONDRES    | 5.660\$00 |
| ROMA       |           |

UNIQUE O MULTICRÉDITO PARA PAGAR AS SUAS VIAGENS

**multitur**

E. PINTO BASTO

GREY ANTQUES

CARLAND, LAILEY

TURISMO MOCAMBICUE

TAI & CO

L.A. VIAGENS E TURISMO

# LITERATURA EXPERIMENTAL OU O ROMANCE-LABORTÓRIO

nomes próprios e comuns. Mas a apresentação do romance é absolutamente original. A obra, com efeito, está concebida como um dicionário e compõe-se de rubricas alfabéticas, de comprimento desigual, mas geralmente bastante breves, que informam o leitor de um certo número de pontos essenciais ao desenvolvimento do romance. Vemos assim destilar curtas biografias ou o *curriculum vitae* completo de uma personagem, a primeira fase de uma história íntima (na letra A «alegria e esperança são coisas transitórias»), algumas palavras trocadas numa certa circunstância, um slogan significativo, um poema, o título de um livro ou de uma revista, o inventário da biblioteca do jovem «herói», uma reflexão política ou filosófica, algumas frases latinas sobre um tema ousado, etc. O autor atribui uma data a cada acontecimento (ex.: «temperatura» manifestada por B.F. à sua mulher, Marjorie, no dia 4 de Agosto de 1966) e consegue o *tour de force* de fazer assim progredir a acção e dar retratos extremamente vivos das suas personagens. Quando se acaba de ler o livro (que tem apenas 180 páginas) não se sente qualquer dificuldade em reagrupar os acontecimentos e em reconstituir não só a história dos amores infelizes de Tom Jones e Sadie Hassey, como ainda o quadro de conjunto da boémia literária e artística que os rodeia. A experiência tentada por Richard Horn não terá talvez seguimento, mas constitui incontestavelmente o que vimos de mais original no domínio do romance americano, de há muito tempo para cá.

Certos escritores praticam outra forma de experiência, nos confins do romance. Entre estas tentativas para-romances impõem-se as de alguns



Tom Wolfe: proscrito da nova vaga

nomes como Truman Capote, Norman Mailer, John Hersey e Oscar Lewis.

Capote, na sua primeira maneira, «flirtou» com o surrealismo. O seu *Outras terras, outras gentes* (*Other Voices, Other Rooms*, 1948) ficou como um clássico da literatura do sonho. Mas Capote passou do surrealismo à anedota (*Breakfast at Tiffany's*) depois de uma espécie de reportagem a que ele chama romance, mas «romance de não-ficção» (*non fiction novel*). *In Cold Blood* (A sangue frio, 1966) é o exemplo mais perfeito deste género. Baseado em factos reais, apoiado em centenas de textos, do-

cumentos, entrevistas, o livro de Capote, história de um crime cometido pouco antes no Kansas é a «tragédia americana» de meados do século; é uma obra bastante fascinante à qual os leitores do *New Yorker* concederam um entusiasmo igual ou superior ao que tinham manifestado pelas histórias de pequenos «duendes» Zen, de Jérôme Salinger.

A *non fiction novel*, o romance verdade, será uma obra de arte? Sim, dizem uns. Não, dizem outros. Bryan Glanville, por exemplo, entende que *A Sangue Frio* é uma «monstruosidade» e uma *batota*, visto que o autor escolhe dentro a documentação aquela que lhe convém e inventa onde não há documentos. Outros, felicitando o romancista por ter escolhido (eliminando assim pormenores verdadeiros, horríveis e inúteis) lamentando que Capote não só tenha sacralizado o seu livro «ao gosto da violência e do sexo» mas também (facto ainda mais grave), que ele tenha escrito um volume baseado «em receitas» e que o tenha lançado segundo os métodos publicitários de Madison Avenue. Acrescentamos que Capote, apesar de tudo, continua fiel às suas técnicas antigas: por exemplo, integra na narrativa «factuais» os sonhos extraordinários, os fantasmas dos seus heróis.

Poderíamos também mencionar, no quadro do romance-verdade, a obra de John Hersey, que, célebre logo de início pelas suas narrativas de guerra (*Um sino por Adano, Hiroshima*) continua a descrever acontecimentos da actualidade. O seu livro recente *Incidente do Motel de Argel* (*The Algiers Motel Incident*) é o *dossier*, apresentado por um bom escritor, de um incidente racial.

Norman Mailer, que se declara um existencialista americano, nunca abandonou o *romance-reportagem*. *Os Nus e os Mortos* são uma maravilhosa reportagem sobre a segunda guerra mundial *Conta coisas vistas* com um talento e um ponto de vista de romancista e pinta-se a si próprio com todas as hesitações, dúvidas, franquezas que o habitavam e desmontando as motivações, decepções, sonhos, ilusões e angústias que em si próprio detectava.

A originalidade deste escritor consiste no facto de se colocar a si próprio no centro dos acontecimentos (como anteriormente o fizera Whitman em *Specimen Days*) e no facto de escrever reportagens pessoais, que são, ao mesmo tempo, uma espécie de meditações, de panfletos e de sermões sobre a sensibilidade da própria América.

Finalmente, com Oscar Lewis estamos nos confins do inquérito sociológico e do romance-verdade. *Os Filhos de Sanchez* e sobretudo *A Vida* são as mais famosas ilustrações desta tendência. São «documentários» sobre a vida de duas famílias de mexicanos e de porto-riquenhos pobres. Estes livros (tal como a sua recente sequência, *Uma Morte na Família Sanchez*, 1969) incluem conversas registadas em gravador. Permitem-nos agarrar ao vivo a miséria abominável dos *shems* do México, Porto Rico e Nova York e permitem-nos ainda ver, através das reflexões, reacções e reminiscências dos membros de uma família, os principais problemas que estas pessoas enfrentam.

Por estes poucos exemplos, podemos ver claramente as múltiplas dimensões por onde podem lançar-se os escritores americanos de hoje e a extrema variedade das vias por onde o romance «experimental» americano enveredou.

Ao cabo deste estudo, podemos perguntar em que medida certos escritores acima referidos poderão continuar a ser tidos como «experimentais». Anais Nin, que publicou as primeiras novelas em pequenas revistas de vanguarda, obteve, após uma longa espera, a *recognition* que lhe era devida. Não é impossível que as diversas tendências acima descritas, na medida em que conquistarem o público, venham a ser os clássicos contra os quais se insurgirão, por sua vez, os experimentalistas de amanhã.

# A POESIA EM LIVROS

MANUEL FRAGOSO

TERRAS DE SOL

Prefácio de David Mourão-Ferreira

Edição da Casa do Alentejo — 1970

DECERTO um caso singular o deste poeta que se estreia já depois dos oitenta anos. Nascido em Montemor-o-Novo em 1886, toda a sua poesia é uma homenagem romântica ao Alentejo Natal. Os seus versos fáceis, de sabor popular, tentam, de modo descritivo, transmitir-nos alguns dos conflitos de um gente a que, indubitavelmente, Manuel Fragoso se encontra ligado por laços muitos fundos.

Do cauteloso prefácio de David Mourão-Ferreira havia só que dissertar sobre a ambiguidade destas situações de compromisso. Pejado de lugares comuns, falando de uma poesia que não existe no livro, ele coloca-nos perante a interrogação sobre que razões especificamente literárias poderiam ter levado David Mourão-Ferreira à ceitação de tal compromisso. Continuamos, como de costume, a fazer da literatura um jogo de família, a fazermos-nos mútuos favores, a pôr permanentemente a mão por baixo que o sistema se não desequilibre.

N. M.

BEATRIZ SERPA BRANCO

A FACE E AS SOMBRAS

Colecção Daimon — 1969

TALVEZ das mais interessantes experiências poéticas que, em edições de

autor, ultimamente nos têm aparecido

Eis uma linguagem de que se constrói dentro da sua própria exigência, segura, quase diríamos, rigorosa se o termo não existisse já carregado de um sentido que, evidentemente, ainda aqui não é possível encontrar em total amplitude. Eis sem dúvida um livro de poemas que se deve ler, que se deve mesmo descobrir com a autenticidade com que ele se nos oferece. Impressiona o cuidado na elaboração, a elegância e a aventura das descobertas verdadeiras, a comunicabilidade conseguida.

«talvez esta memória seja um sonho talvez lembrar aqui seja esquecer»

N. M.

RUI MENDES

CANTOS

Nova Realidade — 1969

PEQUENA plaqueta com textos extraídos da antologia de poesia a publicar sobre o Vietnam, pela colecção «Nova Realidade».

Pela forma como esta linguagem se contempla, pela sua portanto bem frágil agressividade (não só ao nível linguístico), não fora a dedicatória a Ho Chi Minh e perguntar-nos-lamos de que modo se enquadraria ela no âmbito que supomos ser o da citada antologia.

No entanto, as qualidades são visíveis e uma delas, uma certa autenticidade, parece estar até implícita na última frase deste livro:

«Sempre estarei em palavras nuas».

N. M.

# O MERCADO ARTÍSTICO

NUM PROGRAMA popular de televisão, Manuel de Brito, director e marchand da Galeria 111, convidado a exprimir o seu ponto de vista sobre o mercado artístico português, declarou que não podia por enquanto acreditar na existência desse mercado e mostrou-se reservado em relação ao futuro das actividades correspondentes. Isso não o impediu de reconhecer a sua própria acção como marchand, bem expressa de resto no dilatado progresso da Galeria 111, que há pouco inaugurou, com pinturas de Vieira da Silva, uma nova sala de exposições. Esta galeria, pelo poder de iniciativa do seu director, pode ser considerada, com efeito, pioneira da promoção do mercado artístico em Lisboa e parece envolver já uma capacidade económica que dificilmente se aceita isolada de um contexto de consumo já consolidado ou em vias de efectivação.

O mercado, portanto, existe, ainda que limitado a grupos sociais privilegiados económica e culturalmente. O que não existe é uma promoção planificada e uma coordenação a longo prazo dos principais efeitos das vendas. A isca da rentabilidade do objecto de arte, mediante a sua progressiva valorização, corresponde em geral a um mau princípio de orientação do mercado, sobretudo na medida em que as cotações nem sempre se equilibram com o nível estético e a pontuação económica da maior parte dos artistas não se decide por um simples golpe de bolsa. O que não existe, em suma, é uma verdadeira expansão educativa que torne a arte necessária, partilhada por todos, distribuída em condições mais democráticas. O mercado já existe, por muito pequeno, equivocado e mal orientado que seja: duvida-se é da sua sobrevivência, expansão e clarificação nas actuais condições, tendo em conta o tipo de exploração que se pratica, a carência de poder de compra e a falta de um amplo enquadramento sociocultural.



**Você quer saber**

Por que razão russos e americanos desejam a trégua no Médio Oriente?

Qual o papel das guerrilhas palestinas?

ENTÃO LEIA

**O SIONISMO CONTRA ISRAEL**

Depois de ter militado durante muitos anos nas fileiras do movimento juvenil sionista-socialista Hochomer-Hatszair, Nathan Weinstock acabou por concluir que a contradição entre o nacionalismo sionista e o internacionalismo proletário era insuperável. Partindo desta conclusão, ele empreendeu um longo esforço de clarificação teórica de que esta obra é perfeito exemplo.

O Sionismo contra Israel é, pois, um estudo rigorosamente documentado da colonização sionista na Palestina situado no contexto geral da condição das massas judaicas do Séc. XIX ao Séc. XX e a penetração imperialista no Próximo Oriente. O processo de formação do Estado Hebraico, a sua estrutura socio-económica e os princípios fundamentais que geram a sua política são aqui analisados, pela primeira vez, em termos materialistas.

1.º VOLUME 120\$00

COLECÇÃO DOCUMENTOS DO TEMPO PRESENTE

EDITORA ULISSEIA

Como muito bem diz o Senhor Jacques Golmard no seu artigo publicado por «Le Monde» e nesta página traduzido e igualmente publicado na semana passada, o primeiro mérito de Tzvetan Todorov reside na clareza das suas exposições. Já que tal é um facto que poderemos verificar em mais de um ponto, sendo um deles o que permitiu a elaboração dos «10 Mandamentos segundo «São» Todorov», decalogo que o autor de «Introdução à Literatura Fantástica» (1) evidentemente não enunciou, mas que sem dúvida de algum modo está contido na obra que esse artigo comentava, penso que seria talvez interessante propor ao leitor atraído — uma vez que o livro em questão já está à venda em Lisboa há algum tempo.

Pensei que seria talvez interessante fornecer mais alguns dados sobre a questão, os quais fazem parte das notas de leitura que a tempo tomei acerca dessa obra.

A primeira objecção crítica que se costuma fazer a qualquer estruturalismo — e Tzvetan Todorov é considerado um deles — é que o estruturalismo tenta lançar as bases de uma ciência da literatura; e a esse respeito sempre se pergunta: poderá a análise literária atingir a objectividade e o rigor caracte-

risticos de uma verdadeira ciência? Outra objecção é a que diz respeito ao «mobilismo», pois o estruturalista literário, procurando encontrar na obra particular a constante que pode definir um género, visa o estabelecimento ou, pelo menos a definição de modelos. Embora se tenha declarado que o objectivo final de uma análise estruturalista da obra literária não seja exclusivamente esse, a verdade é que tal análise visa, tenta, procura extrair das obras particulares as ca-

racterísticas básicas que a permitam estabelecer como um modelo, permitindo, portanto, estabelecer uma certa generalização; na verdade, o que esses modelos básicos, aplicados a obras particulares, irão permitir, será a verificação da medida em que elas costumam se afastar dos modelos assim instituídos, afirmando, por fim, a sua autonomia dentro ou fora das constantes detectáveis. O que não pode ser enquadrado no modelo, no molde, será o específico, o particular

possível, igualmente fonte de transformações posteriores, que irão por si afectar, também, uma ulterior e consequente definição do género. Talvez por isso já foi possível definir estrutura como o «formato em devir».

... ..  
A literatura é como uma arma assassina pela qual a linguagem realiza o seu suicídio  
Tzvetan Todorov

A posição de Tzvetan Todorov é particularmente interessante, porque, sendo discípulo confuso e divulgador dos formalistas russos, pelas suas obras ele, por assim dizer, encarna uma nova tendência dentro dos estudos literários franceses na medida em que leva adiante certas reflexões formalistas, actualizadas à luz dos linguistas contemporâneos, pois é também discípulo de Roman Jakobson (e de Roland Barthes), divergindo deste na medida em que, de certo modo, tem centrado o seu interesse na pesquisa das estruturas da narrativa, procurando formular uma «gramática da narrativa» cujas primeiras bases se poderão encontrar em Propp e Chklovski.

O que leva Tzvetan Todorov a estudar a narrativa «fantástica» é o problema das relações da literatura com o real. Pertencendo a narrativa, por sua natureza, ao mundo da ficção — ao estabelecimento de um real diferente do real, ou «real outro», como se diria (mal) em francês — ele tenta discernir, desvelar as regras que permitem definir certas narrativas como especificamente «fantásticas», uma vez que toda a ficção é, segundo ele, em certa medida, fantástica. De uma maneira geral, em seus estudos, o que Tzvetan Todorov procura é: «mais do que fazer obra de ciência, de literatura, de filosofia, tenho a impressão de dirigir um raio de luz, fraco e fugidio embora, sobre este objecto, a literatura. No meio de um desinteresse, para mim incomprensível, pela exacta natureza do facto literário, tento mostrar como funciona uma ou outra parte do mecanismo. Essas exposições são sempre parciais: mas é preciso que se comece um dia...», e declara ainda: «não reivindico para os meus estudos nenhum valor literário; sendo o francês, para mim, uma língua estrangeira (2), os problemas da escrita (da minha) ficam fora do meu campo de visão. Enfim, não considero os meus textos como ligados ao discurso filosófico; não só porque não têm valor filosófico particular, mas também porque a sua intenção é outra. Tocado, influenciado, modificado por esses três tipos de discurso — científico, li-

terário, filosófico — o meu texto não pode pertencer a nenhum deles. Não poderia trazer, como elemento positivo para a solução do problema, senão uma comparação: essa actividade parece-me ter algo a ver com a técnica; procura preencher uma função, digamos, de «clareamento».

Mas, concluindo este texto, que se encontra na sua colectânea de artigos intitulada «As Estruturas Narrativas» (3), Tzvetan Todorov não deixa de concluir paradoxalmente, talvez com a ambiguidade útil da certa ironia: «O Mistério das Letras» tem isto de atraente: torna-se mais espesso à medida que se tenta dissipá-lo».

... ..  
Quando um crítico tiver dito tudo acerca de um texto literário, ainda não terá dito nada; pois a própria definição de literatura implica que não se pode falar de literatura sendo fazendo-a.  
(TT)

Segundo T. T., para que o fantástico se produza é necessário que sejam preenchidas três condições: 1) que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de pessoas vivas, e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados; 2) essa hesitação pode ser experimentada igualmente por uma personagem; o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem, modo pelo qual a própria hesitação, achando-se representada no texto, se torna um dos temas da obra; 3) importa que o leitor adopte uma certa atitude em relação ao texto: este deverá recusar tanto a interpretação alegórica como a interpretação poética. É-nos declarado que destas condições, só a primeira e a terceira constituem o género, sendo a segunda de importância menor.

Agora: como se inscrevem essas características no modelo da obra? A primeira condição remete-nos para o aspecto verbal do texto; a segunda, para o aspecto sintático, na medida em que implica a existência de um tipo formal de unidades que se referem à apreciação por parte das personagens, dos acontecimentos narrados, enquanto, por outro lado, se refere ao aspecto semântico, tratando-se de um tema representado: o da percepção e da sua notação. A terceira condição tem um carácter mais geral: consta de uma escolha entre vários modos (e níveis) da literatura.

TT, que analisa os diferentes tipos ou graus do «fantástico», analisa, também, os diferentes tipos ou graus do «maravilhoso», sendo um dos aspectos mais importantes a pôr em relevo no género maravilhoso, por oposição do fantástico, o facto de, naquele, os acontecimentos «sobrenaturais» não deverem provocar no leitor, implicitamente, nenhuma surpresa, isto é, todo o «sobrenatural» é (deve ser) para o leitor, considerado como um pressuposto ou uma condição essencial, como é o caso dos contos de fadas; enquanto que no género fantástico, precisamente, a não-aceitação ou a dificuldade de aceitação dos acontecimentos de carácter sobrenatural, ou «a hesitação entre a explicação racional ou sobrenatural» dá a um facto estranho, toda a sua (evanescente) consistência.

... ..  
A literatura existe pelas palavras mas a sua vocação dialéctica é dizer mais do que a linguagem diz, ultrapassar as divisões verbais.  
TT

Outro ponto curioso desta obra, e certamente um dos mais controvertíveis, é o da declaração — que muitos consideram como um grave limite — de que não pode haver poesia fantástica. Tal declaração baseia-se na distinção que é feita entre poesia e ficção. Segundo T. T., que deste modo retoma a querela dos géneros literários, a oposição entre dois géneros deve repousar numa propriedade estrutural da obra literária: essa propriedade seria a própria natureza do discurso: ser ou não ser representativo. É preciso manejar este termo (representativo) com precaução, diz ele. «A literatura não é representativa no sentido em que certas frases do discurso quotidiano podem sê-lo, pois ela não se refere (no sentido preciso da palavra) a nada que lhe seja exterior. Os acontecimentos relatados por um texto literário são «acontecimentos» literários e, do mesmo modo que as personagens



## A DEFUNTA Bienal de Veneza

Folhetim artístico de José-Augusto França

VAI atrasada esta crónica em relação ao vernissage da Bienal veneziana. Por um lado, não me dá grande gosto escrevê-la, por outro, várias coisas aconteceram intramuros ou cisalpinamente, que as notícias transalpinas foram ficando para trás. Não se perdeu muito com isso, dada a importância que lhes assiste.

Ou não: na realidade, é importante o que sem importância aconteceu na Bienal de Veneza-1970, e se eu não ponho gosto em descrevê-lo, a verdade é que devia senti-lo por ter mostrado, há muito, razões escritas e faladas para o prever. E, sobretudo, razão contra o que havia de justificar o pessimismo das previsões.

O que aconteceu foi ter morrido a Bienal de Veneza. Com ela morreu uma fórmula de exposição internacional que estava moribunda e alimentada a oxigénio há alguns anos já, disfarçando-lhe o estado organizadores incógnitos, ou sentimentalmente interessados numa continuidade bem conservada.

Na bienal anterior, perante a contestação que se acendeu, houve tentações de reforma e promessas e reuniões — e, após muita discussão, ao fim de 1968, a bienal veneziana resolveu entrar num vasto plano de reformas estruturais para 1970.

As quais reformas não foram executadas na sua maior ou mais importante parte. Isso levantou agora uma contestação de outro tipo, já com mais eficiente carácter profissional, e trouxe a morte à septuagénaria manifestação.

...PORQUE o mal está na idade projecta da Bienal. Setenta anos para um esquema cultural, é absurdo. Da mesma doença estão falecendo os «salões» e em breve falecerão os museus, instituições ambas com mais de cem anos de vida... Pensar hoje «salões» como «salões» se pensava ainda há quinze anos, ou «museus», é inocência ou tolice de promotor ou de conservador que confunde um museu com uma lata de conservas — mistura, aliás, desculpável em Portugal, onde a indústria das conservas tanto prima a dois museus...

Pensar «Bienal» também com atrasada mentalidade leva a catástrofes

piores ainda, porque às bienais foi cabendo um papel de especial detecção na actualidade. E o método do detectar é tão importante como a coisa que se detecta que afinal dele depende.

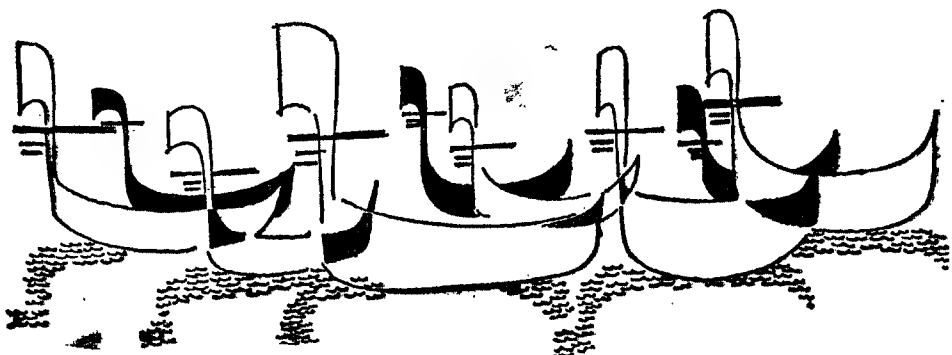
FÉRIAS de amostras dentro de pavilhões parvamente nacionais (ou sectorzinhos, em S. Paulo e em Paris), as bienais foram vivendo com esquemas oitocentescos ainda possíveis nos anos 50 do século XX — mas já não nos anos 60. Agora — pum! — rebentaram no último destes anos. Desentajamos-lhes pesada a terra para que não haja possibilidades de ressuscitação!

Completas nacionais é coisa imoral hoje em dia, numa cultura globalmente existente e concebível. Conhecê-la por correntes, afinidades, programas constatados, verificados ou provocados será a única solução actual. Assim fizeram as exposições de Cassel e a Bienal de S. Marino, por terem à sua frente gente de imaginação e de consciência moderna.

...A bienal de Veneza morreu depois: medíocre na sua qualidade geral, com pavilhões fechados por se negarem os países a colaborar — os principais dos Estados Unidos e da Suécia —, uma grande revista histórica de vanguarda que não estava pronta a tempo, no pavilhão italiano; e desertas as áreas, tão animadas sempre, nos dias do «Vernissage de presse», com os raros presentes furiosos por terem vindo, a verem nada...

O que acontecerá dentro de dois anos, ninguém sabe — mas não será com certeza o mesmo que agora sofreu. Nem, esperemo-lo no Brasil, dentro de um ano. Melancolicamente, Francisco Matarazzo, o criador da Bienal paulista, viu bem o fim da fórmula que ele próprio adoptara. Num cordial almoço, tratou de sublinhar-lhe a imbecilidade...

A infundível morte da Bienal de Veneza-1970 terá que dar ao a uma imaginação da crítica internacional para promover novas estruturas a um domínio cultural de cuja força dependem os olhos do mundo...



# UMA VEZ MAIS

É preciso tratar a literatura  
como literatura.

Lugar-comum

lastherly

gens, são interiores ao texto. Mas recusar assim a literatura todo o carácter representativo, é confundir a referência com o referente, aptidão em denotar os objectos com os próprios objectos. Mais ainda, o carácter representativo, comanda uma parte da literatura que é como do designar pelo termo de ficção, enquanto que a poesia recusa essa aptidão de evocar e representar (esta oposição tende, de resto, a diluir-se na literatura do século XX). Não é por acaso que quando se fala de ficção os termos empregados são: personagens, acção, atmosfera, etc. — termos que designam uma realidade não textual, enquanto que, quando se trata de poesia, somos levados a falar de rimas, ritmo, figuras de retórica, etc.).

T. T., todavia, ressalva: «a poesia conta também com elementos representativos, e a ficção propriedades que tornam o texto opaco, não transitivo. Mas nem por isso a oposição deixa de existir.»

A diante, acrescenta: «Hoje em dia aceita-se, geralmente, que as imagens poéticas não são descritivas, que devem ser lidas (só) ao nível da ca-

Eis como, neste ponto, ficarão perplexos, confusos ou indignados os atentos leitores desta obra. Não esqueçamos, porém, que T. T. termina este capítulo escrevendo: «Tal é o paradoxo da linguagem literária: precisamente quando as palavras são empregadas no sentido figurado é que devemos tomá-las à letra».

**A interpretação alegórica do acontecimento sobrenatural representa outra ameaça para o género fantástico.**

Neste ponto levanta-se o problema da oposição entre o sentido literal e o sentido alegórico, cujo estudo nos trará mais alguns elementos para uma melhor compreensão do fantástico: se este não pode residir no sentido literal — poético —, tão-pouco pode residir na alegoria em estado puro — de que é a fábula o género mais próximo —, uma vez que a alegoria implica a existência de, pelo menos, dois sentidos para as mesmas palavras, e esse duplo sentido é indicado na obra «de maneira explícita», não dependendo da interpretação de qualquer leitor.

*mesmo título que as figuras de retórica, e a figura é, já o vimos, a forma mais pura da literariedade» (5).*

*A linguagem exerce sobre mim um verdadeiro fascínio*

T. T.

Quanto aos temas do fantástico T. T. escreve: «não tentamos interpretar temas, mas unicamente verificar a sua presença (...). O resultado é um conhecimento simultaneamente mais limitado e menos discutível.» «Dois objectos diferentes estão aqui implicados por duas actividades distintas: a estrutura e o sentido, a poética e a interpretação.» «Não é por acaso que, estudando um género, nos colocamos na perspectiva da poética. O género representa precisamente uma estrutura, uma configuração de propriedades literárias, um inventário de possíveis. Mas pertencer uma obra a um género ainda não nos ensina nada acerca do seu sentido. Ela permite-nos apenas verificar a existência de uma certa regra a que essa obra — e várias outras — não estão sujeitas».

*O que constitui o carácter essencial do trabalho científico não é a natureza dos factos de que trata, mas o rigor do método que preside à constatação desses factos e a procura duma síntese tão vasta quanto possível.*

Freud (citado por T. T.)

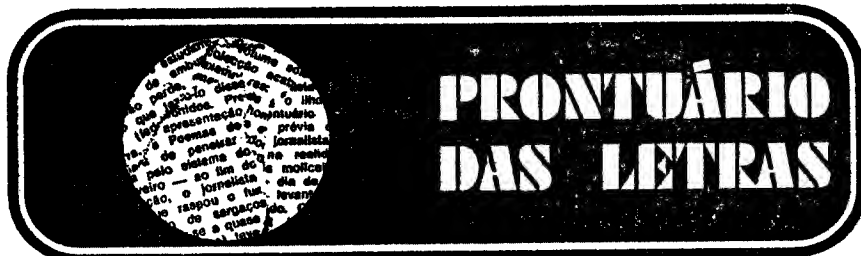
O capítulo mais último (e menos desenvolvido), desta obra é o que estuda as funções literária e social do sobrenatural. Ali poderemos verificar, também, como T. T. faz a aproximação da literatura fantástica e da psicanálise e, por fim, concluímos com ele que: «a função social e a função literária do sobrenatural são uma só realidade: num, como noutro, trata-se de uma transgressão da lei. Quer seja no interior da vida social, quer no interior da narrativa, a intervenção do elemento sobrenatural constitui sempre uma ruptura no sistema das regras pre-estabelecidas, e encontra nisto a sua justificação.»

Eis, talvez, porque o fantástico irrompe, gralha e se desenvolve, se é que não é frutifica, nas épocas em que a crise psicológica for mais intensa ou mais generalizada. Hoje, como ontem, tudo é sinal.

- (1) «Introduction à la Littérature Fantastique», Poétique, Seuil, 1970
- (2) Tzvetan Todorov é búlgaro
- (3) As Estruturas Narrativas, Editora Perspectiva, São Paulo
- (4) Sublinhado nosso
- (5) idem

Mas, novamente, T. T. conclui declarando: «toda a ficção, todo o sentido literal, não estão ligados ao fantástico; mas todo o fantástico está ligado à ficção e ao sentido literal». Como? — perguntaremos. T. T. responde: «As diferentes relações observadas entre o fantástico e o discurso figurado esclarecem-se entre si. Se o fantástico se serve incessantemente de figuras de retórica, é porque aí encontrou a sua origem. O sobrenatural nasce da linguagem, dele é, ao mesmo tempo, a consequência e a prova» (4): não só os diábolos e os vampiros existem apenas nas palavras, como também a linguagem permite conceber o que está sempre ausente: o sobrenatural. Este tornar-se-á, pois, um símbolo da linguagem, ao

dela verbal que constitui, na sua literalidade; nem sequer ao nível da sua referência. A imagem poética é uma combinação de palavras, não de coisas, e é inútil, mesmo mais, nocivo, traduzir essa combinação em termos sensoriais. Concluindo: a leitura poética seria um escolho para um texto fantástico, porque: «se, lendo um texto, recusarmos toda a representação e considerarmos cada frase como uma pura combinação semântica, o fantástico não poderá aparecer: ele exige, recordemo-lo, uma reacção aos acontecimentos tal como se produzem no mundo evocado. Por esta razão, o fantástico só pode subsistir na ficção: a poesia não pode ser fantástica (embora haja antologias de «poesia fantástica»)....».



## PRONTUÁRIO DAS LETRAS

### A exposição Alves Redol

A exposição itinerante dedicada à figura e obra de Alves Redol vai para (ou já está em) Castelo Branco, vinda da Figueira da Foz, onde foi mostrada no edifício do Turismo. Organizada pela revista «Vértice» com a colaboração da Cooperativa de Consumo Académico Unidas, compõe-se de um mostruário bastante completo das obras do malogrado escritor (incluindo muitas — quase todas as — primeiras edições e várias — também quase todas — traduções para uma série de línguas), recortes de crítica, fotografias e outras peças de interesse.

A propósito o «Jornal do Fundão» fazia-se há dias eco de uma pretensão com todo o cabimento: levar a exposição até à Covilhã. São 60 quilómetros apenas, insistia o semanário de António Paulouro. Mais: «A exposição de Alves Redol na Covilhã era uma boa ocasião de conhecer a figura e a obra deste escritor do Neo-Realismo e muito mais o seria se, paralelamente à exposição, fossem promovidas outras iniciativas complementares. Deixamos a ideia. Quem vai aderir?»

Não sabemos como está o assunto. Mas sabemos que a «Vértice» se não importa de levar a exposição a qualquer ponto do País. Covilhã — porque não? E porque não Viseu, Évora, Faro, Viana do Castelo? Redol escrevia substancialmente para o povo. Não haverá colectividades «populares» interessadas em conhecê-lo um pouco melhor?

### Astúrias em folhetim

É um autêntico folhetim: assim se expressou um crítico cinematográfico depois de assistir em Veneza à projecção de «El señor presidente», filme (argentino) que Marcos Madanes tirou do romance homónimo de Miguel Angel Asturias. A película, péssimamente fotografada, tem sequências que parecem ter sido rodadas em 16 milímetros e ampliadas depois para a cópia «standard» de 35. Pior um pouco, «El señor presidente» de Madanes não corresponde por inteiro a «El señor presidente» de Asturias. Não o dizemos nós, di-lo o próprio romancista, que tentou em vão impedir a passagem do filme no «écran» do Palazzo Labia.

### Novidades

Registámos uma nova produção de Samuel Butler: «Erewhon», na Galeria Panorama (versão de Franco de Sousa). A inova, que promete Gorki completo, deu-nos «Tomás Gordeiev» e vai lançar regularmente mais volumes. Também da inova chegaram-nos «O progressismo na Europa», de David Cante, e «O amanhecer da tolerância», de Henry Kamen.

Outros lançamentos recentes:

— «Cento e um tiros de canhão», de Henri Troyat (Clássica Editora);

— «Obras Poéticas de Eugénio de Castro», IV volume (Parceria António Maria Pereira);

— «O Islamismo», de Fazeur Rahman (Arcádia);

— e mais um Júlio Verne, «Aventuras do Capitão Matheras», na Bertrand, que distribuiu neste momento o seu conhecido «Almanaque».

### «Boliguay»

«Boliguay»: Bolívia + Paraguay. Ou a Grécia?

Contamos o que é «Boliguay»: uma obra colectiva reeditada há semanas em Atenas e que pela sua qualidade se havia esgotado num prazo relativamente curto. Autores incluídos em «Boliguay», por exemplo, são Georges Seféris (Prémio Nobel de 1963), Stratis Sirkas, Nikos Kasdaglis, A. Valtinos, Rodis Rufos, Spyros Piaskovitis. Desta plateia de autores não alinhados com o actual regime sobressai o velho Seféris, de cujo poema «Os ratos de São Nicolau» transcrevemos a seguinte passagem:

«Ferozes, obstinados, sempre feridos, / exterminaram as serpentes mas por fim / foram-se também, não podendo suportar todo este veneno (...) / os infelizes / que se batiam e bebiam dia e noite / o sangue venenoso

das serpentes. / Séculos de veneno; gerações de veneno...»

Para o diário pró-governamental «Eleftheros Kosmos» esta reedição de «Boliguay» mereceu as honras de uma editorial: o seu aparecimento provaria «a natureza» liberal do regime grego».

### Bernanos no Brasil

Em Barbacena, Minas Gerais, foi inaugurado um Museu Bernanos na quinta onde o autor de «Les grands cimetières sous la lune» viveu com a família durante a última grande guerra. Este interesse dos brasileiros não tem, porém, o devido paralelo no capítulo editorial: só duas obras de Georges Bernanos estão ali traduzidas.

### Ionesco pintor

Eugène Ionesco não é só o autor dramático de quem já vamos conhecendo alguma coisa. É pintor também, e a prová-lo (diz-se) está a exposição que acaba de inaugurar em Biarritz, na Galeria Vallombreuse. Sucessor da cadeira de Jean Paulhan na Academia Francesa das Letras, oito agora de paleta na mão Declarações suas por altura da «Vernissage» — «se há três anos me orientei para esta nova forma de expressão, a pintura, é porque em rapazião fui sempre reprovado pelo professor de Desenho». Entretanto o cinema atrai-o: vamos ver próximamente Ionesco como intérprete principal da adaptação de uma das suas obras.



# LIQUIDAÇÃO

## FIM DE ESTAÇÃO

PARA RENOVAÇÃO DE STOCKS LIQUIDAMOS CENTENAS DE APARELHOS TUDO NOVO, TUDO ACTUALIZADO E COM GARANTIA DOS RESPECTIVOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL,

FRIGORÍFICOS - TELEVISORES - MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA FOGÕES E ESQUENTADORES - ASPIRADORES E ENCERADORAS CANDEEIROS - TODA A VARIEDADE DE ACESSÓRIOS DE COZINHA, COMO BATEDEIRAS - TORRADEIRAS MOINHOS DE CAFÉ - BALANÇAS PANEIS DE PRESSÃO - ETC. - ETC.  
**RÁDIOS DESDE 120\$00**  
PREÇOS ESPECTACULARES  
CORRA! CHEGUE PRIMEIRO!

ESTA LIQUIDAÇÃO EFECTUA-SE NOS DOIS ARMAZÉNS DA

# Dardo

LARGO DAS FONTAINHAS, Nº 29 (A ALCANTARA)

R. LUCINDA SIMÕES, Nº 9-A (JUNTO AO MERCADO DE ARROIOS)

**Stock limitado. Venha correndo se quer aproveitar!**

# SALÃO DE VERÃO (2)

por Rocha de Sousa

O SALÃO DE VERÃO, que se justificou (nos programas da Sociedade Nacional de Belas-Artes) pelo próprio desenvolvimento das actividades artísticas, revelou de facto a preferência pela exposição individual, pelo trabalho promotor da galeria e pela acção de grupo. A alternativa da S. N. B. A. abandonar a gestão de salões colectivos como o de Maio e de Desenho, para já não falar do mais tradicional salão da Primavera, baseou-se, ao fim e ao cabo, em verificações daquele tipo — a visível e crescente descentralização das iniciativas no domínio das artes plásticas, que adquire a sua expressão sociológica mais viva no trabalho das galerias. Aqui se inclui, naturalmente, a própria Galeria de Arte Moderna, da S. N. B. A., na verdade criada no início do processo em referência e à qual se deve uma acção significativa durante os seus primeiros anos, agora em parte recuperada embora num plano de prospecção diferente.

## ALVAREZ

A Galeria Alvarez, do Porto, pela primeira vez representada no Salão de Verão, documentou a sua actividade durante a temporada com obras de Armando Alves, Angelo de Sousa, Joaquim Vieira, José Rodrigues, Jorge Pinheiro, Fernando Lemos e Zulmira. Estes nomes, entre os mais conhecidos em Lisboa e aqueles que desenvolvem o seu trabalho mais localizados na zona do Porto, definem um panorama já por diversas vezes abordado na capital, quer ao nível da crítica, quer ao nível da S. N. B. A. e de algumas galerias,



Montagem «Pop» em Cruz Filipe

como a Buchholz, a 111, a Quadrante e a S. Mamede. Angelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues são, nesse sentido, os mais conhecidos artistas que têm realizado ou participado em exposições em Lisboa. Angelo de Sousa é de novo representado com os seus desenhos, dentro de uma linguagem que se socorre de sinais evocadores da infância e se projecta a um nível de espontâneo lirismo. As suas formas escultóricas, que acusam um experimentalismo consciente apontando um caminho nas zonas lúdicas, são também lembradas através de documentação fotográfica. Jorge Pinheiro foi representado com obras que testemunham o seu trabalho mais recente no domínio de uma abstracção geométrica, que propõe, simultaneamente, o estudo dos dados da percepção e a reorganização matemática do campo composicional. E a obra de José Rodrigues é também abordada segundo a linha que ultimamente os seus desenhos acusaram na reorganização dos apelos visuais, desde a mecânica que estimulam até ao plano de uma reflexão metafísica do espaço e dos seres.

## ARTE MODERNA

A Galeria de Arte Moderna, da S. N. B. A., conheceu este ano uma ac-

tividade mais regular, consagrando-se à produção dos jovens autores que, no conjunto, parecem demonstrar a possível vitalidade das novas gerações. Apesar de uma certa irregularidade dos níveis demonstrados, acusando preocupações prospectivas pouco ligadas a uma selecção rigorosa, algumas exposições parecem-nos reveladoras e bastante significativas. Descontando o caso de Manuel Baptista, autor já suficientemente afirmado que apresentou excelentes desenhos de certo modo exemplificadores das raízes do seu processo pictórico, é possível apontar os casos de António Mendes, Miguel Arruda,

real, desfocando a representação para melhor analisar a sua mentira e a sua verdade. Eduardo Nery, num outro sentido, juntou à sua obra anterior um acto de coragem, levando a pintura, pela ironia e pelo confronto de certas experiências, a um limite em que ela se redefine pelo absurdo e se autocontesta.

## GRAVURA

A Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses documenta a sua actividade através de diversos autores, dos quais se destacam Maria Beatriz, Fernando Calhau, Camila Loureiro e Dacos. O papel desta Sociedade no domínio de gravura em Portugal, de acordo com uma linha pedagógica bem definida e verdadeiramente actual, tem sido da maior importância para o ressurgimento daquela técnica entre nós.

## JUDITE DACRUZ

Esta Galeria, de recente formação, cumpriu a sua primeira temporada este ano, ensaiando novos sistemas de gestão técnica e administrativa e procurando dignificar o objecto de arte num plano de mercado. Os resultados parecem bastante positivos, tomando em linha de conta a sua documentação neste Salão. Foram apresentados dois artistas convidados, Noronha da Costa e João Hogan, para além dos artistas privativos (João Vieira, Menez, Nuno Siqueira e Rocha de Sousa) dos quais se realizaram exposições colectivas e duas individuais. João Hogan apresentou pintura, com as suas paisagens intensas e dramáticas resolvidas numa escala ficção mais monumental e Noronha da Costa repetiu, com subtilidade e novas experiências, o seu programa visto na Buchholz.

Das outras exposições apresentadas, sobre as quais não podemos formular o devido julgamento nesta altura por nos faltar a disponibilidade requerida, destaca-se a que foi proposta como homenagem a Vieira da Silva, com a contribuição de algumas galerias de Lisboa.

## QUADRANTE

A Galeria Quadrante continuou a demonstrar vitalidade semelhante à dos anos anteriores, propondo sobretudo autores novos e mostrando-se sempre aberta ao risco dessa experiência. Autores apresentados: Marilyn Reynolds, Ferraz e Paisana, Pomar, Helena Almeida, Calhau, Dixo, Marcelo Costa (2), David Evans e Nesbitt. Pode-se dizer que a parte mais interessante

deste programa residiu de novo nos autores mais recentes, na sua juventude, na sua imaginação e na sua irreverência, por muito discutível que algumas obras se apresentem. Ferraz e Paisana concretizaram melhor o seu programa em torno da percepção e da proposta lúdica. Calhau reforçou o seu despoimento irónico e esclarecedor, Helena Almeida continuou o desdobramento do exercício gráfico no espaço real e Nesbitt voltou a cuidar das suas máquinas sumárias, irritantes e admiravelmente inúteis.

## INTERIOR

A Interior passou a agrupar, depois da exposição realizada a Metalúrgica Longra, os artistas João Abel Manta, Fernando Conduto, Charrua, Sá Nogueira, Maria Velez e António Sena. Este grupo, ainda que heterogéneo quanto à natureza da sua produção no domínio das preferências, mostrou-se sempre muito homogéneo quanto ao nível das obras. Esses artistas representam, se descontarmos o caso de António Sena, um dos conjuntos mais significativos da arte moderna portuguesa e as exposições individuais realizadas ao longo da temporada, para além do nosso próprio critério de escolha e de insumimento, foram de facto exemplos de uma visão já so-

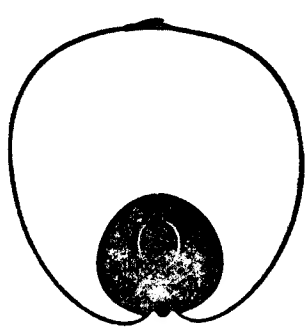
lidamente alicerçada e de temperamentos já definidos. António Sena também aí se inscreve com inteira legitimidade, pois só o destacamos por não corresponder ao mesmo tempo de criação e às mesmas ligações de natureza profissional.

## INTERFORMA

Com um programa débil, descontínuo e pouco criterioso, a Interforma representou-se no Salão com obras de Tomás Mateus, Relógio e Carlos Lança. Será talvez de justiça assinalar o esforço de Tomás Mateus para ajustar o seu temperamento às problemáticas que hoje mais afectam a criação artística no campo da pintura.

## 111

Esta Galeria inaugurou no fim da temporada as suas novas instalações, demonstrando a vitalidade extraordinária e um «controle» de mercado fora do comum. Significativamente, Vieira da Silva foi escolhida para aquela inauguração. A 111, com direcção do «marchand» Manuel de Brito, tem desenvolvido um trabalho intenso na promoção de mercados e de autores, revelando um dinamismo e um poder de iniciativa verdadeiramente exemplares. A sua representação é, de resto, significativa, pois



José Rodrigues (desenho)

... sou... com Victor Fortes, Jasmim, Nélia Skarinkis, Polina Vieira da Silva, Manuel Baptista, Espiga Pinto, Cruz Filipe, Vespa, Nery e Ruy Leitão. Poderemos aqui assinalar a exposição de Victor Fortes (que renovava a experiência da gravura na dilatação do espaço pictórico), Manuel Baptista (que redescobria nos seus relevos um informalismo antigo, saudosista e lírico) e de Eduardo Nery (uma retrospectiva da sua produção anterior mais característical).

(1) Embora escusando-se até ao limite do possível, o autor destas linhas, por razões óbvias, sente não dever excluir o seu nome de um programa que foi praticado.

(2) É oportuno esclarecer que a crítica dedicada neste Suplemento a Marcello Costa (e que deveria intitular-se «A Mecânica do Humor») saiu por gralha com o título «A Mecânica do Amor». Em virtude da rectificação ter sido esquecida, aproveitamos agora para fazê-la, com os nossos pedidos de desculpa ao artista e aos nossos leitores.

adapt. CANAL 1

Pelikan

para o Estudante

desenhar, pintar, safar, escrever e colar

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

# A LONGA MARCHA DE NIKOS KAZANTZAKI

por Vassilis Alexakis

SEGUIR PASSO A PASSO Nikos Kazantzaki, desde o seu nascimento em Creta no ano de 1883, até a sua morte em Fribourg (Suíça), em 1957, não é trabalho que se diga repousante. Poeta, romancista, dramaturgo, jornalista e tradutor, Kazantzaki foi também um grande viajante. «*percorrendo incansavelmente a Terra saudando todas as coisas de tudo se despedindo*».

«*Durante os catorze anos da nossa vida em comum*» — escreve a sua primeira mulher — *sabes quanto tempo passámos juntos? Ao todo e para tudo quatro anos!*. O primeiro mérito de Colette Janiaud-Lust, autora de um importante estudo sobre a vida e a obra de Kazantzaki (1), é o de ter seguido o escritor dia após dia em todas as suas deslocações. Ela pôde assim assistir ao segundo aniversário da revolução russa, acompanhar a guerra de Espa-

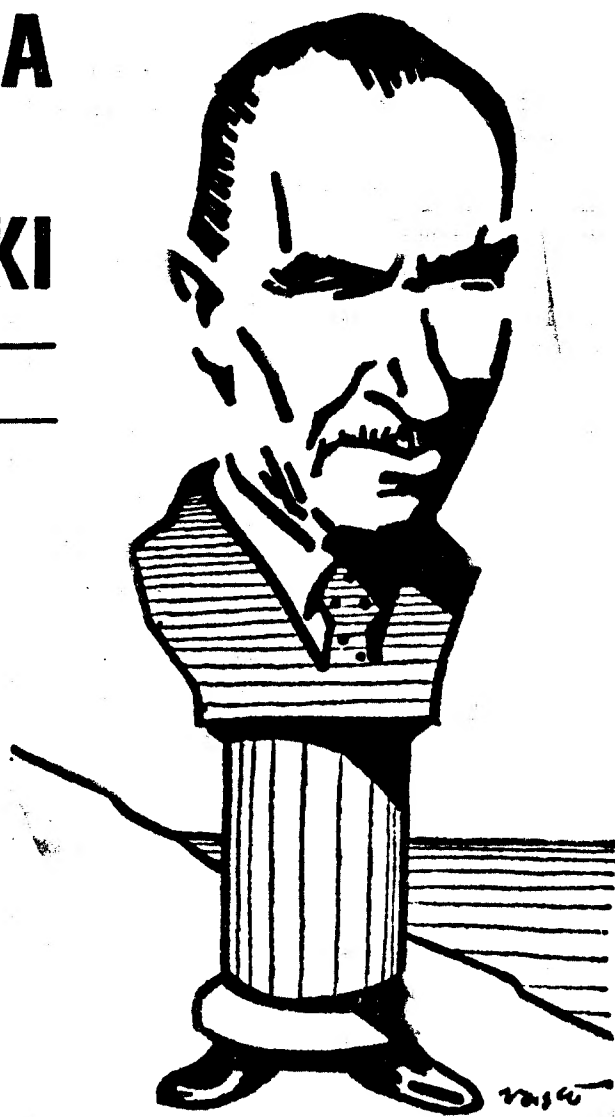
as imagens e as visões que ele recolhia ao longo da sua longa marcha e, em primeiro lugar nos artigos que enviava para os jornais gregos, artigos que depois foram reunidos em numerosos volumes. Encontramos a União Soviética em *Toda Raba*, obra escrita directamente em francês; o Extremo-Oriente em *O Jardim dos Rochedos*, romance igualmente escrito em francês; Creta em *Liberdade ou Morte* e o balanço desta periplo que foi a sua vida na sua obra-prima poética que justamente se intitula *A Odisseia*.

«*Penso que a minha salvação de homem de espírito*» — escrevia Kazantzaki — *depende de «A Odisseia». Se ela vier, eu viverei; e, assim, esta obra, aliás pouco conhecida, é composta de trinta e três mil e três versos de dezassete sílabas, tendo a sua elaboração durado mais de dez anos.*

Kazantzaki resume assim o princípio da sua *Odisseia*, que começa onde acaba a de Homero:

«*Ulisses após o massacre dos pretendentes, aborrecia-se na sua ilha: a mulher, os filhos, a antiga pátria e os antigos deuses lá o não continham, decide então deixar Itaca e empreender uma última viagem, uma viagem sem regresso.*»

A viagem de Ulisses, como a de Kazantzaki, teve o mesmo objectivo: encontrar Deus. Nem um nem outro o encontraram; no caminho, encontraram Cristo. Buda, Lenine; por um momento, estes deuses encheram-nos de esperança, mas não os retiveram:



os dois viajantes tomaram definitivamente o rumo do abismo. Seguindo um itinerário traçado com precisão em *Ascese* (publicado na col. «10-18»), livro de uma centena de páginas, escrito em 1922-1923, que encerra a filosofia de Nikos Kazantzaki. «*Foi a semente donde floriu toda a minha obra; tudo o que pude escrever seguidamente não foi mais que um comentário e uma ilustração de Askestiki*», escrevia ele dois anos antes da morte.

Esta filosofia pode resumir-se em duas palavras: pessimismo heróico. O sábio cruza os braços e pensa: «*Helena não existe!*». «*O significado de Helena é a luta por Helena*», diz Kazantzaki. Ele exalta o homem que luta, que não espera recompensa de nenhuma parte, que sabe muitíssimo bem que a viagem terminará numa catarata que o absorverá e que se ri disso.

«*Um homem descia, desde há anos, o curso dum rio quando, de repente, se encontrou diante de uma catarata abissal. Cruza então os braços e põe-se a cantar. Ele o ponto mais alto a que pode aspirar um homem.*» («*O Jardim dos Rochedos*»).

É certamente difícil seguir Kazantzaki no seu periplo. Todavia, para compreender a obra, é necessário segui-lo do princípio ao fim. Aquele que leu unicamente *Toda Raba* terá de Kazantzaki uma opinião diferente daquele outro que leu *O Pobre de Assis*, *A Última Tentação* ou *Buda*. Os romances, as tragédias, as narrativas de viagem marcam as etapas dum itinerário espiritual e são, por consequência, muito diferentes entre si. A obra de Kazantzaki é tão variada que dela se podem retirar argumentos suficientes para defender numerosas teses contraditórias. A Grécia

conservadora preferiu ater-se a esta citação: «*Eu sou um bolchevique extremo, mesmo que o nosso entusiasmo não seja absolutamente lógico nem justo.*» A esta citação muitas outras se podem opor e nomeadamente esta, extraída de uma carta que Kazantzaki escreveu ao seu amigo mais fiel, o escritor cretense Pandéllis Prévélakis: «*Estou libertado do vermelho e das outras cores. cessa de identificar o destino da minha alma — da minha redenção — com o destino de qualquer ideia. Sei que as ideias são inferiores a uma alma criativa.*» A verdade é que nem mesmo a morte do escritor foi suficiente para apaziguar a hostilidade de uma boa parte da opinião pública grega. Kazantzaki passou os seus últimos anos em Antibes. Quando, a 3 de Novembro de 1957, chegou à Grécia o caixão que continha os seus restos mortais, nenhuma igreja o quis acolher, pelo que foi depositado na morgue...

Colette Janiaud-Lust estudou com minúcia exemplar os múltiplos aspectos desta obra tão vasta: de *A Odisseia* até aos mais pequenos papéis rabiscados por Kazantzaki nada foi omitido. A autora avaliou criteriosamente a dimensão espiritual de Kazantzaki para com Bergson, de quem foi discípulo no «*Collège de France*», para com Nietzsche, a quem dedicou a sua tese, e para com a extraordinária personalidade de romance que foi na realidade Zorba.

A terminar o livro, Colette Janiaud-Lust traça as etapas do itinerário de Nikos Kazantzaki, porque o que importa talvez reter é que é preciso avançar sempre, é preciso nunca dizer «*Aqui está-se bem, podemos ficar*».

(Exclusivo «*Le Monde*» — «*Diário de Lisboa*»)

## A praga litúrgica

### A CESÁRIO VERDE

A praga litúrgica teve hoje uma pausa. Pagou-se ao carcereiro. Seu espírito bondoso reflectiu-se no modo ensinado do filho (Veio receber-me ao fim da escada... — calculem!... — e ofereceu-me a face, carinhosamente... Tomou, depois, a brincar aos comboios — o palzinho não quis que ele comesse as uvas, na minha frente). A Hel funcionária estava ausente. Tudo «montado», pois, para a comédia. A mamã — como sempre — muito supersticiosa... Sentada à secretária — muito traçoelira... Foi — nos sumidos tempos da avó materna — funcionária dos correios: vendendo selos procedia, concomitantemente, ao inventário dos costumes. Ausente, também, o autor da carta (do bilhete, — porque o tempo para o logo nunca é de mais). As mesmas aves no poleiro. Outra criada. Foi lavada — a sabão amarelo reluzente — a escada-de-serviço. Por ela subimos. Escandalosamente. Pelo outro lado — o das pessoas — não é bom subir. *C'est défendu*. Há que dar a volta —: obedecer! Assim se faz em toda a parte. Tributados foram novos elogios, que istural De couves, de tomates (— que dizes tu a isto, — que estás longe?! — de conservas comovedoras estava ainda fornecido o quiosque. Muitas estatuetas célebres. A máscara — deformada — de Camilo. E — imaginem!... — mesmo paredes meias com Camilo... um pequeno *remember* trazido das Canárias: um par de botões de punho, em exposição fatídica. Amigável — muito! — a oferta e a recepção. — Que bonitos! — exclamem. — E como se conservam... até parecem de ouro... Perguntado foi pela intercessora, a mediadora entre Céu e Inferno. Dito foi que muito a estimávamos. Que — todos os dias, ao levantar, ao deitar, todas as noites — rezávamos por ela um Pai-Do-Céu. — Que sim, que com todas estas enormes transformações —: o nosso futuro estava assegurado. Intervém, agora, o homem-da-pasta. Chego a acreditar que nele... nele... nele está, por Obra e Graça da Providência, a humana (a Divina, peço a Deus que me perdôe...) intercessão esclarecedora dos êxitos e fracassos, — dele e meus, é bom notar-se.



Agora foi-se embora a cozinheira.

E — como estamos no fim do pequeno-almoço — começa a grande, a Grandel, a diabólica confusão entre o que é do mérito e da responsabilidade das celestes entidades e obra, pequena mas constante, do vendedor de jornais.

— Convidou-me para padrinho, sim senhor! — do filho que vai nascer. *Et moi* — pateta! — quase que chorei...

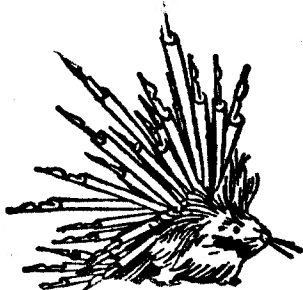
Há entretanto, — os ódios, as repugnâncias, a dúvida se isto presta para alguma coisa...

E... de como a vida é melancólica quando não temos nada, nada... a fazer...

(Eu bem dizia que este *litalo* para alguma coisa serviria...)

(Post-scriptum: a sensação — maligna — da inutilidade de tudo.)

RAUL DE CARVALHO



na, descobrir a Itália fascista e também o Egípto, Jerusalém, Chipre, o Japão, a China, a Inglaterra e, obviamente, a Grécia.

Encontramos em todas as obras de Kazantzaki

## SALDOS

### NA QUADRANTE

LIVROS

### INGLESES E BRASILEIROS

AV. LUÍS BIVAR, 85-C — TELEFOS, 53 42 62 - 53 37 66

## Sá de Miranda

ENSINO PRIMARIO E INFANTIL  
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL  
DIURNO - NOCTURNO

Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)  
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS